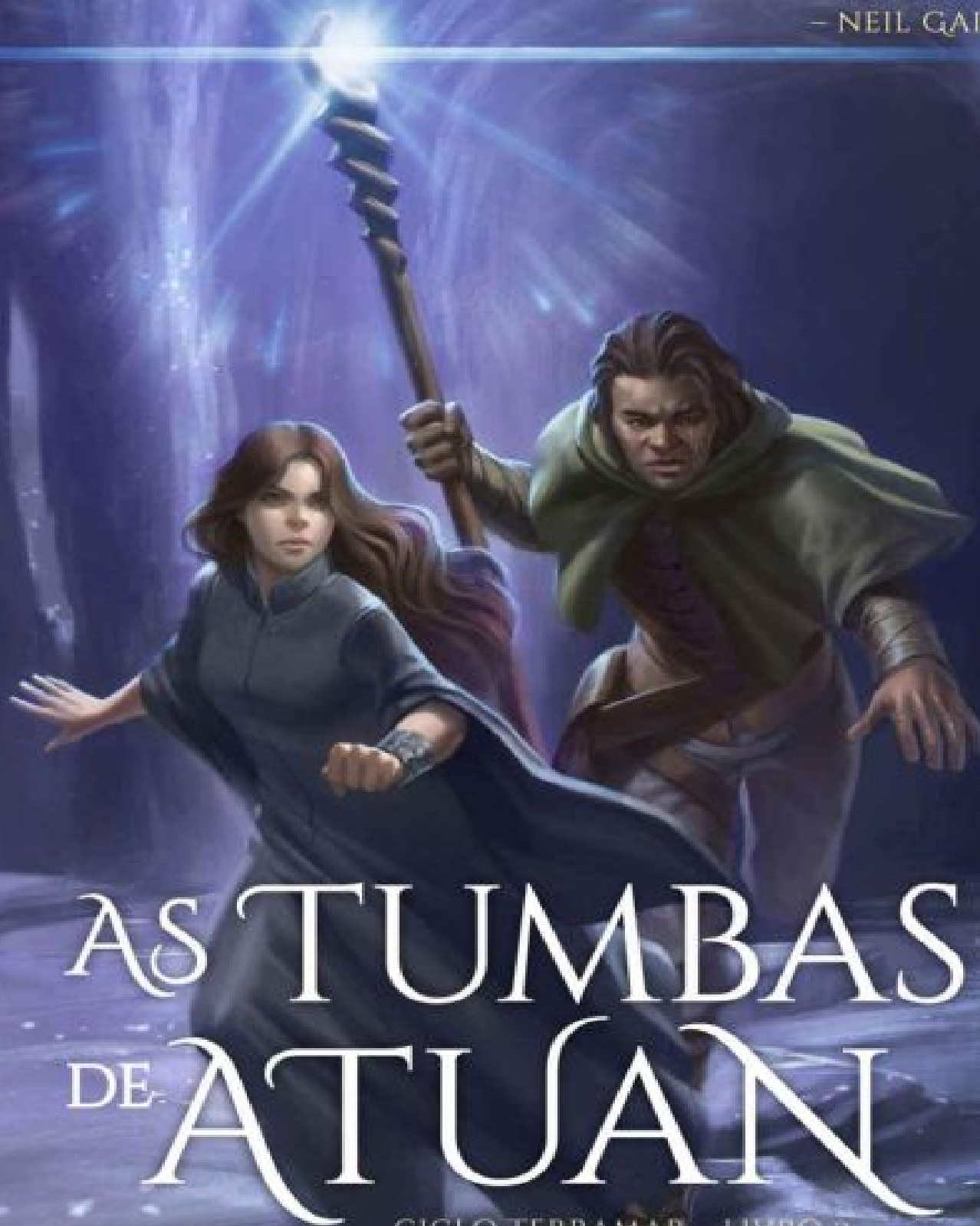


URSULA K. LE GUIN

"As lições de Terramar continuam tão potentes, sábias e necessárias quanto qualquer um poderia sonhar."

— NEIL GAIMAN



AS TUMBAS DE ATUAN

CICLO TERRAMAR – LIVRO 2

AS TUMBAS
DE ATUAN

URSULA K. LE GUIN

AS TUMBAS
DE ATUAN

CICLO TERRAMAR - LIVRO 2



Título original: *The Tombs of Atuan*
Copyright © 1970, 1971 por Ursula K. Le Guin
Copyright renovado © 1998, 1999 por Ursula K. Le Guin
Copyright do posfácio © 2012 por Ursula K. Le Guin

Os direitos morais da autora são inalienáveis e irrenunciáveis.
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

tradução: Vera Ribeiro

preparação de texto: Gabriel Machado

revisão: Flávia Midori e Sheila Louzada

diagramação: Abreu's System

capa: Ana Paula Daudt Brandão

ilustração da capa: Ursula “SulaMoon” Dorada

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G982t

Guin, Ursula K. Le,
As tumbas de Atuan [recurso eletrônico]/ Ursula K. Le Guin; tradução de Vera
Ribeiro. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital (Ciclo Terramar; 2)

Tradução de: The tombs of atuan
Sequência de: O feiticeiro de Terramar
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-85-8041-708-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

17-40130

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

TERRAMAR





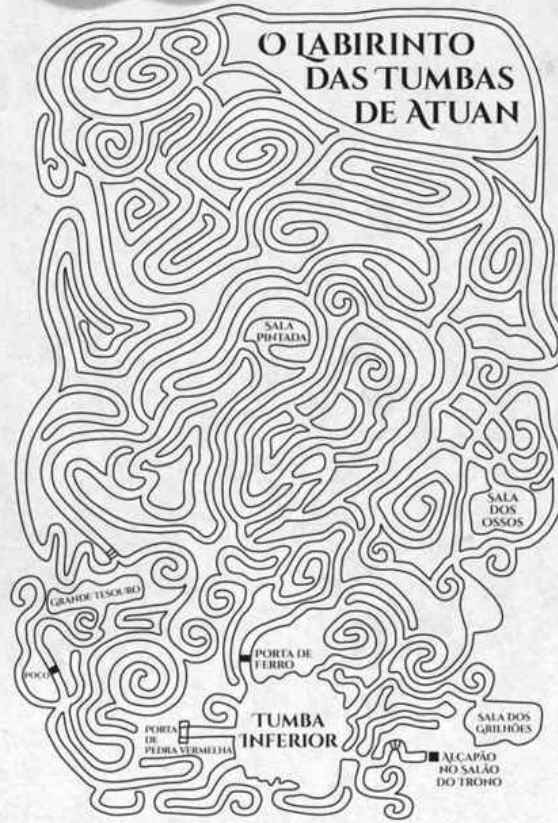
TERRAMAR





RJO

O LABIRINTO DAS TUMBAS DE ATUAN



Para a ruiva
de Telluride

prólogo

— Venha para casa, Tenar! Venha para casa!

No vale profundo, à luz do crepúsculo, as macieiras estavam prestes a florescer; aqui e ali, entre os ramos ensombrecidos, uma flor se abrira cedo, rosada e branca qual uma estrela débil. Pelas aleias do pomar, na grama espessa, nova e úmida, a garotinha corria apenas pela alegria de correr. Ao ouvir o chamado, não se aproximou de pronto, mas descreveu um amplo círculo antes de virar o rosto para casa. À espera na porta da choupana, com a luz da lareira às costas, a mãe observava a figura pequenina que corria e saltitava como lanugem de cardo soprada sobre a relva obscurecida entre as árvores.

Junto a um canto externo da choupana, onde retirava a crosta de terra de uma enxada, o pai questionou:

– Por que você deixa seu coração se apegar à menina? Vão levá-la embora no mês que vem. Para sempre. Melhor seria enterrá-la e acabar logo com o sofrimento. De que adianta se apegar a alguém que você está fadada a perder? Ela não tem serventia para nós. Se pagassem por ela, ainda seria alguma coisa, mas não é o que farão. Vão levá-la e pronto.

A mãe nada disse, observando a criança, que havia parado para erguer os olhos por entre as árvores. Acima dos altos montes e dos pomares brilhava a estrela vespertina, com uma claridade intensa.

– Ela não é nossa, nunca foi, desde que vieram aqui dizer que deve ser a Sacerdotisa das Tumbas. Por que você não consegue enxergar isso? – A voz do

homem tinha a rispidez do queixume e da amargura. – Você tem outros quatro. Eles ficarão aqui, mas essa não. Então não prenda seu coração a ela. Deixe-a para lá!

– Quando chegar o momento, eu a deixo para lá – replicou a esposa.

Ela se inclinou para acolher a criança, que vinha correndo com seus pezinhos brancos e descalços pelo chão lamacento, e a pegou no colo. Ao se virar para entrar na choupana, beijou a cabeça da menina, os negros cabelos que contrastavam com as mechas louras da mãe, vistas sob o lampejo da lareira.

O homem permaneceu do lado de fora, os pés descalços e frios no chão, o céu límpido da primavera escurecendo acima dele. Na penumbra, seu rosto estava tomado por uma tristeza sombria, pesada, raivosa, que ele jamais encontraria palavras para expressar. Por fim, deu de ombros e seguiu a mulher, entrando no cômodo iluminado pelo fogo, onde ressoavam vozes infantis.

Capítulo 1

A devorada

Uma trompa aguda estridulou e se calou. O silêncio subsequente só foi abalado pelo som dos muitos passos que marcavam o tempo pelo rufar de um tambor, percutido de leve, ao ritmo lento das batidas do coração. Pelas frestas do telhado do Salão do Trono, aqueles hiatos entre as colunas onde toda uma parte da alvenaria e das telhas ruíra, a luz hesitante do sol brilhava em feixes oblíquos. Já se passara uma hora desde o alvorecer. O ar ainda era parado e frio. As folhas mortas das ervas daninhas, que haviam aberto caminho por entre as lajes de mármore do piso, eram delineadas pela geada e estalavam, prendendo-se às longas túnicas negras das sacerdotisas.

Elas vieram, quatro a quatro, pelo vasto salão entre fileiras duplas de colunas. O tambor tinha um rufar surdo. Ninguém falava, ninguém observava. As tochas carregadas pelas jovens de preto ardiam avermelhadas nos feixes de luz do sol e mais luminosas na penumbra entre eles. Do lado de fora, na escadaria do Salão do Trono, postavam-se os homens: guardas, trombeteiros, tocadores de tambor. Pelas enormes portas só haviam passado mulheres, com suas túnicas e capuzes escuros, caminhando em grupos de quatro, a passo lento, em direção ao Trono Vazio.

Vieram duas mulheres altas, avultando em trajes negros – uma magra e rígida, a outra pesada, gingando. Entre elas caminhava uma menina de 6 anos,

talvez. Usava uma túnica branca de linhas retas. Estava descalça, com a cabeça, os braços e as pernas descobertos. Era muito pequena. Aos pés dos degraus que levavam ao trono, onde agora as outras aguardavam em fileiras escuras, as duas mulheres altas se detiveram. Empurraram a menina um pouquinho para a frente.

O trono, em sua plataforma alta, parecia cortinado de ambos os lados por enormes redes de negrume que pendiam da escuridão do teto; se eram mesmo cortinas ou apenas sombras mais densas, o olho não saberia dizer ao certo. O próprio trono era negro, enorme, com um brilho opaco de pedras preciosas ou de ouro nos braços e no espaldar. Sentado ali, um homem se apequenaria, pois ele não tinha dimensões humanas. Estava vazio. Apenas sombras se assentavam nele.

Sozinha, a menina subiu quatro dos sete degraus de mármore de veios vermelhos. Eram tão largos e altos que ela precisava pôr os dois pés em um para tentar escalar o seguinte. No degrau do meio, bem em frente ao trono, havia um grande bloco rústico de madeira, escavado na parte de cima. A menina se prostrou sobre os joelhos e encaixou a cabeça na parte côncava do bloco, virando-a um pouco de lado. Assim permaneceu, sem se mexer.

Súbito, uma figura com uma túnica cintada de lã branca saiu das sombras, à direita do trono, e desceu os degraus até a menina. O rosto estava coberto por uma máscara da mesma cor. Empunhava uma espada de aço polido de 1,5 metro de comprimento. Sem palavras ou hesitação, brandiu a espada com as duas mãos e a ergueu acima do pescoço da garotinha. O tambor parou de tocar.

Enquanto a lâmina atingia o ponto mais alto e se imobilizava, um vulto de preto disparou da esquerda do trono, desceu os degraus de um salto e deteve os braços do sacrificante, com seus braços mais finos. O gume afiado da espada cintilou no ar. E assim as duas se mantiveram em equilíbrio por um momento, a figura branca e a negra, ambas sem rosto, numa espécie de dança acima da criança imóvel, cujo cabelo preto repartido deixava à mostra o pescoço branco.

Em silêncio, cada uma saltou para um lado e tornou a subir os degraus, desaparecendo na escuridão atrás do enorme trono. Uma sacerdotisa avançou e derramou o líquido de uma tigela nos degraus ao lado da menina ajoelhada. A mancha pareceu negra em meio à penumbra do salão.

A menina se levantou e desceu os quatro degraus com dificuldade. Quando

parou na base da escada, as duas sacerdotisas altas a vestiram com túnica, capuz e manto negros e a viraram de frente para a escada, a mancha escura e o trono.

– Que os Inominados contemplem a menina que lhes é oferecida, ela que é, verdadeiramente, a que nasceu para sempre sem nome. Que dela aceitem a vida e os anos de vida, até sua morte, que também pertence a eles. Que a considerem aceitável. Que ela seja devorada!

Outras vozes, estrídulas e agudas como clarins, responderam:

– Ela é devorada! Ela é devorada!

Debaixo do capuz preto, a menina ergueu os olhos para o trono. As gemas incrustadas no espaldar e nos enormes braços em forma de garras tinham uma película de poeira, e no encosto havia teias de aranha e manchas esbranquiçadas de fezes de coruja. Os três degraus mais altos, bem defronte do trono, acima de onde ela se ajoelhara, nunca tinham sido galgados por pés mortais. Mais pareciam uma ladeira de terra cinzenta, pois o mármore estriado de vermelho era totalmente oculto pelos amontoados de pó de sabe-se lá quantos anos, quantos séculos.

– Ela é devorada! Ela é devorada!

De repente, o tambor recomeçou a tocar, marcando um ritmo mais acelerado.

Em silêncio e arrastando os pés, a procissão se formou e se afastou do trono, rumando em direção ao quadrado distante e luminoso do portal. De ambos os lados, as grossas colunas duplas, como panturrilhas de imensas pernas alvas, subiam para a penumbra crepuscular sob o teto. Em meio às sacerdotisas, e agora toda de preto, caminhava a menina. Seus pezinhos calcavam os tufos congelados de mato e as pedras geladas de modo solene. Quando o sol entrava de viés pelo telhado destruído e lampejava em seu caminho, ela não erguia os olhos.

Guardas mantinham abertas as enormes portas. A procissão negra saiu para a luz tênue e o vento frio do amanhecer. Os raios de sol faiscavam, oscilando sobre a vastidão do leste. A oeste, as montanhas captavam sua luz amarela, assim como a fachada do Salão do Trono. As demais construções, em pontos mais baixos da encosta, ainda estavam na sombra arroxeadas, exceto o Templo dos Irmãos-Deuses, situado num pequeno outeiro em frente: seu telhado, recém-revestido de ouro, refletia a luz diurna em gloriosos clarões. A fila de sacerdotisas, dispostas quatro a quatro, serpeava pela descida da Colina das

Tumbas e, ao avançar, começou a entoar um cântico em voz baixa. A melodia tinha apenas três notas, e a palavra incessantemente repetida era tão antiga que havia perdido o significado, como uma placa de sinalização que permanece de pé depois que a estrada acaba. Vez após outra elas cantaram a palavra vazia. Todo aquele dia de Recriação da Sacerdotisa foi repleto da música baixa das vozes femininas, um zumbir seco e ininterrupto.

A menina foi levada de sala em sala, de templo em templo. Num local, puseram sal em sua língua; em outro, ela se ajoelhou voltada para o oeste, enquanto seu cabelo era cortado e banhado com azeite e vinagre aromático; num terceiro, deitaram-na de bruços sobre uma laje de mármore negro, atrás de um altar, e vozes estrídulas entoaram um lamento para os mortos. Durante todo aquele dia, nem ela nem qualquer das sacerdotisas ingeriram alimentos ou beberam água. Quando a estrela vespertina se pôs, a menina foi colocada na cama, nua entre mantas de pele de ovelha, num quarto em que nunca havia dormido. Ficava numa casa que passara anos trancada e só agora fora aberta. O pé-direito do quarto era maior que o comprimento e não havia janelas. Pairava ali um cheiro de morte, um ar parado e rançoso. As mulheres silenciosas deixaram a menina no escuro.

Ela permaneceu quieta, na posição em que a abandonaram. Manteve os olhos bem abertos. E assim ficou por muito tempo.

Viu uma chama tremular na parede alta. Alguém chegou pé ante pé pelo corredor, protegendo uma candeia para que não irradiasse mais luz que um vagalume. Um cochicho rouco soou:

– Ei, Tenar, você está aí?

A menina não respondeu.

Uma cabeça surgiu no vão da porta, uma cabeça estranha, calva como uma batata descascada e da mesma cor amarelada. Os olhos pareciam brotos de batata, castanhos e minúsculos. O nariz era apequenado pelas enormes bochechas achatadas e a boca era um talho sem lábios. A menina fitou impassível aquele rosto, com seus olhos grandes e negros.

– Ei, Tenar, meu favinho de mel, você está aí? – A voz era rouca, fina como a de uma mulher. – Eu não deveria estar aqui, meu lugar é do outro lado da porta, na varanda, é para lá que eu vou. Mas eu tinha que ver como estava a minha

Tenarzinha, depois de todo este dia cansativo, hein, como vai o meu pobre favinho de mel?

Ele se aproximou da menina, silencioso e corpulento, e estendeu a mão como que para lhe alisar o cabelo.

– Não sou mais Tenar – retrucou a criança, erguendo os olhos para ele.

A mão se deteve; o homem não a tocou.

– Não – sussurrou ele após um momento. – Eu sei, eu sei. Agora você é a pequenina Devorada. Mas eu...

Ela permaneceu calada.

– Foi um dia penoso para uma menina – disse o homem, remexendo os pés, enquanto a luzinha cintilava em sua manzorra amarela.

– Você não deveria estar nesta casa, Manan.

– Não. Não. Eu sei. Não deveria estar nesta casa. Bem, boa noite, pequenina... Boa noite.

A criança nada falou. Manan deu meia-volta devagar e foi embora. A luz fraca morreu nas paredes altas da cela.

A menina, que já não tinha nome senão Arha, a Devorada, ficou deitada de costas, os olhos cravados na escuridão.

Capítulo 2

o muro ao redor do lugar

À medida que crescia, ela perdeu todas as lembranças da mãe, sem saber que as perdia. Sua casa era ali, no Lugar das Tumbas; sempre fora aquele o seu lugar. Só que às vezes, nas longas noites de julho, ao contemplar as montanhas ocidentais, secas e da cor do leão à luz avermelhada do crepúsculo, ela pensava no fogo que havia queimado numa lareira, fazia muito tempo, com a mesma coloração amarelo-clara. E com isso vinha uma lembrança de ser abraçada, o que era estranho, porque ali raras vezes chegavam a tocá-la, e a recordação de um aroma agradável, uma fragrância de cabelo recém-lavado e enxaguado em água perfumada com sálvia, uma longa cabeleira loura, da cor do pôr do sol e do fogo. Era tudo que lhe restara.

Ela sabia mais do que lembrava, é claro, pois lhe tinham contado a história toda. Aos 6 ou 7 anos, quando começava a se perguntar quem era realmente essa pessoa chamada “Arha”, ela havia procurado seu guardião, o vigia Manan, e pedira:

- Conte-me como fui escolhida, Manan.
- Ah, você sabe de tudo, pequerrucha.

E sabia mesmo. Thar, a sacerdotisa alta, de voz seca, lhe relatara a história até ela decorar as palavras, e foi assim que as recitou:

- Sim, eu sei. Na morte da Sacerdotisa Única das Tumbas de Atuan, as

cerimônias de sepultamento e purificação completam-se em um mês, pelo calendário lunar. Depois disso, algumas sacerdotisas e guardiões do Lugar das Tumbas partem pelo deserto, por entre as aldeias e os vilarejos de Atuan, procurando e fazendo perguntas. Buscam a menina nascida na noite da morte da Sacerdotisa. Quando a encontram, esperam e observam. Ela deve ter corpo e mente sãos e, ao crescer, não deve sofrer de raquitismo ou varíola, nem ter qualquer deformidade ou ficar cega. Se ela chegar sem máculas aos 5 anos, sabe-se que seu corpo é mesmo o novo corpo da Sacerdotisa que morreu. A menina torna-se conhecida do Rei-Deus de Awabath e é trazida para o Templo e instruída durante um ano. E, ao final do ano, é levada ao Salão do Trono, e seu nome é devolvido àqueles que são seus Senhores, os Inominados, porque ela é a anônima, a Sacerdotisa Sempre Renascida.

Tratava-se de uma reprodução literal do que lhe contara Thar, e ela nunca se atrevera a pedir uma palavra a mais. A sacerdotisa magra não era cruel, mas era muito fria e pautava sua vida por uma lei férrea, e Arha a fitava com assombro e temor. Mas não temia Manan, longe disso, e lhe ordenou:

– Agora, conte-me como *eu* fui escolhida!

E ele tornou a contar:

– Saímos daqui, tomando o rumo noroeste, no terceiro dia do quarto minguante, porque a Arha-que-se-foi havia morrido no terceiro dia da lua anterior. Primeiro fomos a Tenacbah, que é uma cidade grande, embora digam que está para Awabath como uma pulga para uma vaca. Mas para mim é bastante grande, deve haver dez centenas de casas lá! E depois fomos a Gar. Mas ninguém nessas cidades tinha uma filha nascida no terceiro dia da lua de um mês antes; alguns haviam tido garotos, mas meninos não servem... Assim, seguimos para a região serrana ao norte de Gar, indo a aldeias e vilarejos. Aquela é minha terra. Nasci nas montanhas de lá, onde os rios correm e a terra é verde. Não neste deserto.

A voz rouca de Manan assumiu um tom estranho e seus olhos pequenos ficaram bem escondidos nas pálpebras. Ele fez uma breve pausa e, por fim, continuou:

– E, assim, encontramos e falamos com todos os que tinham sido pais de filhos nascidos no mês anterior. E alguns mentiam para nós, dizendo “Ah, sim, com certeza a nossa menina nasceu no terceiro dia da lua!”. É que os pobres,

sabe, costumam ficar contentes por se livrar das meninas recém-nascidas. E havia outros tão miseráveis, morando em choupanas solitárias nos vales das montanhas, que nem guardavam a conta dos dias, e mal sabiam dizer as horas, de modo que não tinham certeza da idade de seus bebês. Mas sempre conseguíamos chegar à verdade, perguntando por tempo suficiente. Só que era um trabalho lento. Finalmente encontramos uma menina, num vilarejo de dez casas, nos vales de pomares a oeste de Entat. Tinha 8 meses, o tempo durante o qual estivéramos procurando, e havia nascido na noite do falecimento da Sacerdotisa das Tumbas, a menos de uma hora da morte dela. E era uma bela menina, sentada no colo da mãe e voltando os olhos brilhantes para todos nós, espremidos no único cômodo da casa feito morcegos numa caverna! O pai era um homem pobre. Cuidava das macieiras do pomar do homem rico e nada tinha de seu, exceto cinco filhos e uma cabra. Nem mesmo a casa era dele. Assim, lá ficamos todos nós, apinhados. Pelo jeito como as sacerdotisas olhavam para a neném e conversavam entre si, era visível que pensavam ter finalmente encontrado a Renascida. E a mãe também percebeu. Ficou segurando a menina, calada. E assim, bem, voltamos no dia seguinte. E vejam só! Lá estava a menininha de olhos brilhantes, deitada num catre de junco, chorando e gritando, com o corpo todo coberto de lanhos e manchas vermelhas de febre, e a mãe se lamuriando ainda mais alto que o bebê. “Ai, ai! Minha filhinha está com os Dedos da Bruxa!” Era assim que ela se referia à varíola. Na minha aldeia, também chamavam a doença de Dedos da Bruxa. Mas Kossil, essa que agora é Suma Sacerdotisa do Rei-Deus, foi até o catre e pegou a criança. Os outros todos haviam recuado, e eu com eles; não dou muito valor à minha vida, mas quem entra numa casa em que esteja a varíola? Só que aquela não tinha medo, ela não. Pegou a menina e disse: “Ela não está com febre.” Cuspiu num dedo, esfregou as manchas vermelhas e elas saíram. Eram apenas sumo de frutas silvestres. A boba da mãe, pobrezinha, tinha tentado nos enganar para ficar com a filha!

Manan deu uma sonora gargalhada; seu rosto amarelo mal se alterou, mas as laterais do corpo arfaram.

– Assim, o marido bateu nela, por medo da ira das sacerdotisas. Logo voltamos para o deserto, mas todo ano uma das pessoas do Lugar voltava ao vilarejo entre os pomares de macieiras para ver como estava a menina. Assim, passaram-se cinco anos, então Thar e Kossil viajaram acompanhadas por

guardas do Templo e por soldados de capacete vermelho enviados pelo Rei-Deus para escoltá-las com segurança. Eles trouxeram a menina para cá, pois ela era mesmo a Sacerdotisa das Tumbas renascida e seu lugar era aqui. E quem era a menina, hein, pequerrucha?

– Eu – respondeu Arha, mirando o horizonte distante, como que para ver algo que não podia ver, algo que sumira de vista.

Uma vez ela perguntara: “O que a... a mãe fez quando foram buscar a menina e levá-la embora?”

Porém, Manan não sabia; não tinha ido com as sacerdotisas naquela última viagem.

E ela não conseguia se lembrar. Mas também de que adiantava? Estava acabado, tudo havia acabado. Ela fora para onde deveria ir. No mundo inteiro, conhecia apenas um local: o Lugar das Tumbas de Atuan.

Em seu primeiro ano ali, tinha dormido no grande dormitório com as outras noviças, meninas de 4 a 14 anos. Já então, Manan fora destacado entre os Dez Guardiões como seu guardião particular, e o catre dela ficava numa pequena alcova, parcialmente separado do cômodo principal do Casarão, um salão comprido e de luz baixa onde as meninas davam risinhos e cochichavam antes de dormir, e bocejavam e trançavam o cabelo umas das outras à luz cinzenta da manhã. Quando seu nome lhe foi retirado e ela se tornou Arha, a menina passou a dormir sozinha na Casa Pequena, na cama e no quarto que seriam sua cama e seu quarto pelo resto da vida. A casa era dela, a Casa da Sacerdotisa Única, e ali ninguém podia entrar sem sua permissão. Ainda muito pequena, gostava de ouvir as pessoas baterem à sua porta, submissas, e de dizer “Pode entrar”, e se aborrecia com o fato de Kossil e Thar tomarem por certa a sua autorização e entrarem sem bater.

Passaram-se os dias, passaram-se os anos, todos iguais. As meninas do Lugar das Tumbas ocupavam o tempo com aulas e treinamentos. Não brincavam de nada – não havia tempo para isso. Aprendiam músicas e danças sacras, histórias das terras de Kargad e mistérios de quaisquer dos deuses a que se dedicassem: ao Rei-Deus que governava Awabath ou aos Irmãos Gêmeos, Atwah e Wuluah. Dentre todas, apenas Arha aprendia os ritos dos Inominados, que lhe eram ensinados por uma única pessoa, Thar, a Suma Sacerdotisa dos Deuses Gêmeos. Isso a separava das outras por uma hora ou mais, todos os dias, porém seu dia

quase inteiro, como o das demais, era simplesmente passado no trabalho. Elas aprendiam a fiar e tecer a lã de seus rebanhos, a plantar e colher e a preparar os alimentos que sempre comiam: lentilha, trigo-sarraceno – moído grosso para o mingau ou em farinha fina para o pão ázimo –, cebola, repolho, queijo de cabra, maçã e mel.

A melhor coisa que podia acontecer era ganhar permissão para pescar no rio de águas verdes e turvas que fluía pelo deserto, a menos de 1 quilômetro a nordeste do Lugar, levar uma maçã ou um pão frio sem levedura para o almoço e sentar o dia inteiro ao sol, entre os juncos, vendo correr a água lenta e observando as sombras de nuvens se modificarem devagar nas montanhas. Mas, se você desse gritinhos de empolgação ao sentir a linha se esticar e ao puxar um peixe achatado e reluzente para a margem do rio e vê-lo afogar-se no ar, Mebbeth sibilava feito cobra, dizendo: “Fique quieta, sua gritona idiota!”

Mebbeth servia no templo do Rei-Deus e era uma mulher morena, ainda jovem, mas dura e afiada como obsidiana. A pesca era sua paixão. Era preciso permanecer nas boas graças dela, sem jamais emitir um som, ou ela nunca mais levaria você para pescar, então você nunca iria ao rio, a não ser para buscar água, no verão, quando a água dos poços ficava baixa. Tratava-se de uma tarefa maçante: caminhar 1 quilômetro, no calor escaldante, encher os dois baldes da cangalha usada para carregá-los e partir o mais depressa possível para subir a encosta até o Lugar. Os primeiros 100 metros eram fáceis, mas depois os baldes iam ficando mais pesados, e a cangalha queimava nos ombros feito uma barra de ferro em brasa, e a luz era ofuscante na estrada seca, e cada passo era mais difícil e mais lento. Por fim, você chegava à sombra fresca do quintal dos fundos do Casarão, ao lado da horta, e despejava os baldes na grande cisterna, espirrando água. E em seguida tinha que dar meia-volta e fazer tudo de novo, e de novo, e de novo.

Dentro dos limites do Lugar – era só este o nome que ele tinha ou de que precisava, por ser o mais antigo e mais sagrado de todos os lugares nas Quatro Regiões do Império Karg – viviam umas duzentas pessoas, e havia muitas construções: três templos, o Casarão e a Casa Pequena, as acomodações dos guardiões eunucos e, logo do lado de fora do muro, o quartel dos guardas e muitas choupanas de escravos, além de depósitos, apriscos, currais de cabras e outras instalações agrícolas. O Lugar parecia uma cidadezinha, visto de longe,

do alto dos morros ressecados a oeste, onde nada crescia além de sálvia, barba-de-bode em tufo ralos, mato e ervas do deserto. Até das planícies distantes do leste, olhando para cima, era possível ver o telhado dourado do Templo dos Deuses Gêmeos, piscando e cintilando sob as montanhas, como um pontinho de mica numa prateleira de rocha.

Esse templo era um cubo de pedra coberto de estuque branco, sem janelas, com um pórtico baixo e uma porta. Mais vistoso e séculos mais novo era o Templo do Rei-Deus, logo abaixo dele, com um pórtico alto e uma fileira de grossas colunas brancas de capitel pintado – cada uma delas um tronco sólido de cedro, trazidos de navio de Hur-at-Hur, onde existem florestas, e arrastados mediante o esforço de vinte escravos pelas planícies estéreis do Lugar. Só depois de o viajante se aproximar do extremo leste e avistar o telhado de ouro e as colunas reluzentes é que via, mais adiante, na Colina do Lugar, acima de todos eles, fulvo e ruinoso como o próprio deserto, o mais antigo dos templos de sua raça: o imenso e baixo Salão do Trono, com suas paredes remendadas e uma cúpula meio achatada, em desintegração.

Atrás do salão e cercando todo o cume do morro ficava uma muralha maciça de pedra, erguida sem reboco e já meio desabada em vários pontos. No interior do círculo da muralha, diversas pedras negras, entre 5 e 6 metros de altura, brotavam da terra como dedos enormes. Depois de vê-las, o olhar sempre voltava para elas. Ali se erguiam cheias de significação, mas ninguém sabia o que queriam dizer. Eram nove. Uma se erguia ereta, outras ficavam mais ou menos inclinadas, duas haviam caído. Tinham uma crosta cinzenta e laranja de líquen, como se fossem borrões de tinta – todas menos uma, nua e negra com um brilho fosco, além de lisa. Nas outras, sob o líquen, podia-se ver ou tocar com os dedos uns entalhes vagos, formas, sinais. Essas nove pedras eram as Tumbas de Atuan. Estavam ali, segundo se dizia, desde o tempo dos primeiros homens, desde a criação de Terramar. Tinham sido fincadas na escuridão, quando as terras se ergueram das profundezas do oceano. Eram muito mais velhas que os Reis-Deuses de Kargad, mais velhas que os Deuses Gêmeos, mais velhas que a luz. Eram os túmulos dos que haviam governado antes que surgisse o mundo dos homens, aqueles que não foram denominados, e aquela que os servia não tinha nome.

Ela não andava com frequência entre as pedras e mais ninguém pisava no

solo em que ficavam as Tumbas, no alto do morro, dentro da muralha de pedra, atrás do Salão do Trono. Duas vezes por ano, na lua cheia mais próxima dos equinócios da primavera e do outono, fazia-se um sacrifício diante do trono e ela atravessava o baixo portal de trás do salão carregando uma grande bacia de latão cheia de sangue de cabra fumegante. Tinha que derramar metade do líquido aos pés da pedra negra ereta, metade sobre uma das pedras caídas, encravada na terra pedregosa, manchada por séculos de oferendas.

Às vezes Arha saía sozinha de manhã cedo e perambulava entre as pedras, tentando decifrar as tênues protuberâncias e arranhões dos entalhes, expostos com mais clareza pelo ângulo baixo da luz. Ou então sentava-se por lá e contemplava as montanhas a oeste, baixava os olhos para os telhados e muros do Lugar e observava os primeiros sinais de atividade em volta do Casarão e no quartel dos guardas, e os rebanhos de ovelhas e cabras saindo para seus pastos ralos à beira do rio. Nunca havia nada para fazer entre as pedras. Ela só ia lá porque lhe era permitido e porque ali ficava sozinha. Era um lugar lúgubre. Mesmo sob o calor do meio-dia, no verão do deserto, havia nele uma friagem. De vez em quando o vento assobiava um pouco entre as duas pedras mais próximas entre si, inclinadas uma para a outra como se trocassem segredos. Mas nenhum segredo era revelado.

Da Muralha das Tumbas saía outro muro de pedra, mais baixo, que formava um semicírculo irregular e comprido em torno da Colina do Lugar, depois ia seguindo para o norte em direção ao rio. Não chegava propriamente a proteger o Lugar, já que o dividia em dois: de um lado, os templos e as casas das sacerdotisas e dos guardiões; do outro, as instalações dos guardas e dos escravos que cultivavam a terra, pastoreavam os rebanhos e buscavam forragens para o Lugar. Nenhum deles cruzava o muro, exceto em algumas festas muito santas, quando os guardas e seus tocadores de tambor e de trompa compareciam à procissão das sacerdotisas, embora não atravessassem os portais dos templos. Nenhum outro homem punha os pés nas terras internas do Lugar. No passado, houvera peregrinações, reis e chefes tribais que saíam das Quatro Regiões para ali realizar seu culto; o primeiro Rei-Deus, um século e meio antes, havia comparecido para praticar os ritos de seu próprio templo. Mas nem ele pudera entrar no espaço das Tumbas, até ele tivera que comer e dormir fora do muro que cercava o Lugar.

Era bem fácil escalar esse muro, encaixando os dedos dos pés nas reentrâncias. A Devorada e uma menina chamada Penthe sentaram-se nele uma tarde, no fim da primavera. Ambas tinham 12 anos. Deveriam estar na sala de tecelagem do Casarão, um enorme sótão de pedra; deveriam estar nos grandes teares, com um urdume de lã preta e sem graça, tecendo os panos negros das túnicas. Haviam escapulado para beber água do poço do quintal, então Arha dissera “Vamos!” e tinha conduzido a outra menina morro abaixo, saindo do campo visual do Casarão, até o muro. Agora as duas estavam sentadas nele, a 3 metros de altura, as pernas nuas balançando para fora, contemplando as planícies que se estendiam, infindáveis, nas direções leste e norte.

– Eu gostaria de ver o mar – disse Penthe.

– Para quê? – perguntou Arha, mastigando um talo amargo que havia tirado do muro.

A terra árida acabara de passar pela floração. Todos os pequenos botões de flor do deserto, amarelos, cor-de-rosa e brancos, que cresciam ao rés do chão e floresciam depressa, estavam produzindo sementes, espalhando minúsculas plumas e para-sóis branco-acinzentados ao vento, soltando seus carrapichos engenhosos com pequenos ganchinhos. A terra sob as macieiras do pomar era um tapete de branco e rosa arroxeados. Os galhos eram verdes, as únicas árvores dessa cor em todos os quilômetros do Lugar. O restante, de um lado a outro do horizonte, era de uma cor desértica opaca, amarelo-acastanhada, exceto pelas montanhas, que tinham o tom azul-prateado dos primeiros brotos de sálvia em flor.

– Ah, sei lá para quê. Só queria ver uma coisa diferente. Aqui é sempre tudo igual. Não acontece nada.

– Tudo que acontece em toda parte começa aqui – disse Arha.

– Ah, eu sei... Mas eu queria ver um pouco disso acontecendo!

Penthe sorriu. Era uma menina meiga, de ar acolhedor. Coçou a sola dos pés descalços nas pedras aquecidas pelo sol e, após algum tempo, continuou:

– Sabe, eu morava perto do mar quando era pequena. Nossa aldeia ficava logo atrás das dunas e a gente costumava descer e brincar na praia às vezes. Um dia, lembro que vimos uma frota de navios passando em alto-mar. Corremos para contar à aldeia e todo mundo foi ver. Os navios pareciam dragões de asas vermelhas. Alguns tinham pescoços de verdade, com cabeças de dragão.

Passaram navegando por Aman, mas não eram navios dos kargs. Vinham do oeste, das Regiões Interiores, o chefe disse. Todos desceram das dunas para vê-los. Acho que ficaram com medo de que eles aportassem. Mas os navios só passaram, sem ninguém saber para onde iam. Talvez para guerrear em Karego-At. Mas, imagine, eles vinham mesmo das ilhas dos feiticeiros, onde todas as pessoas são da cor da terra e todas sabem lançar feitiços sobre a gente, fácil como quem pisca.

– Em mim, não – disse Arha, em tom veemente. – Eu não teria olhado para eles. São feiticeiros vis e abomináveis. Como se atrevem a navegar tão perto da Terra Santa?

– Ah, bom, acho que um dia o Rei-Deus vai derrotá-los e transformar todos em escravos. Mas eu queria poder rever o mar. Havia uns polvinhos nas poças de maré e, se a gente gritasse “Buuu!” para eles, ficavam todos brancos. Lá vem aquele velho, o Manan, procurando você.

O guardião e criado de Arha vinha andando devagar junto à parte interna do muro. Agachava-se para pegar cebolas silvestres, segurando um feixe grande e molengo, depois se erguia e espiava ao redor, com os olhinhos castanhos e opacos. Havia engordado com os anos e sua pele amarela e sem pelos reluzia ao sol.

– Escorregue um pouco para o lado oposto ao dele – sibilou Arha.

As duas se contorceram, ágeis como lagartixas, descendo pelo outro lado do muro, até poderem ficar agarradas a ele, logo abaixo do topo, invisíveis pela parte interna. Ouviram os passos lentos de Manan se aproximarem.

– U-uu! Cara de batata! – cantarolou Arha, numa zombaria sussurrada que era tão leve quanto o vento entre os talos de capim.

O andar pesado estacou.

– Olá – disse a voz insegura. – Pequerrucha? Arha?

Silêncio.

Manan seguiu adiante.

– U-uu! Cara de batata!

– U-uu, barriga de batata! – murmurou Penthe, imitando-a, e depois grunhiu, na tentativa de abafar o riso.

– Alguém aí?

Silêncio.

– Ora, ora, ora – disse o eunuco, suspirando, e seus passos lentos seguiram adiante.

Quando ele passou do topo da encosta, as meninas voltaram depressa para o alto do muro. Penthe estava rosada de suor e riso, mas Arha tinha um ar selvagem.

– Esse velho carneiro-guia idiota me seguindo por toda parte!

– Ele tem que seguir – disse Penthe, sensata. – Cuidar de você é o trabalho dele.

– Aqueles a quem sirvo cuidam de mim. Sou agradável a eles; não preciso agradar a mais ninguém. Essas velhas e esses meios-homens, essa gente devia me deixar em paz. Eu sou a Sacerdotisa Única!

Penthe encarou a amiga.

– Ah – falou, com voz débil. – Ah, eu sei que é, Arha...

– Então eles deviam me deixar sossegada. E não me dar ordens o tempo todo!

Penthe passou um tempo sem dizer nada, mas suspirou e ficou sentada, balançando as pernas gorduchas e contemplando as terras vastas e pálidas lá embaixo, que se elevavam muito devagar para um horizonte alto, vago, imenso.

– Você logo estará dando ordens, sabe – replicou por fim, em voz baixa. – Daqui a dois anos, já não seremos crianças. Teremos 14. Vou para o templo do Rei-Deus e as coisas serão mais ou menos iguais para mim. Mas você será a Suma Sacerdotisa. Até Kossil e Thar lhe deverão obediência.

A Devorada permaneceu em silêncio. Sua expressão era rígida; sob as sobrancelhas negras, os olhos captavam a luz do céu num luzir pálido.

– Temos que voltar – disse Penthe.

– Não.

– Mas pode ser que a instrutora de tecelagem conte a Thar. E logo estará na hora dos Nove Cânticos.

– Vou ficar aqui. Fique você também.

– Elas não vão castigar você, mas castigam a mim – retrucou Penthe, com seu jeito brando.

Arha não respondeu. Penthe deu um suspiro e ficou. O sol foi afundando numa bruma acima das planícies. Bem longe, na inclinação longa e gradual do

terreno, as sinetas das ovelhas tilintavam de leve e os cordeiros baliavam. O vento da primavera soprava em lufadas curtas, leves, de perfume adocicado.

Os Nove Cânticos quase haviam terminado quando as meninas voltaram. Mebbeth tinha visto as duas sentadas no “Muro dos Homens” e informara sua superiora, Kossil, Suma Sacerdotisa do Rei-Deus.

Kossil tinha passos pesados, rosto carregado. Sem expressão na face ou na voz, dirigiu-se às duas meninas, mandando que a seguissem. Conduziu-as pelos corredores de pedra do Casarão, saiu pela porta da frente e subiu a colina até o Templo de Atwah e Wuluah. Ali, falou com Thar, alta, seca e magra como a perna de um cervo.

– Tire o vestido – ordenou Kossil a Penthe.

Açoitou a menina com um feixe de junco, que cortou um pouco a pele. Penthe aguentou pacientemente, com lágrimas silenciosas. Foi mandada de volta para a sala de tecelagem sem refeição e, no dia seguinte, também ficaria sem comer.

– Se você for apanhada de novo subindo o Muro dos Homens – disse Kossil –, vão lhe acontecer coisas muito piores. Compreendeu, Penthe?

A voz de Kossil era baixa, mas não bondosa. Penthe aquiesceu e se retirou, abaixando-se e se encolhendo, conforme a roupa pesada roçava os cortes em suas costas.

Arha postara-se ao lado de Thar para observar o açoitamento. Viu então Kossil limpar o junco do chicote.

Thar disse:

– Não fica bem você ser vista escalando coisas e correndo com outras meninas. Você é Arha.

A garota manteve a expressão carrancuda e não respondeu.

– É melhor você só fazer o que é necessário. Você é Arha.

Por um instante, a menina ergueu os olhos para Thar e Kossil, e havia em seu olhar um ódio ou ira tão profundos que era terrível de ver. Mas a sacerdotisa magra não manifestou apreensão; em vez disso, reafirmou, inclinando-se um pouco para a frente e quase sussurrando:

– *Você é Arha.* Não sobrou nada. Tudo foi devorado.

– Tudo foi devorado – repetiu a menina, como havia repetido diariamente, em todos os dias da sua vida, desde que tinha 6 anos.

Thar curvou a cabeça de leve, e o mesmo fez Kossil, enquanto guardava o chicote. A menina não imitou o gesto, mas deu meia-volta, submissa, e foi embora.

Depois da ceia, composta de batatas e cebolinha e consumida em silêncio no refeitório estreito e escuro, depois de entoados os hinos vespertinos e colocadas as palavras sagradas nas portas, depois do breve Ritual do Não Dito, estava concluído o serviço do dia. Agora as meninas poderiam subir para o dormitório e brincar de jogar dados e varetas enquanto ficasse acesa a candeia solitária e cochichar no escuro de uma cama para outra. Arha saiu pelos pátios e ladeiras do Lugar, como fazia todas as noites, em direção à Casa Pequena, onde dormia sozinha.

O vento noturno era doce. As estrelas primaveris brilhavam forte, como margaridas salpicadas aos tufos nas pradarias de primavera, como o cintilar da luz nos mares de abril. Mas a menina não tinha lembrança de pradarias nem do mar. Não olhou para cima.

– Ei, você, pequerrucha!

– Manan – disse ela, indiferente.

A grande sombra veio para o seu lado, arrastando os pés, a luz das estrelas cintilando em sua cabeça calva.

– Castigaram você?

– Não posso ser castigada.

– Não... Isso é muito...

– Elas não podem me castigar. Não se atrevem.

Manan parou com as manzorras pendendo, indistinto e volumoso. Ela sentiu cheiro de cebola silvestre e o odor suarento, meio misturado com sálvia, da velha túnica preta do homem, que estava rasgada na bainha e era curta demais para ele.

– Elas não podem me tocar. Sou Arha – disse a menina, com a voz esganiçada e enfurecida, e irrompeu em prantos.

As manzorras se aproximaram e a puxaram para ele, abraçando-a com delicadeza, alisando-lhe as tranças do cabelo.

– Passou, passou, favinho de mel, pequerrucha...

Ela ouviu o murmúrio rouco na cavidade funda do peito de Manan e se

agarrou a ele. As lágrimas não tardaram a cessar, mas a menina continuou abraçada ao guardião como se não pudesse ficar de pé.

– Pobrezinha... – murmurou ele.

Colocando a criança no colo, carregou-a até a porta da casa onde ela dormia sozinha e pousou-a no chão.

– Tudo bem agora, pequenina?

Ela fez que sim, deu-lhe as costas e entrou na casa escura.

Capítulo 3

o s p r i s i o n e i r o s

Os passos de Kossil ressoaram no corredor da Casa Pequena, regulares e resolutos. A figura alta e corpulenta preencheu o vão da porta do quarto. Ela se curvou, encostando um joelho no chão, e depois se empertigou.

– Senhora.

– O que é, Kossil?

– Tive permissão para cuidar de certos assuntos pertinentes ao domínio dos Inominados até agora. Se quiser, este é o momento de aprender a ver e se encarregar dessas questões, das quais ainda não se recordou nesta vida.

A menina estivera sentada em seu quarto sem janelas, supostamente meditando, mas, na verdade, não fazia nada e não pensava em quase nada. Demorou um pouco para que sua expressão fixa, entediada e altiva se modificasse. Mas se modificou, embora ela tentasse disfarçar. Indagou, com ar meio matreiro:

– O Labirinto?

– Não entraremos no Labirinto. Mas será necessário passar pela Tumba Inferior.

Havia na voz de Kossil um tom que talvez fosse de medo, ou talvez uma simulação de medo, destinado a assustar Arha. A jovem se levantou sem pressa e disse, com ar indiferente:

– Muito bem.

No coração, porém, ao seguir a figura pesadona da sacerdotisa do Rei-Deus, ela exultava: *Finalmente! Finalmente! Até que enfim vou ver meu domínio!*

Estava com 15 anos. Havia mais de um ano fizera a travessia para a feminilidade adulta e, ao mesmo tempo, assumira plenos poderes como Sacerdotisa Única das Tumbas de Atuan, a mais alta de todas as sumas sacerdotisas das terras de Kargad, à qual nem mesmo o próprio Rei-Deus podia dar ordens. Agora, todos dobravam o joelho diante dela, inclusive as soturnas Thar e Kossil. Todos lhe dirigiam a palavra com requintada deferência. Mas nada tinha mudado. Nada acontecia. Encerradas as cerimônias de sua consagração, os dias prosseguiram como sempre. Havia lã a fiar, panos pretos a tecer, cereais a serem moídos, ritos a praticar; os Nove Cânticos precisavam ser entoados toda noite, abençoadas as portas, alimentadas as pedras com sangue de cabra duas vezes por ano, e era necessário fazer as danças da lua nova diante do Trono Vazio. E assim o ano inteiro havia passado, como tinham passado os anos anteriores. Será que todos os anos da sua vida passariam assim?

O tédio era tão intenso às vezes que dava uma sensação de pavor: segurava-a pela garganta. Não fazia muito tempo, Arha fora impelida a falar dele. Tinha que falar, pensara, senão enlouqueceria. O orgulho a impedira de confidenciar às outras jovens e a cautela a detivera de se confessar com as mulheres mais velhas. Manan, porém, não era nada, apenas um velho e fiel carneiro-guia; o que ela lhe dissesse não teria importância. Para sua surpresa, ele tivera uma resposta:

– Faz muito tempo, sabe, pequerrucha, antes que nossas quatro terras se juntassem para formar um império, antes que existisse um Rei-Deus acima de todos nós, havia uma porção de reis menores, príncipes, chefes tribais. Ele viviam brigando uns com os outros. E vinham aqui resolver suas disputas. Era assim: eles vinham da nossa região de Atuan, e de Karego-At, Atnini e até Hur-at-Hur, todos os chefes e príncipes, com seus servos e seus exércitos. E perguntavam a você o que fazer. E você se colocava diante do Trono Vazio e lhes dava a orientação dos Inominados. Bem, isso foi há muito tempo. Depois de um período, os Reis-Sacerdotes passaram a governar toda a região de Karego-At e não tardaram a governar Atuan. E agora, há quatro ou cinco gerações de homens, os Reis-Deuses têm governado a união de todas as quatro terras e fizeram delas

um império. E assim as coisas mudaram. O Rei-Deus pode depor os chefes rebeldes e resolver, ele mesmo, todos os conflitos. E, por ser deus, sabe, não tem que consultar com muita frequência os Inominados.

Arha parou para refletir sobre isso. O tempo não tinha muita significação ali, naquelas terras desérticas, sob as Pedras imutáveis, levando uma vida que fora levada do mesmo jeito desde o começo do mundo. Ela não estava acostumada a pensar em mudanças das coisas, em velhos hábitos que morressem e novos hábitos que surgissem. Não se sentia à vontade olhando as coisas por esse prisma.

– Os poderes do Rei-Deus são muito menores que os daqueles a quem sirvo – disse, franzindo a testa.

– Com certeza... Com certeza... Mas não se sai por aí dizendo isso a um deus, favinho de mel. Nem à sacerdotisa dele.

Ao fitar os olhinhos castanhos e brilhantes de Manan, ela pensou em Kossil, a Suma Sacerdotisa do Rei-Deus, a quem temia desde que chegara ao Lugar, e compreendeu o que ele queria dizer.

– Mas o Rei-Deus e seu povo têm negligenciado o culto das Tumbas. Ninguém vem aqui.

– Bem, ele manda prisioneiros para cá, para serem sacrificados. Isso ele não negligencia. Nem os presentes devidos aos Inominados.

– Presentes! O templo dele é repintado todo ano, há 50 quilos de ouro no altar e as lamparinas queimam essência de rosas! E olhe para o Salão do Trono: buracos no telhado, a cúpula rachando, as paredes cheias de ratos e corujas e morcegos... Mas, ainda assim, ele durará mais que o Rei-Deus e todos os seus templos, e todos os reis que vierem depois dele. Estava aqui antes deles e continuará aqui quando todos houverem partido. Ele é o centro das coisas.

– É o centro das coisas.

– Aqui existem riquezas. Às vezes Thar me fala delas. Suficientes para encher dez vezes o templo do Rei-Deus. Ouro e troféus oferecidos há séculos, há cem gerações, quem sabe há quanto tempo. Estão todos trancados nos poços e cavernas subterrâneos. Elas ainda não querem me levar lá, me deixam esperando, esperando. Mas eu sei como é. Existem salas embaixo do Salão, embaixo de todo o Lugar, embaixo de onde estamos agora. Há uma grande rede de túneis, um Labirinto. É como uma imensa cidade escura sob a colina. Repleta

de ouro e das espadas de antigos heróis, de antigas coroas, de ossos e anos e silêncio.

Arha falou como se estivesse em transe, em êxtase. Manan a observou. Seu rosto achatado nunca expressava grande coisa além de uma tristeza imperturbável, cautelosa; estava mais triste que de hábito naquela hora.

– Bem, e você é a senhora de tudo. Do silêncio e das trevas.

– Sou. Mas elas não querem me mostrar nada, só os cômodos da superfície, atrás do Trono. Nem sequer me mostraram as entradas dos lugares subterrâneos; só fazem resmungar sobre eles de vez em quando. Estão escondendo de mim o meu próprio domínio! Por que me fazem esperar tanto?

– Você é jovem. E talvez – acrescentou Manan, em sua voz aguda e rouca –, talvez elas tenham medo, pequenina. O domínio não é delas, afinal. É seu. Elas correm perigo quando entram lá. Não há mortal que não tema os Inominados.

Arha não disse nada, mas seus olhos faiscaram. Mais uma vez Manan lhe mostrava uma nova maneira de ver as coisas. Tão estupendas, tão frias e tão fortes lhe haviam parecido Thar e Kossil, desde sempre, que ela nunca imaginara que sentissem medo. Mas Manan estava certo. Elas temiam aqueles lugares, as forças de que Arha fazia parte, às quais pertencia. Tinham medo de entrar nos lugares escuros, medo de ser devoradas.

Agora, ao descer os degraus da Casa Pequena com Kossil e subir a trilha sinuosa que levava ao Salão do Trono, lembrou-se da conversa com Manan e tornou a exultar. Aonde quer que a levassem, o que quer que lhe mostrassem, ela não sentiria medo. Saberá se encontrar.

Um pouco atrás dela no caminho, Kossil falou:

– Um dos deveres da minha senhora, como ela sabe, é o sacrifício de certos prisioneiros, criminosos de origem nobre que, por sacrilégio ou traição, pecaram contra nosso senhor, o Rei-Deus.

– Ou contra os Inominados – completou Arha.

– Decerto. Ora, não convém que a Devorada, enquanto ainda é criança, se encarregue desse dever. Mas minha senhora já não é criança. Há prisioneiros na Sala dos Grilhões, enviados para cá há um mês, pela graça de nosso senhor, o Rei-Deus, de sua cidade de Awabath.

– Eu não sabia que haviam chegado prisioneiros. Por que não me avisaram?

– Os prisioneiros são trazidos à noite, em sigilo, da maneira prescrita desde

tempos antigos nos rituais das Tumbas. Trata-se do caminho secreto que minha senhora seguirá se tomar a trilha ao longo da muralha.

Arha saiu da trilha para seguir a grande muralha de pedra que encerrava as Tumbas, atrás do salão abobadado. As pedras com que fora construída eram enormes; a menor delas pesaria mais que um homem, e as maiores eram grandes como carroças. Apesar de não terem sido talhadas, ajustavam-se e interligavam-se perfeitamente. Em alguns pontos, porém, a altura da muralha diminuía e as pedras que haviam deslizado jaziam em montes amorfos. Só um vasto intervalo de tempo seria capaz de fazer isso – os séculos desérticos de dias escaldantes e noites congelantes, os milenares e imperceptíveis movimentos das próprias montanhas.

– É muito fácil escalar a Muralha das Tumbas – disse Arha, quando iam andando à sombra dela.

– Não temos homens suficientes para reconstruí-la.

– Temos homens suficientes para vigiá-la.

– Apenas escravos. Não se pode confiar neles.

– Pode-se confiar neles, se estiverem com medo. Que a punição deles seja a mesma do estranho que eles deixarem pôr os pés na terra sagrada, no interior da muralha.

– Que punição é essa?

Kossil não perguntou para saber a resposta. Já a ensinara a Arha, fazia muito tempo.

– São decapitados diante do Trono.

– É desejo da minha senhora que um guarda seja colocado na Muralha das Tumbas?

– Sim, é – respondeu a garota.

Dentro de suas longas mangas pretas, ela cerrou os punhos, exultante. Sabia que Kossil não queria destinar um escravo a esse dever de vigiar a muralha, o que era mesmo um dever inútil, pois quem seriam os estranhos que em algum momento iriam ali? Era improvável que algum homem, por azar ou de propósito, chegasse a menos de 2 quilômetros do Lugar sem ser visto; sem dúvida nem se aproximaria das Tumbas. Mas um guarda era uma honra devida a elas, e Kossil não tinha como contra-argumentar. Precisava obedecer a Arha.

– Aqui – disse ela, com sua voz fria.

Arha parou. Havia percorrido muitas vezes aquela trilha em volta da Muralha das Tumbas e a conhecia como cada centímetro do Lugar, cada pedra e espinho e cardo. A enorme muralha de pedra erguia-se à esquerda, com o triplo da altura dela; à direita, a colina descia gradualmente para um vale raso e árido, que logo tornava a se elevar em direção aos sopés da cordilheira ocidental. Arha correu os olhos por todo o terreno próximo e não viu nada que já não tivesse visto.

– Sob as pedras vermelhas, senhora.

A alguns metros na descida da encosta, um afloramento de lava vermelha formava um degrau ou um pequeno penhasco na colina. Ao descer até lá e parar no plano diante dele, de frente para as pedras, Arha percebeu que pareciam um portal tosco de 1,20 metro de altura.

– O que deve ser feito?

Ela havia aprendido que, nos lugares sagrados, não adiantava tentar abrir uma porta enquanto não se soubesse como abri-la.

– Minha senhora possui todas as chaves dos lugares escuros.

Desde seus ritos da maioridade, Arha levava na cintura uma argola de ferro do qual pendiam um pequeno punhal e treze chaves, umas compridas e pesadas, outras pequenas como anzóis. Ergueu a argola e separou as chaves.

– Essa – disse Kossil, apontando, depois pousou o indicador grosso numa fresta entre duas superfícies de pedra vermelha, marcadas por reentrâncias.

A chave, uma haste comprida de ferro com dois dentes trabalhados, entrou na fresta. Arha virou-a para a esquerda, usando as duas mãos, porque era dura de movimentar; no entanto, ela girou suavemente na fechadura.

– E agora?

– Juntas...

Juntas, elas empurraram a face áspera da pedra para a esquerda da fechadura. Pesadamente, mas sem travar e com pouquíssimo barulho, um pedaço desnivelado da pedra vermelha moveu-se para dentro, até se abrir uma fenda estreita. Lá dentro, puro negrume.

Arha se abaixou e entrou.

Kossil, corpulenta e de roupas pesadas, teve que se espremer pela abertura estreita. Assim que entrou, apoiou as costas na porta e, empurrando com esforço, fechou-a.

Um breu completo. Não havia luz. A escuridão parecia comprimir os olhos abertos como feltro molhado.

Elas se agacharam, quase dobradas ao meio, pois o lugar em que estavam tinha pouco mais de 1 metro de altura e era tão estreito que as mãos tateantes de Arha tocaram prontamente na rocha úmida, à direita e à esquerda.

– Você trouxe luz? – perguntou num sussurro, como se costuma fazer no escuro.

Atrás dela, Kossil respondeu:

– Não trouxe luz nenhuma.

A voz dela também foi baixa, mas tinha um tom estranho, como se ela sorrisse. Kossil nunca sorria. O coração de Arha deu um salto; o sangue latejou em sua garganta. Furiosa, pensou: *Este lugar é meu, faço parte daqui. Não vou sentir medo!*

Não disse nada. Começou a avançar; só havia um caminho. Ele penetrava na montanha e descia.

Kossil foi atrás, arfante, a roupa roçando e arranhando as pedras e a terra.

De repente, o teto subiu: Arha pôde ficar de pé e, ao esticar os dois braços, não sentiu as paredes. O ar, antes abafado e terroso, tocou-lhe o rosto com uma umidade mais fresca e seus leves movimentos lhe deram a sensação de um espaço enorme. Arha avançou alguns passos cautelosos, na completa escuridão. Uma pedrinha, escorregando sob a sandália, bateu em outra, e o som baixo despertou ecos, muitos ecos, diminutos, distantes, mais remotos ainda. A caverna devia ser imensa, alta e larga, mas não vazia: algo em sua escuridão, superfícies de objetos ou divisórias invisíveis, quebrara o eco em mil fragmentos.

– Devemos estar embaixo das Pedras a esta altura – disse a jovem, sussurrando, e sua voz correu para a escuridão profunda e se esgarçou em fiapos de som tão finos quanto uma teia de aranha, que ficaram muito tempo presos à audição.

– Sim. Esta é a Tumba Inferior. Prossiga. Não posso ficar aqui. Siga a parede à esquerda. Passe por três aberturas.

O sussurro de Kossil sibilou e os ecos minúsculos sibilaram depois dele. Ela estava com medo, com muito medo. Não gostava de estar ali entre os

Inominados, em seus túmulos, suas cavernas, no escuro. Não era seu lugar, ela não fazia parte daquilo.

– Virei aqui com uma tocha – disse Arha, guiando-se na parede da caverna pelo toque dos dedos, intrigando-se com as formas estranhas da pedra, concavidades e protuberâncias e curvas e bordas delicadas, ásperas como renda aqui, lisas como latão ali: aquilo era um trabalho de entalhe, com certeza. Quem sabe a caverna inteira fosse obra de escultores de outrora?

– Aqui a luz é proibida.

O sussurro de Kossil foi ríspido. No momento em que ela falou isso, Arha compreendeu que precisava ser assim. Aquele era o próprio lar das trevas, o centro mais interno da noite.

Por três vezes seus dedos passaram por uma lacuna no complexo negrume rochoso. Na quarta vez, ela tateou a altura e a largura do vão e entrou. Kossil foi atrás.

Naquele túnel, que tornava a subir com ligeira inclinação, elas passaram por uma abertura à esquerda, depois uma ramificação que as levou para a direita – tudo por meio do tato, apalpando, na cegueira do subterrâneo e no silêncio do interior da terra. Numa passagem como aquela, era preciso estender as mãos quase constantemente para tocar os dois lados do túnel, a fim de não deixar escapar uma das aberturas que precisavam ser contadas ou para que as bifurcações do caminho não passassem despercebidas. O tato era o guia solitário; não se podia enxergar o caminho, apenas dominá-lo nas mãos.

– Este é o Labirinto?

– Não. É o dédalo menor, que fica embaixo do Trono.

– Onde é a entrada do Labirinto?

Arha estava gostando daquele jogo no escuro, queria que lhe fosse apresentado um quebra-cabeça maior.

– A segunda abertura pela qual passamos é a Tumba Inferior. Agora tateie para encontrar uma porta à direita, uma porta de madeira, talvez já tenhamos passado por ela...

Arha escutou as mãos de Kossil tateando a parede, desajeitadas, arranhando a pedra áspera. Manteve a ponta dos dedos encostada de leve na rocha e, dali a um momento sentiu a textura lisa da madeira. Fez pressão e a porta se abriu facilmente com um rangido. Por um instante, Arha foi ofuscada pela luz.

Entraram num cômodo amplo e baixo, com paredes de pedra cinzelada e iluminado por uma tocha fumegante que pendia de uma corrente. O lugar cheirava mal por causa da fumaça que não tinha por onde sair. Os olhos de Arha arderam e lacrimejaram.

– Onde estão os prisioneiros?

– Ali.

Ela enfim se deu conta de que os três montes no lado oposto da sala eram homens.

– A porta não está trancada. Não há nenhum guarda?

– Não é necessário.

Arha adentrou um pouco mais a sala, hesitante, perscrutando tudo em meio à névoa de fumaça. Os prisioneiros estavam presos pelos dois tornozelos e por um dos pulsos a enormes argolas encravadas na parede rochosa. Se um deles quisesse deitar, seu braço acorrentado teria que ficar para cima, pendurado no grilhão. O cabelo e a barba dos homens haviam formado um emaranhado compacto que, somado às sombras, escondia seus rostos. Um deles estava meio deitado, os outros dois, sentados ou agachados. Encontravam-se nus. O odor que vinha deles era ainda mais forte que o mau cheiro da fumaça.

Um dos homens parecia observar Arha; ela pensou ter visto o brilho de seus olhos, mas depois não teve certeza. Os outros não se mexeram nem levantaram a cabeça.

Arha desviou o rosto.

– Eles já não são homens.

– Nunca foram – retrucou Kossil, os olhos brilhando à luz avermelhada da tocha. – Eram demônios, espíritos selvagens que tramaram contra a sagrada vida do Rei-Deus!

Arha tornou a olhar para os prisioneiros, assombrada e curiosa.

– Como pôde um homem atacar um deus? Como foi isso? Você: como se atreveu a atacar um deus vivo?

O homem a encarou por entre o emaranhado negro do cabelo, mas não disse nada.

– Eles tiveram a língua cortada antes de serem mandados de Awabath – explicou Kossil. – Não fale com eles, senhora. São sórdidos. São propriedade

sua, mas não para a senhora lhes dirigir a palavra, olhá-los ou pensar neles. São seus para dar aos Inominados.

– Como eles deverão ser sacrificados?

Arha já não olhava para os prisioneiros. Em vez disso, ficou de frente para Kossil, tirando forças daquele corpo maciço, da voz fria. Sentia-se tonta e o fedor da fumaça e da imundície a deixava enjoada, mas ela parecia pensar e falar com perfeita calma. Já não tinha feito isso muitas vezes?

– A Sacerdotisa das Tumbas é quem melhor sabe o tipo de morte que agradará a seus Senhores, e cabe a ela escolher. Existem muitas maneiras.

– Que Gobar, o capitão dos guardas, lhes decepe a cabeça. E que o sangue seja derramado diante do Trono.

– Como se fosse um sacrifício de cabras?

Kossil pareceu desdenhar da falta de imaginação da jovem. Arha ficou muda. Kossil continuou:

– Além disso, Gobar é homem. Nenhum homem pode entrar nos Lugares Tenebrosos das Tumbas, como minha senhora decerto recorda, não? Se ele entrar, não sairá...

– Quem os trouxe para cá? Quem os alimenta?

– Os guardiões que servem em meu templo, Duby e Uahto; eles são eunucos, por isso podem entrar aqui, a serviço dos Inominados, assim como eu. Os soldados do Rei-Deus deixaram os prisioneiros amarrados do lado de fora da muralha, e eu e os guardiões os trouxemos pela Porta dos Prisioneiros, a das pedras vermelhas. Sempre foi feito assim. A comida e a água são baixadas de um alçapão localizado numa das salas atrás do Trono.

Arha olhou para cima e viu, ao lado da corrente da qual pendia a tocha, um quadrado de madeira no teto de pedra. Era pequeno demais para a passagem de um homem, mas uma corda que descesse dali chegaria ao alcance exato do prisioneiro do meio entre os três. Ela tornou a desviar prontamente os olhos.

– Então, que não mandem mais comida nem água. Deixem a tocha se apagar.

Kossil se curvou.

– E os corpos, quando eles morrerem?

– Que Duby e Uahto os enterrem na grande caverna por onde passamos, a Tumba Inferior – respondeu a menina, cuja voz foi ficando acelerada e aguda. – Eles devem fazer isso no escuro. Meus Senhores comerão os corpos.

- Assim será feito.
- Está bem assim, Kossil?
- Está, senhora.
- Então vamos – disse Arha, muito esganiçada.

Deu meia-volta e retornou depressa para a porta de madeira, saindo da Sala dos Grilhões para a escuridão do túnel, que lhe pareceu doce e serena qual noite sem estrelas, sem visão, luz ou vida. Arha mergulhou nas trevas e se precipitou por elas como um nadador na água. Kossil se apressou a acompanhá-la, ficando atrás dela e cada vez mais longe, arfando, arrastando-se. Sem hesitar, Arha evitou as passagens da ida, contornou a Tumba Inferior, vasta e cheia de ecos, e subiu, rastejante e recurvada, o último longo túnel até a porta fechada de pedra. Ali, agachou-se e bateu em busca da chave comprida no aro que levava na cintura. Achou-a, mas não conseguiu encontrar o buraco da fechadura. Não havia um cisco de luz na muralha invisível à sua frente. Seus dedos foram bateando, em busca de fechadura, trinco ou maçaneta, sem nada encontrar. Onde deveria entrar a chave? Como poderia sair dali?

– Senhora!

A voz de Kossil, ampliada pelos ecos, sibilava e reboava, muito atrás dela.

– Senhora, a porta não abre por dentro. Não há saída. Não há retorno.

Arha agachou-se, encostada na pedra. Não disse nada.

– Arha!

– Estou aqui.

– Venha!

Ela foi, engatinhando pela passagem como um cão, até as saias de Kossil.

– Para a direita! Depressa! Não posso me demorar aqui. Não é meu lugar. Siga-me.

Arha se pôs de pé e segurou a túnica de Kossil. As duas avançaram, seguindo por um longo trecho a parede estranhamente entalhada da caverna, tomando a direita e depois entrando numa abertura negra na escuridão. Então foram subindo por túneis e escadas. A jovem continuava agarrada à túnica da mulher. Mantinha os olhos fechados.

Fez-se luz, avermelhada através das pálpebras. Achando que era de novo a sala iluminada pela tocha e toda enfumaçada, Arha não abriu os olhos. Mas o ar tinha um cheiro adocicado, seco e bolorento, um odor conhecido. Seus pés

pisaram numa escadaria quase tão íngreme quanto uma escada de mão. Ela soltou a túnica de Kossil e olhou. Havia um alçapão aberto acima de sua cabeça, pelo qual passou com esforço atrás da sacerdotisa. Ele levava a um cômodo que Arha conhecia, um quartinho de pedra que continha um par de baús e caixas de ferro, no amontoado de cômodos atrás do recinto do Trono. Cinzenta e fraca, a luz do dia lampejava no corredor para além da porta.

– A outra, a Porta dos Prisioneiros, leva apenas ao interior dos túneis. Não leva para fora. Esta é a única saída. Se existe algum outro caminho, nem eu nem Thar o conhecemos. Você deverá se lembrar dele sozinha, se houver algum. Mas acho que não há.

Kossil ainda falava em voz baixa e com uma espécie de rancor. Seu rosto pesado, sob o capuz preto, estava pálido e úmido de suor.

– Não me lembro das curvas para esta saída.

– Eu lhe direi quais são. Uma vez. Você deverá recordá-las. Não vou acompanhá-la da próxima vez. Aqui não é meu lugar. Você terá que ir sozinha.

A menina assentiu. Ergueu os olhos para o rosto da mulher e pensou em como parecia estranho, empalidecido pelo medo a custo dominado, mas triunfante, como se Kossil se regozijasse da fraqueza dela.

– Depois desta vez, eu irei sozinha – disse Arha.

Ao tentar se afastar de Kossil, sentiu as pernas bambearem e viu a sala rodar. Desmaiou encolhida aos pés da sacerdotisa.

– Você vai aprender – afirmou Kossil, imóvel e arfante. – Vai aprender.

Capítulo 4

sonhos e histórias

Arha ficou mal por vários dias. Trataram de sua febre. Ela permaneceu na cama ou sentada ao ameno sol outonal na varanda da Casa Pequena, contemplando as montanhas a oeste. Sentia-se fraca e estúpida. As mesmas ideias lhe ocorriam, vez após outra. Nenhum guarda fora designado para a Muralha das Tumbas, mas agora ela nunca se atreveria a fazer perguntas a Kossil. Não queria vê-la em momento algum, jamais. Sentia vergonha de haver desmaiado.

À luz do sol, planejava com frequência como se portaria da vez seguinte que entrasse nos lugares tenebrosos sob a colina. Pensou muitas vezes no tipo de morte que deveria ordenar para o grupo seguinte de prisioneiros, mais elaborada, mais adequada aos rituais do Trono Vazio.

Toda noite, na escuridão, acordava gritando: “Eles ainda não morreram! Ainda estão agonizando!”

Sonhava muito. Sonhou que precisava fazer comida, enormes caldeirões de um mingau saboroso, e derramar tudo por um buraco no chão. Sonhou que precisava carregar, em meio à escuridão, uma vasilha funda de latão, cheia de água, para uma pessoa que tinha sede. Nunca chegava a essa pessoa. Acordava, e ela própria estava com sede, mas não ia beber água. Ficava acordada, de olhos abertos, no quarto sem janelas.

Uma manhã, Penthe foi visitá-la. Da varanda, Arha a viu se aproximar da Casa Pequena com um ar descuidado de quem não quer nada, como se andasse por ali ao acaso. Se Arha não falasse nada, ela não teria subido a escada. Mas Arha estava solitária e a chamou.

Penthe fez a reverência profunda que se exigia de todos que se aproximavam da Sacerdotisa das Tumbas, depois arriou na escadinha abaixo de Arha e fez um barulho parecido com “Pffff!”. Havia ficado muito alta e gorducha; tudo que fazia a deixava vermelha como cereja, assim como agora, por causa da caminhada.

– Eu soube que você estava doente. Guardei umas maçãs para você.

De repente, tirou de algum lugar sob a volumosa túnica preta uma cestinha de junco, com seis ou oito maçãs amarelas perfeitas. Ela se consagrara ao serviço do Rei-Deus e trabalhava no templo dele, subordinada a Kossil, mas ainda não era sacerdotisa e assistia a aulas e fazia tarefas domésticas com as noviças.

– Poppe e eu fizemos a seleção das maçãs este ano e eu guardei as melhores das melhores. Sempre desidratam todas as boas. É claro que se conservam melhor, mas me parece um enorme desperdício. Não são bonitas?

Arha alisou a casca muito clara das maçãs, que parecia um cetim dourado, e examinou os cabinhos, aos quais ainda se prendiam delicadamente umas folhinhas marrons.

– São bonitas.

– Coma uma – pediu Penthe.

– Agora não. Coma você.

Penthe escolheu a menor, por educação, e a comeu em cerca de dez mordidas suculentas, hábeis, ávidas.

– Eu poderia comer o dia inteiro. Nunca é o bastante. Queria poder ser cozinheira em vez de sacerdotisa. Ia cozinhar melhor do que aquela velha sovina da Nathabba e, depois, poderia lambe as panelas... Ah, você soube o que aconteceu com Munith? Era para ela polir aqueles potes de latão em que guardam o óleo de rosas, sabe, aquela espécie de jarro comprido e fino com tampa. Ela achou que fosse para limpar por dentro também, enfiou num deles a mão enrolada num pano e não conseguiu mais tirar. Tentou com tanta insistência que a mão ficou toda inchada no pulso, logo ficou presa *mesmo*. Saiu correndo

pelos dormitórios gritando: “Não consigo tirar! Não consigo tirar!” Puntí está tão surdo que achou que fosse um incêndio e danou a guinchar para os outros guardiões, para eles salvarem as noviças. Uahto estava ordenando as cabras e saiu correndo do cabril para ver qual era o problema, deixou o portão aberto e todas as cabras leiteiras fugiram e entraram correndo no pátio, avançaram para cima do Puntí e dos guardiões e das garotinhas, e Munith sacudindo aquele pote de latão na ponta do braço e tendo um ataque histérico, e ficaram todos meio que correndo de um lado para outro. Então Kossil saiu do templo e perguntou: “O que é isso? O que é isso?”

O rosto alvo e redondo de Penthe assumiu uma expressão repulsiva de desdém, que não se parecia nada com a expressão fria de Kossil, mas que, de algum modo, era tão parecido com ela que Arha soltou uma bufadela de riso quase apavorado.

– “O que é isso? O que é isso?”, dizia Kossil. E aí... e aí a cabra castanha lhe deu uma *marrada*... – Penthe se desfez em gargalhadas, os olhos lacrimejando. – E M-Munith bateu na cabra com o ja-ja-jarro...

As duas garotas balançavam o corpo para a frente e para trás, em espasmos de riso, e seguravam os joelhos, engasgando.

– Kossil se virou e disse “O que é isso? O que é isso?” para... para... para a cabra...

O final da história se perdeu entre as risadas. Penthe enfim enxugou os olhos e limpou o nariz e, distraída, pôs-se a comer mais uma maçã.

Rir tanto fez Arha sentir-se meio abalada. Ela se acalmou e, depois de algum tempo, perguntou:

– Como foi que você veio para cá, Penthe?

– Ah, fui a sexta filha e meus pais simplesmente não tinham como criar tantas meninas e casar todas. Assim, quando eu fiz 7 anos, eles me levaram ao templo do Rei-Deus e me dedicaram. Isso foi em Ossawa. Lá elas tinham noviças demais, acho, porque logo me mandaram para cá. Ou talvez tenham achado que eu daria uma sacerdotisa especialmente boa, ou coisa assim. Mas nisso elas estavam enganadas!

Penthe mordeu a maçã com ar contrito e animado.

– Você preferiria não ser sacerdotisa?

– Ora, se preferiria! É claro! Eu preferiria me casar com um criador de

porcos e morar numa vala. Preferiria qualquer coisa a ficar aqui, enterrada por todos os dias da minha vida, com um bando de mulheres num deserto velho e acabado, aonde nunca vem ninguém! Só que não adianta nada *querer*, porque agora eu fui consagrada e estou presa. Mas espero muito que, na minha próxima vida, eu seja dançarina em Awabath! Porque eu terei merecido.

Arha a fitou com um olhar sombrio e firme. Não compreendeu. Teve a impressão de nunca ter visto Penthe, de nunca a haver olhado, roliça e cheia de vida e de sumo, como uma de suas maçãs douradas, lindas de se ver.

– O Templo não significa nada para você? – perguntou com bastante rispidez.

Sempre submissa e fácil de intimidar, dessa vez Penthe não se alarmou.

– Ah, eu sei que os seus Senhores são muito importantes para você – disse, com uma indiferença que chocou Arha. – Faz certo sentido, afinal, porque você é a serva especial deles. Você não foi apenas consagrada, nasceu especialmente. Mas olhe para mim. Esperam que eu sinta tanto assombro e não sei mais o quê a respeito do Rei-Deus? Afinal, ele é apenas um homem, mesmo que more em Awabath num palácio de 15 quilômetros quadrados com telhados de ouro. Ele tem uns 50 anos e é careca. Isso se vê em todas as estátuas. E aposto que precisa cortar as unhas dos pés, como qualquer outro homem. Sei perfeitamente que ele também é um deus. Mas o que eu acho é que vai ser muito mais divino depois que estiver *morto*.

Arha concordou com Penthe, porque havia passado secretamente a considerar que os autodenominados Imperadores Divinos de Kargad eram uns arrivistas, falsos deuses que tentavam surrupiar o culto devido aos verdadeiros e eternos Poderes. Mas havia algo por trás das palavras de Penthe com que ela não concordava, algo que lhe era novo e que a assustava. Ela não se dera conta de quanto as pessoas eram diferentes, de como enxergavam a vida de modos distintos. Era como se houvesse olhado para cima e, de repente, visto um planeta inteiramente novo, pairando lá no alto, imenso e populoso, bem em frente à janela – um mundo estranho, no qual os deuses não tinham importância. Ficou assustada com a solidez da falta de fé de Penthe. Amedrontada, atacou:

– É verdade. Meus Senhores morreram há muito, muito tempo, e nunca foram homens... Sabe, Penthe, eu poderia convocar você para servir nas Tumbas – falou com amabilidade, como se oferecesse uma escolha melhor à amiga.

O tom rosado desapareceu num instante das bochechas da outra.

– Sim, você poderia. Mas eu não... não sou do tipo que se sairia bem nisso.

– Por quê?

– Tenho medo do escuro – respondeu Penthe, baixinho.

Arha fez um sonzinho de desdém, mas ficou satisfeita. Tinha provado seu ponto de vista. Penthe podia descrever dos deuses, mas temia as forças inomináveis das trevas – como qualquer alma mortal.

– Eu não faria isso, a menos que você quisesse, sabe – disse Arha.

Caiu um longo silêncio entre as duas.

– Você está cada vez mais parecida com Thar – falou Penthe, com seu jeito meigo e sonhador. – Que bom que não está parecendo Kossil! Mas você é muito forte. Eu gostaria de ser forte. Só gosto de comer...

– Vá em frente – concedeu Arha, com ar superior e divertido, e Penthe consumiu devagar a terceira maçã, até as sementes.

As exigências do ritual interminável do Lugar fizeram Arha deixar sua privacidade uns dois dias depois. Uma cabra tivera filhotes gêmeos fora da estação e eles deveriam ser sacrificados aos Irmãos-Deuses Gêmeos, como era de costume: um rito importante, no qual a Primeira Sacerdotisa tinha que estar presente. Em seguida, veio a escuridão da lua nova, e as cerimônias das trevas tiveram que ser realizadas diante do Trono Vazio. Arha aspirou os vapores inebriantes das ervas que queimavam em largas bandejas de bronze perante o Trono e dançou solitária, vestida de preto. Dançou para os espíritos invisíveis dos mortos e dos não nascidos, que se acumularam no ar ao seu redor, seguindo os giros e rodopios de seus pés e os gestos lentos e seguros de seus braços. Ela entoou as canções cujas palavras homem nenhum compreendia, as quais havia aprendido com Thar, sílaba por sílaba, fazia muito tempo. Um coro de sacerdotisas escondidas na penumbra, atrás da grande fileira dupla de colunas, ecoou as palavras estranhas depois dela, e as vozes fizeram o ar no vasto salão decadente vibrar baixinho, como se a multidão de espíritos reunidos repetisse os cânticos, vez após outra.

O Rei-Deus de Awabath não mandou outros prisioneiros para o Lugar e, pouco a pouco, Arha parou de sonhar com os três mortos enterrados em covas rasas na grande caverna embaixo das Pedras Tumulares.

Ela reuniu coragem para voltar àquela caverna. Precisava retornar: a Sacerdotisa das Tumbas tinha que entrar em seus próprios domínios sem pavor, tinha que conhecer seus caminhos.

A primeira vez que atravessou o alçapão foi difícil, mas não tanto quanto ela havia temido. Arha tinha se instruído tão bem para isso, estava tão determinada a ir sozinha e manter o controle que, quando chegou lá, quase se decepcionou ao descobrir que não havia nada a temer. Ali podia haver sepulturas, mas ela não tinha como vê-las, não enxergava nada. Era escuro, silencioso. E apenas isso.

Dia após dia, ela foi lá, sempre entrando pelo alçapão da sala atrás do Trono, até conhecer bem todo o circuito da caverna, com suas estranhas paredes esculpidas – tão bem quanto é possível conhecer aquilo que não se pode enxergar. Nunca se afastava das paredes, porque, se saísse à solta pelo vasto espaço, logo poderia perder o senso de direção no escuro e, com isso, ao finalmente voltar para a parede aos trambolhões, não saber onde estava.

Como havia aprendido na primeira vez, o importante nos lugares tenebrosos era saber por quais curvas e aberturas se passara e quais ainda viriam. A tática era contar, pois todas eram iguais para as mãos tateantes. Como a memória de Arha fora bem treinada, ela não teve dificuldade com esse estranho truque de encontrar o caminho pelo tato e pela contagem, e não pela visão e o bom senso. Não tardou a conhecer de cor todos os corredores que se abriam na Tumba Inferior, o dédalo menor que ficava sob a Sala do Trono e o topo da colina. Mas havia um corredor em que ela nunca entrava: o segundo à esquerda da entrada de pedra vermelha, aquele em que, se entrasse por engano, confundindo-o com outro que já conhecia, talvez nunca mais encontrasse a saída. Sua ânsia de penetrar nele, de aprender a conhecer o Labirinto, aumentava dia a dia, mas ela se conteve até que houvesse aprendido na superfície, acima dos subterrâneos, tudo que pudesse aprender sobre ele.

Thar pouco sabia do Labirinto, exceto os nomes de algumas salas e a lista de indicações do caminho, as curvas a fazer e não fazer para chegar a esses recintos. Estas, ela ensinava a Arha, mas nunca as desenhava na terra nem mesmo as traçava no ar com gestos. Ela própria nunca as seguira, nunca havia entrado no Labirinto. No entanto, quando Arha lhe perguntava “Qual é o caminho da porta de ferro que fica aberta até a Sala Pintada?” ou “Qual é o caminho da Sala dos Ossos até o túnel junto ao rio?”, Thar se calava por um

momento, depois recitava as estranhas indicações aprendidas muito antes com a Arha-que-se-foi: passar por tantos cruzamentos, fazer tantas viradas à esquerda, e mais outras, e mais outras. Todas elas, Arha aprendia de cor, como fizera Thar, frequentemente ao ouvi-las pela primeira vez. À noite, deitada na cama, ela as repetia para si mesma, tentando imaginar os locais, as salas, as curvas.

Thar mostrou a Arha os muitos orifícios de observação que davam para o Labirinto, em todas as construções e templos do Lugar e até embaixo de pedras ao ar livre. A teia de túneis com paredes de pedra subjazia ao Lugar inteiro e até ultrapassava suas muralhas; havia quilômetros de túneis nos subterrâneos escuros. Ninguém além de Arha, das duas sumas sacerdotisas e de seus servos especiais – os eunucos Manan, Uahto e Duby – sabia da existência desse labirinto sob cada passo dado.

Corriam vagos rumores sobre ele entre as outras pessoas; todas sabiam da existência de cavernas ou algum tipo de salas embaixo das Pedras Tumulares, mas ninguém tinha grande curiosidade a respeito de nada que se relacionasse com os Inominados e os lugares que lhes eram sagrados. Talvez achassem que, quanto menos soubessem, melhor. Arha, é claro, era bastante curiosa e, ao ser informada de que havia orifícios de vigia dando para o Labirinto, foi procurá-los. No entanto, ficavam tão bem escondidos na pavimentação dos pisos ou nas terras do deserto que nunca achou nenhum, nem mesmo o que ficava na sua própria Casa Pequena, até Thar mostrá-los.

Uma noite, no início da primavera, ela pegou um lampião a vela e desceu com ele, apagado, atravessando a Tumba Inferior até a segunda passagem à esquerda da que saía da porta de pedra vermelha.

No escuro, deu uns trinta passos pelo corredor e passou por um vão de porta, apalpando o umbral de ferro engastado na pedra: o limite de suas explorações até aquele momento. Passando da Porta de Ferro, caminhou um longo trecho e, quando o túnel enfim começou a descrever uma curva para a direita, acendeu sua vela e olhou em volta. Ali a luz era permitida; ela já não estava na Tumba Inferior. Encontrava-se num lugar menos sagrado, embora mais apavorante, talvez. Estava no Labirinto.

As paredes brutas e vazias, a abóbada e o piso de pedra a cercaram no pequeno círculo de luz da vela. O ar era parado. À frente e atrás dela, o túnel se estendia para a escuridão.

Todos os túneis eram iguais, cruzando-se e tornando a se cruzar. Arha manteve uma contagem cuidadosa das viradas e passagens e foi recitando para si mesma as indicações recebidas de Thar, embora as soubesse perfeitamente. É que não conviria se perder no Labirinto. Na Tumba Inferior e nos corredores curtos ao redor dela, Kossil ou Thar poderia encontrá-la ou Manan sairia à sua procura, porque ela o levara lá diversas vezes. Mas, ali, nenhum deles jamais estivera: apenas ela. Pouco adiantaria que chegassem à Tumba Inferior e a chamassem em voz alta se estivesse perdida num emaranhado espiralado de túneis a 1 quilômetro. Imaginou como ouviria o eco de vozes a chamá-la, ressoando por todos os corredores, e tentaria chegar a elas, mas, já perdida, só faria se perder ainda mais. Tão vívida foi sua imaginação que ela se deteve, supondo ter ouvido uma voz distante. Mas não havia nada. E ela não se perderia. Era muito cuidadosa, e aquele era seu lugar, seu próprio domínio. Os poderes das trevas, os Inominados, haveriam de lhe guiar os passos ali, assim como fariam perder o rumo qualquer outro mortal que ousasse entrar no Labirinto das Tumbas.

Arha não foi muito longe nessa primeira vez, mas foi longe o bastante para que a certeza de sua completa solidão e independência – uma certeza estranha e amarga, mas prazerosa – crescesse forte dentro dela e a fizesse voltar e tornar a voltar, e cada vez ir mais longe. Chegou à Sala Pintada e aos Seis Caminhos, e seguiu pelo longo Túnel Externo, e penetrou no estranho emaranhado que conduzia à Sala dos Ossos.

– Quando fizeram o Labirinto? – perguntou a Thar, e a sacerdotisa magra e severa respondeu:

– Senhora, não sei. Ninguém sabe.

– Por que ele foi construído?

– Para esconder os tesouros das Tumbas e para castigar quem tentasse furtar esses tesouros.

– Todos os tesouros que vi estão nas salas atrás do Trono e nos porões embaixo delas. O que fica no Labirinto?

– Um tesouro muito maior e mais antigo. Você gostaria de vê-lo?

– Sim.

– Ninguém além de você pode entrar no Tesouro das Tumbas. Você pode levar seus servos ao Labirinto, mas não ao Tesouro. Se até mesmo Manan

entrasse lá, a ira das trevas despertaria e ele não sairia vivo. Lá você deve ir sozinha, para sempre. Sei onde fica o Grande Tesouro. Você me ensinou o caminho, há quinze anos, antes de morrer, para que eu me lembrasse e lhe dissesse qual era, na sua volta. Posso lhe instruir o trajeto no Labirinto para além da Sala Pintada. E a chave do tesouro é essa prateada na sua argola, a que tem uma imagem de dragão. Mas você tem que ir sozinha.

– Ensine-me o caminho.

Thar ensinou e ela se lembrou, como se lembrava de tudo que lhe diziam. Mas não foi ver o Grande Tesouro das Tumbas. Deteve-a uma sensação de que sua vontade ou seu conhecimento ainda não estavam completos. Ou talvez ela quisesse guardar alguma coisa de reserva, algo por que ansiar, algo que lançasse um encanto sobre aqueles túneis intermináveis através das trevas, que acabavam sempre em paredes vazias ou em celas nuas e poeirentas. Decidiu esperar um pouco para ver seus tesouros.

Afinal, já não os vira antes?

Arha ainda se sentia estranha quando Thar e Kossil lhe falavam de coisas que ela vira ou dissera antes de morrer. Sabia que havia mesmo morrido e que renascera num novo corpo, na hora da morte de seu corpo antigo: não apenas uma vez, fazia quinze anos, mas também cinquenta anos antes, e antes disso, e antes ainda, remontando pelos anos e séculos, de geração em geração, até os primórdios da época em que o Labirinto fora escavado, e em que as Pedras tinham sido erguidas, e em que a Primeira Sacerdotisa dos Inominados tinha vivido no Lugar e dançado diante do Trono Vazio. Eram todas uma só, todas aquelas vidas e a dela. Arha era a Primeira Sacerdotisa. Todos os seres humanos renasciam eternamente, mas apenas Arha renascia sempre sendo ela mesma. Cem vezes havia aprendido os caminhos e meandros do Labirinto e enfim chegara à sala oculta.

Às vezes tinha a impressão de se lembrar. Os lugares escuros sob a colina lhe eram muito conhecidos, como se fossem não apenas seu domínio, mas seu lar. Quando aspirava os vapores inebriantes para dançar nas trevas da lua, sua cabeça ficava leve e o corpo deixava de ser o seu. Então ela dançava através dos séculos, descalça com suas vestes negras, e sabia que a dança nunca havia parado.

Mesmo assim, era sempre estranho quando Thar dizia “Você me contou,

antes de morrer...”.

Certa vez ela perguntou: “Quem foram os homens que vieram roubar as Tumbas? Algum deles chegou a conseguir?” A ideia de ladrões lhe parecera instigante, mas improvável. Como eles chegariam em segredo ao Lugar? Os peregrinos eram pouquíssimos, menos numerosos até que os prisioneiros. Vez por outra, noviças ou escravos novos eram mandados de templos menores das Quatro Regiões, ou um pequeno grupo vinha trazer uma oferenda de ouro ou raro incenso para um dos templos. E só. Ninguém chegava por acaso, ou para comprar e vender, ou para ver a paisagem, ou para furtar; ninguém vinha senão cumprindo ordens. Arha nem sabia a que distância ficava a cidade vizinha, se a 30 quilômetros ou mais, e a cidade mais próxima era pequena. O Lugar era guardado e defendido pelo vazio, pela solidão. Qualquer um que atravessasse o deserto que o cercava, pensou Arha, teria tanta probabilidade de passar despercebido quanto uma ovelha negra num campo de neve.

Estava com Thar e Kossil, com quem agora passava boa parte do tempo, quando não ficava na Casa Pequena ou sozinha nos subterrâneos da colina. Era uma noite fria e chuvosa de abril. As três sentavam-se junto a um fogo pequeno, na lareira do quarto atrás do templo do Rei-Deus, o quarto de Kossil. Lá fora, Manan e Duby disputavam um jogo com varetas e fichas, jogando um punhado de varetas para o alto e pegando tantas quantas fosse possível com as costas da mão. Manan e Arha também faziam isso às vezes, em segredo, no pátio interno da Casa Pequena. O barulho das varetas que caíam, os resmungos roucos de vitória e derrota e o leve crepitar do fogo eram os únicos sons audíveis quando as três sacerdotisas se calavam. Em toda a sua volta, para além da muralha, chegava o profundo silêncio da noite no deserto. Vez por outra vinha o tamborilar de uma pancada esparsa de chuva.

– Muitos tentaram roubar as Tumbas, já se vai um longo tempo, mas ninguém jamais teve êxito – respondeu Thar.

Taciturna como era, Thar gostava de contar histórias de vez em quando, em geral como parte da educação de Arha. Naquela noite, parecia possível que se arrancasse dela uma história.

– Como é que algum homem se atreveria?

– *Eles* se atreveriam – garantiu Kossil. – Eram feiticeiros, magos das

Regiões Interiores. Isso foi antes de os Reis-Deuses governarem as terras de Kargad; não éramos tão fortes naquela época. Os magos navegavam do oeste para Karego-At e Atuan no intuito de saquear as cidades litorâneas, pilhar as fazendas e até chegar à Cidade Sagrada de Awabath. Diziam vir matar dragões, mas ficavam para roubar as cidades e os templos.

– E os grandes heróis deles circulavam entre nós para testar suas espadas – acrescentou Thar – e fazer seus encantamentos profanos. Um deles, um poderoso feiticeiro e senhor dos dragões, o maior de todos, desgraçou-se aqui. Foi há muito, muito tempo, mas a história ainda é lembrada, e não apenas neste lugar. O feiticeiro se chamava Erreth-Akbe e era rei e mago no Ocidente. Veio a nossas terras e, em Awabath, juntou-se a alguns senhores rebelados dos kargs e lutou pelo governo da cidade com o Sumo Sacerdote do Templo Interno dos Deuses Gêmeos. Foi longa a batalha da magia do homem contra o relâmpago dos deuses, e o templo ao redor deles foi destruído. Por fim, o Sumo Sacerdote quebrou o cajado mágico do feiticeiro, partiu ao meio seu amuleto do poder e o derrotou. Ele escapou da cidade e das terras de Kargad, atravessou Terramar e fugiu para o extremo oeste. Lá um dragão o matou, porque seu poder havia acabado. Desde esse dia, a força e o poder das Regiões Interiores definharam para sempre. Na época, o Sumo Sacerdote se chamava Intathin e foi o primeiro da casa de Tarb, a linhagem da qual, após a realização das profecias e dos séculos, descenderam os Reis-Sacerdotes de Karego-At e, deles, os Reis-Deuses de toda Kargad. E foi assim que, desde os tempos de Intathin, a força e o poder das terras de Kargad só fizeram crescer. Os que vieram roubar as Tumbas eram feiticeiros, que tentaram repetidas vezes recuperar o amuleto quebrado de Erreth-Akbe. Mas ele continua aqui, onde o Sumo Sacerdote o deixou guardado em segurança. E aqui estão também os ossos deles...

Thar apontou para o chão sob seus pés.

– A metade dele está aqui – disse Kossil. – E a outra metade se perdeu para sempre.

– Perdeu-se como? – perguntou Arha.

– Uma metade, na mão de Intathin, foi dada por ele ao Tesouro das Tumbas, onde deveria ficar em segurança para sempre. A outra permaneceu na mão do feiticeiro, mas, antes de fugir, ele a deu a um rei insignificante, um dos rebeldes, de nome Thoreg de Hupun. Não sei por que fez isso.

– Para causar conflitos, para deixar Thoreg orgulhoso – esclareceu Kossil. – E assim aconteceu. Os descendentes de Thoreg tornaram a se rebelar quando a casa de Tarb estava no poder e, mais uma vez, pegaram em armas contra o primeiro Rei-Deus, recusando-se a reconhecê-lo como rei ou como deus. Eram uma raça amaldiçoada, enfeitiçada. Agora estão todos mortos.

Thar assentiu.

– O pai do nosso Rei-Deus atual, o Senhor Que Se Elevou, derrotou essa família de Hupun e destruiu seus palácios. Quando isso foi feito, o meio amuleto que eles guardavam desde os tempos de Erreth-Akbe e Intathin se perdeu. Ninguém sabe o que foi feito dele. E isso foi há muito, muito tempo.

– Foi jogado fora como lixo, sem dúvida – afirmou Kossil. – Dizem que não se parece nada com um objeto de valor, esse Anel de Erreth-Akbe. Maldito seja ele e tudo que vem dos magos!

Kossil cuspiu no fogo.

– Você já viu a metade que está aqui? – perguntou Arha a Thar.

A mulher magra balançou a cabeça.

– Ele está no tesouro em que ninguém pode entrar a não ser a Sacerdotisa Única. Talvez seja o maior de todos os tesouros que lá estão, não sei. Durante centenas de anos, as Regiões Interiores enviaram ladrões e magos para cá, para tentar roubá-lo e levá-lo de volta, e eles passaram direto por cofres de ouro abertos, em busca unicamente dele. Faz muito tempo desde que Erreth-Akbe e Intathin eram vivos, mas esta história continua a ser conhecida e contada, tanto aqui quanto no Ocidente. A maioria das coisas envelhece e perece com o contínuo passar dos séculos. Pouquíssimas são as coisas preciosas que continuam preciosas, ou as histórias que ainda são contadas.

Arha meditou um pouco e disse:

– Deviam ser homens muito valentes ou muito estúpidos para entrar nas Tumbas. Não conheciam os poderes dos Inominados?

– Não – respondeu Kossil, com sua voz fria. – Eles não têm deuses. Trabalham com a magia e se acham deuses. Mas não são. Quando morrem, não renascem. Viram poeira e ossos e seus fantasmas gemem no vento por algum tempo, até que o vento os sopra para longe. Eles não têm almas imortais.

– Mas que mágica é essa que eles fazem? – perguntou Arha, fascinada.

Agora já não se lembrava de um dia ter dito que desviaria os olhos e se

recusaria a fitar os navios que vinham das Regiões Interiores.

– Como eles a praticam? O que ela faz? – acrescentou.

– Truques, vigarices, trapaças – falou Kossil.

– Um pouco mais que isso – disse Thar –, mesmo se apenas parte das histórias for verdadeira. Os magos do Ocidente sabem provocar e acalmar os ventos e fazê-los soprar para onde quiserem. Quanto a isso, todos concordam e contam a mesma história. É por isso que são grandes navegadores; sabem pôr o vento da magia em suas velas e ir aonde querem, e silenciar as borrascas no mar. E dizem que eles sabem criar luz à vontade, e também a escuridão, e transformar pedras em diamantes e chumbo em ouro. Que são capazes de construir um grande palácio ou uma cidade inteira num instante, ao menos na aparência, e que sabem se transformar em ursos, peixes ou dragões quando bem entendem.

– Não acredito nisso – objetou Kossil. – Que eles são perigosos, sutis na trapaça e escorregadios como enguias, sim. Mas dizem que, se a pessoa tirar do feiticeiro o seu cajado de madeira, não lhe restará poder algum. É provável que haja runas maléficas escritas no cajado.

Thar voltou a balançar a cabeça.

– Eles carregam um cajado, é verdade, mas é só uma ferramenta para o poder que trazem dentro de si.

– Mas como eles obtêm esse poder? – perguntou Arha. – De onde ele vem?

– De mentiras – respondeu Kossil.

– De palavras – contrapôs Thar. – Assim me explicou alguém que um dia observou um grande feiticeiro das Regiões Interiores, um mago, como são chamados. Tinham-no feito prisioneiro, num ataque ao Ocidente. Ele lhes mostrou um pedaço de pau seco, disse uma palavra a ele e, pronto, o pau desabrochou em flor. E o homem enunciou outra palavra e eis que dele brotaram maçãs vermelhas. E ele falou mais uma palavra, e o pedaço de pau, os botões de flores, as maçãs, tudo desapareceu, e com eles o feiticeiro. Com uma palavra, havia sumido como some o arco-íris, num piscar de olhos, sem deixar vestígios. Nunca mais o encontraram naquela ilha. Será que isso foi mero engodo?

– É fácil enganar os tolos – declarou Kossil.

Thar não disse mais nada, para evitar discussões, mas Arha, execrando a ideia de abandonar o assunto, perguntou:

– Qual é a aparência dos magos? Eles são mesmo todos pretos, de olhos

brancos?

– São pretos e vis. Nunca vi nenhum – disse Kossil, com satisfação, reacomodando o corpanzil na banquetta baixa e estendendo as mãos para o fogo.

– Que os Deuses Gêmeos os mantenham longe – murmurou Thar.

– Eles nunca mais voltarão aqui – garantiu Kossil.

O fogo crepitou, a chuva tamborilou no telhado e, do lado de fora da porta, Manan deu um grito estridente:

– Arrá! Metade para mim, metade!

Capítulo 5

l u z s o b a c o l i n a

Quando o ano ia fechando o ciclo para entrar de novo no inverno, Thar morreu. No verão, tinha sido atingida por uma doença debilitante. Ela, que já era magra, tornou-se esquelética; sisuda, parou de falar. Conversava apenas com Arha, às vezes, quando estavam sozinhas. Depois, até isso teve fim e Thar entrou nas trevas em silêncio. Após sua partida, Arha sentiu uma dolorosa saudade. Se Thar tinha sido severa, nunca fora cruel. Ensinara o orgulho a Arha, não o medo.

Agora só havia Kossil.

Uma nova Suma Sacerdotisa para o Templo dos Deuses Gêmeos chegaria de Awabath na primavera; até lá, Arha e Kossil, juntas, governariam o Lugar. A mulher chamava a mocinha de “senhora” e lhe deveria obediência se dela recebesse ordens. Mas Arha aprendera a não dar ordens a Kossil. Tinha o direito de fazê-lo, mas não a força; seria necessária uma força enorme para enfrentar a inveja que Kossil sentia de uma posição superior à dela, seu ódio de tudo que ela mesma não controlasse.

Desde que havia aprendido com a meiga Penthe sobre a existência da falta de fé e a aceitara como uma realidade – embora a assustasse –, Arha pudera olhar para Kossil com muito mais firmeza e compreendê-la. Kossil não tinha no coração uma verdadeira fé nos Inominados nem nos deuses. Nada era sagrado para ela senão o poder. O imperador das terras de Kargad era o atual detentor do

poder, por isso era, sim, um verdadeiro Rei-Deus a seus olhos e ela se dispunha a lhe prestar bons serviços. Para Kossil, porém, os templos eram mera exibição, as Pedras Tumulares eram simples pedras e as Tumbas de Atuan eram buracos escuros no chão, terríveis mas vazios. Se pudesse, Kossil acabaria com o culto ao Trono Vazio. Acabaria com a Primeira Sacerdotisa caso se atrevesse.

Arha havia passado a encarar até esse último fato com bastante serenidade. Talvez Thar a tivesse ajudado a enxergar isso, apesar de nunca ter dito nada diretamente. Nas primeiras fases de sua doença, antes de ser tomada pelo silêncio, ela pedira que Arha fosse vê-la a intervalos de poucos dias e conversara com ela, contando-lhe muitas coisas sobre os atos do Rei-Deus e de seu predecessor, e sobre os costumes de Awabath – assuntos que, como uma sacerdotisa importante, ela devia conhecer, mas que nem sempre eram elogiosos para o Rei-Deus e sua corte. Thar também havia falado da própria vida e descrito como era e o que tinha feito à Arha da vida anterior; e em algumas ocasiões, não muito frequentes, mencionara quais poderiam ser as dificuldades e perigos da vida atual de Arha. Nem uma vez citara Kossil. Mas Arha havia sido aluna de Thar durante onze anos e não precisava de mais que uma indireta ou um tom de voz para compreender e para recordar.

Uma vez encerrada a sombria comoção dos Ritos do Luto, Arha passou a evitar Kossil. Terminados os longos trabalhos e rituais do dia, ia para sua moradia solitária e, sempre que havia tempo, ia à sala atrás do Trono, abria o alçapão e descia para as trevas. De dia ou de noite, porque não fazia diferença, conduzia uma exploração sistemática de seu domínio. A Tumba Inferior, com seu grande peso de sacralidade, era totalmente proibida a qualquer pessoa, exceto as sacerdotisas e seus eunucos de maior confiança. Qualquer outra pessoa que se aventurasse a entrar lá, homem ou mulher, era quase certo que seria fulminada pela ira dos Inominados. Mas, dentre todas as regras que Arha aprendera, não havia nenhuma que proibisse a entrada no Labirinto. Não era necessário. Só se podia entrar nele pela Tumba Inferior e, de qualquer modo, será que as moscas precisam de regras que lhes digam para não entrar em teias de aranha?

Assim, muitas vezes ela levava Manan às regiões mais próximas do Labirinto, para que ele pudesse aprender os caminhos. Manan não se mostrava nada ansioso para ir lá, mas, como sempre, obedecia. Arha se certificou de que

Duby e Uahto, os eunucos de Kossil, soubessem o caminho para a Sala dos Grilhões e o da saída da Tumba Inferior, porém nada mais; nunca os levou ao Labirinto. Não queria que ninguém além de Manan, que lhe era extremamente fiel, conhecesse esses caminhos secretos – pois eram dela e só dela, para sempre. Arha tinha iniciado sua exploração completa pelo Labirinto. Durante o outono inteiro, passara muitos dias andando por aqueles corredores intermináveis, e ainda havia regiões deles a que nunca chegara. Era cansativo fazer o levantamento daquela vasta rede de caminhos que não tinham sentido; as pernas ficavam fatigadas e a mente, entediada, eternamente contando as passagens e curvas passadas e aquelas ainda por vir. O dédalo era maravilhoso, disposto no sólido subsolo rochoso como as ruas de uma cidade grande, mas tinha sido feito para cansar e confundir os mortais que por ele caminhassem, e até as sacerdotisas deviam sentir que, no final das contas, não era nada além de uma grande armadilha.

Assim, enquanto o inverno se intensificava mais e mais, Arha voltou sua exploração minuciosa para o próprio Salão do Trono, os altares, as alcovas atrás e embaixo dos altares, as salas de baús e caixas, o conteúdo destes, as passagens e os sótãos, o vão empoeirado sob a cúpula, onde se aninhavam centenas de morcegos, e os porões e subporões que eram as antessalas dos corredores da escuridão.

Com as mãos e as mangas perfumadas pela doçura seca de almíscar transformado em pó após oito séculos num baú de ferro, e com a testa borrada pelo pretume grudento das teias de aranha, ela se ajoelhava e por uma hora estudava os entalhes de um belo cofre de cedro arruinado pelo tempo, presente de algum rei aos Poderes Inominados das Tumbas, já se iam séculos. Ali estava o rei, uma figurinha rígida de nariz grande, e ali o Salão do Trono, com sua cúpula achatada e as colunas do pórtico, entalhado num relevo delicado na madeira por algum artista que já teria virado pó sabe-se lá quantas centenas de anos antes. Ali estava a Sacerdotisa Única, aspirando os vapores inebriantes das bandejas de bronze e fazendo profecias ou dando conselhos ao rei, cujo nariz aparecia quebrado naquele quadro. O rosto da sacerdotisa era pequeno demais para ter feições claras, mas Arha imaginava que era o próprio rosto. Perguntava-se o que teria dito ao rei narigudo e se ele teria ficado agradecido.

Arha tinha lugares favoritos no Salão do Trono, como se poderia ter lugares

favoritos para sentar numa casa ensolarada. Muitas vezes ia a um pequeno meio-sótão acima dos vestiários nos fundos do salão. Lá eram guardados antigos vestidos e trajes dos tempos em que grandes reis e senhores iam fazer o culto no Lugar das Tumbas de Atuan, reconhecendo um domínio maior que o deles ou o de qualquer homem. Em algumas ocasiões, as filhas deles, as princesas, tinham usado aquelas sedas brancas e macias, bordadas com topázios e ametistas escuras, e haviam dançado com a Sacerdotisa das Tumbas. Num dos tesouros viam-se mesinhas de marfim com pinturas que mostravam essa dança, assim como os senhores e reis esperando fora do salão, pois, assim como agora, homem algum jamais punha os pés no solo das Tumbas. As donzelas, porém, podiam entrar e dançar com a sacerdotisa, trajando sedas brancas. A sacerdotisa sempre usava um tecido preto rústico, feito em casa, mas gostava de ir lá alisar o tecido macio e perfumado, apodrecido pelo tempo, do qual as gemas preciosas imperecíveis se soltavam pelo próprio e leve peso. Havia nesses baús um aroma diferente de todos os almíscares e incensos dos templos do Lugar: uma fragrância mais fresca, mais vaga, mais jovem.

Nas salas do tesouro, Arha passava noites aprendendo o conteúdo de um único baú, joia por joia, vendo a armadura enferrujada, as plumas quebradas de elmos, as fivelas, alfinetes e broches, o bronze, a prata dourada e o ouro maciço.

As corujas, imperturbáveis ante a presença dela, empoleiravam-se nas vigas e abriam e fechavam os olhos amarelos. Um tantinho de luz das estrelas brilhava por entre as telhas ou então a neve era peneirada pelas frestas entre elas, fina e fria como as sedas antigas que se reduziam a nada ao toque da mão.

Uma noite, no fim do inverno, estava frio demais no salão. Arha foi até o alçapão, levantou-o, desceu os degraus e o fechou acima da cabeça. Partiu em silêncio pelo caminho que agora conhecia muito bem, a passagem para a Tumba Inferior. Lá, é claro, nunca carregava uma luz; quando levava um lampião, por ter ido ao Labirinto ou saído na escuridão da noite na superfície, ela o apagava antes de se aproximar da Tumba Inferior. Nunca tinha visto o local, nunca, em todas as gerações de seu sacerdócio.

Já no corredor, apagou a vela do lampião e, sem reduzir em nada o passo, seguiu adiante em meio ao breu, com a desenvoltura de um peixinho nadando em águas escuras. Ali, fosse inverno ou verão, não havia frio nem calor: era sempre a mesma friagem, um pouquinho úmida, imutável. Na superfície, os

grandes ventos gelados do inverno açoitavam a neve fina, espalhando-a pelo deserto. No subterrâneo, não havia vento nem estação; ele era fechado, quieto, seguro.

Arha estava indo à Sala Pintada. Vez por outra, gostava de ir até lá e estudar os estranhos desenhos nas paredes, que saltavam da escuridão ao brilho de sua vela: homens de asas compridas e olhos enormes, serenos e tristonhos. Ninguém sabia lhe dizer o que eram eles, não havia pinturas semelhantes em outros pontos do Lugar, mas Arha julgava saber: eram os espíritos dos amaldiçoados, que não renasciam. A Sala Pintada ficava no Labirinto, de modo que primeiro ela precisava passar pela caverna abaixo das Pedras Tumulares. Quando se aproximava dela, descendo a passagem inclinada, desabrochou um cinza tênue, mera sugestão e lampejo, eco do eco de uma luz distante.

Ela achou que seus olhos a estavam enganando, como era frequente fazerem naquele negrume absoluto. Fechou-os e o lampejo desapareceu. Abriu-os e ele ressurgiu.

Arha havia parado e permanecido imóvel. Cinza, não preto. Um toque fosco de palidez quase imperceptível, onde nada podia ser visível, onde tudo deveria ser negro.

Deu alguns passos à frente e estendeu a mão para aquele ângulo da parede do túnel e, infinitamente tênue, viu o movimento de sua mão.

Seguiu adiante. Era de uma estranheza impensável, que ia além do medo, esse vago despontar da luz onde jamais houvera luz alguma, no mais recôndito sepulcro da escuridão. Ela continuou sem fazer ruído, pés descalços, roupa preta. Na última curva do corredor, parou. E então, bem devagar, deu o último passo, olhou e viu.

Viu o que nunca tinha visto, apesar de ter vivido uma centena de vidas: a enorme caverna abobadada sob as Pedras Tumulares, não escavada por mãos humanas, mas pelas forças da Terra. Era enfeitada por cristais preciosos como joias e ornamentada com pináculos e filigranas de calcário branco, onde as águas subterrâneas haviam trabalhado durante milênios: imensa, com teto e paredes reluzentes, cintilante, delicada, intrincada, um palácio de diamantes, uma casa de ametista e cristal de onde a anciana escuridão fora expulsa pela glória.

Não brilhante, mas ofuscante para o olhar acostumado às trevas, era a luz

que operava aquela maravilha. Era um luzir suave como o fogo-fátuo, movendo-se devagar pela caverna, acendendo mil cintilações no teto cravejado e deslocando mil sombras fantásticas pelas paredes entalhadas.

A luz ardia na ponta de um cajado de madeira, sem fumaça, sem nada consumir. O cajado era carregado por mão humana. Arha viu o rosto ao lado da luz, o rosto escuro: um rosto de homem.

Ela não se mexeu.

Durante muito tempo, ele cruzou e tornou a cruzar a imensa caverna. Andava como se buscasse algo, procurando atrás das rendilhadas cataratas de pedra, estudando os diversos corredores que levavam para fora da Tumba Inferior, mas sem penetrar neles. E, mesmo assim, a Sacerdotisa das Tumbas permaneceu imóvel no ângulo escuro da passagem, à espera.

O que lhe era mais difícil de pensar, talvez, era que estava olhando para um estranho. Raríssimas vezes Arha vira um estranho. Pareceu-lhe que aquele devia ser um dos guardiões – não, um dos homens do lado de lá da muralha, um pastor ou um guarda, um escravo do Lugar, e ele teria entrado para ver os segredos dos Inominados, talvez para roubar alguma coisa das Tumbas...

Para roubar. Roubar os Poderes das Trevas. Sacrilégio – a palavra entrou devagar na mente de Arha. Aquele era um homem, e os pés de homem algum jamais deveriam tocar o solo das Tumbas, o Lugar Sagrado. No entanto, ele havia entrado ali, no lugar oco que era o coração das Tumbas. Produzira luz onde a luz era proibida, onde nunca estivera desde o começo do mundo. Por que os Inominados não o abatiam?

Agora ele estava parado, com os olhos no chão pedregoso, que fora cortado e remexido. Arha pôde ver que tinha sido aberto e novamente fechado. Nem todos os torrões ácidos e estéreis escavados para as sepulturas tinham voltado a ser batidos no lugar.

Seus Senhores haviam devorado aqueles três. Por que não devoravam este? O que estavam esperando?

Que as mãos deles agissem, que a língua deles falasse...

– Fora! Fora! Saia daqui! – gritou ela de repente, a plenos pulmões.

Ecos portentosos estridularam e ribombaram pela caverna, parecendo obscurecer o rosto moreno e assustado que se virou para ela e, por um momento,

do outro lado do esplendor abalado da caverna, viu Arha. Então a luz se apagou. Todo o esplendor desapareceu. Escuridão impenetrável e silêncio.

Arha pôde refletir novamente. Estava livre do feitiço da luz.

Ele devia ter entrado pela porta de pedra vermelha, a Porta dos Prisioneiros, de modo que tentaria escapar por lá. Leve e silenciosa como as corujas de asas macias, Arha correu pelo semicírculo da caverna até o túnel baixo que levava à porta que só abria para dentro. Lá, deteve-se à entrada do túnel. Não havia nenhuma corrente de vento vindo de fora; ele não prendera a porta para deixá-la aberta, ao entrar. Estava fechada e, se o homem estivesse no túnel, ficaria preso.

Mas ele não estava no túnel, Arha tinha certeza. Tão perto, naquele espaço apertado, ela o ouviria respirar, sentiria o calor e a pulsação da sua vida. Não havia ninguém no túnel. Arha permaneceu ereta e aguçou os ouvidos. Para onde ele fora?

A escuridão lhe comprimia os olhos como uma atadura. Ter visto a Tumba Inferior havia confundido Arha: ela estava aturdida. Só conhecia aquele local como uma região definida pela audição, pelo tato, por correntes de ar frio nas trevas; uma vastidão, um mistério para nunca ser visto. Agora ela o vira e o mistério não dera lugar ao horror, mas à beleza, um mistério ainda mais profundo que o das trevas.

Agora Arha avançava devagar, insegura. Tateou o caminho para a esquerda, para o segundo corredor, o que levava ao Labirinto. Nele, fez uma pausa e prestou atenção.

Os ouvidos não lhe disseram mais que os olhos. Mas, parada com uma das mãos em cada lado do arco de pedra, sentiu uma vaga e obscura vibração na rocha e, no ar viciado e frio, reconheceu o vestígio de um aroma que não fazia parte dali: o cheiro da salva que crescia nas colinas do deserto, na superfície acima, a céu aberto.

Lenta e silenciosa, ela se deslocou pelo corredor, seguindo o olfato.

Depois de uns cem passos, talvez, ouviu-o. O homem era quase tão silencioso quanto ela, mas não andava com a mesma firmeza no escuro. Arha ouviu um ligeiro ruído, como se ele tivesse tropeçado no solo irregular e se recuperado prontamente. Mais nada. Esperou um pouco e recomeçou a andar devagar, com a ponta dos dedos da mão direita tocando a parede muito de leve. Por fim, sentiu uma barra arredondada de metal embaixo deles. Deteve-se nesse

ponto e apalpou o ferro até que, quase no ponto mais alto que conseguia alcançar, tocou numa maçaneta. De repente, com toda a sua força, puxou-a para baixo.

Houve um rangido e uma batida assustadores. Soltou-se uma chuva de centelhas cadentes azuis. Os ecos foram se extinguindo em discussões pelo corredor atrás dela. Arha estendeu as mãos e, poucos centímetros à frente do rosto, sentiu a superfície esburacada de uma porta de ferro.

Inspirou fundo e devagar.

Na lenta volta pelo túnel até a Tumba Inferior, mantendo a parede à direita, ela foi até o alçapão no Salão do Trono. Não se apressou e prosseguiu em silêncio, embora já não houvesse qualquer necessidade de silêncio. Arha havia capturado seu ladrão. A porta pela qual ele tinha passado era a única maneira de entrar ou sair do Labirinto e só podia ser aberta pelo lado de fora.

Agora ele estava lá embaixo, na escuridão subterrânea, e nunca mais sairia.

Andando devagar e ereta, Arha passou pelo Salão do Trono e entrou no longo salão das colunas. Ali, onde uma única tigela de bronze no tripé alto estava cheia até a borda do brilho vermelho do carvão, ela se virou e se aproximou dos sete degraus que conduziam ao Trono. Ajoelhou-se no mais baixo e se curvou até encostar a testa na pedra fria e poeirenta, cheia de ossos de rato que as corujas caçadoras deixavam cair.

“Perdoai-me por ter visto rompida a vossa escuridão”, disse, sem enunciar as palavras em voz alta. “Perdoai-me por ter visto vossas Tumbas violadas. Sereis vingados. Ó meus Senhores, a morte o entregará a vós e ele jamais renascerá!”

Mesmo ao rezar, porém, ela viu mentalmente o trêmulo esplendor da caverna iluminada, da vida em lugar da morte. Em vez de terror diante do sacrilégio e raiva do ladrão, só conseguiu pensar em como aquilo era estranho, muito estranho...

– O que devo dizer a Kossil? – perguntou-se, ao sair para as rajadas de vento hibernais e apertar a capa em volta do corpo. – Nada. Ainda não. *Eu sou* a senhora do Labirinto. Isso não é da conta do Rei-Deus. Contarei a ela depois que o ladrão estiver morto, talvez. Como devo matá-lo? Eu deveria fazer Kossil vir assistir à morte dele. Ela gosta da morte. O que ele estava procurando? Deve ser louco. Como terá entrado? Kossil e eu temos as únicas chaves da porta de pedra

vermelha e do alçapão. Ele deve ter entrado pela porta de pedra vermelha. Só um feiticeiro poderia abri-la. Um feiticeiro...

Ela parou, embora o vento quase a arrancasse do chão.

– Ele é feiticeiro, é um mago das Regiões Interiores, procurando o amuleto de Erreth-Akbe.

E havia nisso um encanto tão escandaloso que ela se sentiu aquecer por inteiro, mesmo naquele vento gelado, e riu alto. Em toda a sua volta, o Lugar, assim como o deserto que o rodeava, estava negro e silencioso, o vento uivava, não havia luzes no Casarão. A neve fina, invisível, passava adejando ao vento.

– Se ele abriu a porta de pedra vermelha, é capaz de abrir outras. Pode fugir.

Essa ideia a enregelou por um momento, mas não a convenceu. Os Inominados o haviam deixado entrar. Por que não? Ele não poderia fazer mal nenhum. Que mal faz um ladrão que não sabe sair da cena do seu roubo? Encantamentos e poderes obscuros ele devia ter, e dos fortes, sem dúvida, já que havia chegado tão longe; porém, mais longe não iria. Nenhum feitiço lançado por um homem mortal poderia ser mais forte que a vontade dos Inominados, as presenças das Tumbas, os Reis cujo Trono estava deserto.

Para se assegurar disso, Arha se apressou a ir para a Casa Pequena. Manan dormia na varanda, enrolado em sua capa e no cobertor esmolambado de pele que era sua cama de inverno. Ela entrou em silêncio para não acordá-lo e não acendeu nenhum lampião. Abriu um quartinho trancado, pouco mais que um armário no fim do corredor. Riscou uma pederneira e produziu centelhas por tempo suficiente para achar certo lugar no piso. Ajoelhando-se, levantou um ladrilho. Um pedaço de pano grosso e sujo, de apenas alguns centímetros quadrados, revelou-se ao seu tato. Ela o pôs de lado sem fazer barulho. Recuou, assustada, porque um raio de luz subiu e a atingiu em cheio no rosto.

Após um momento, com muita cautela, ela espiou pela abertura.

Tinha esquecido que o homem carregava aquela luz estranha do cajado. No máximo, havia esperado ouvi-lo lá embaixo, no escuro. Esquecera-se da luz, mas ele estava onde Arha havia esperado que estivesse: bem embaixo do orifício de observação, junto à porta de ferro que lhe barrava a fuga do Labirinto.

Lá estava ele parado, com uma das mãos nas cadeiras, a outra segurando em ângulo o cajado da sua altura, a cuja ponta se prendia o suave fogo-fátuo. A cabeça, para a qual Arha olhou de uma altura de quase 2 metros, estava meio

inclinada de lado. As roupas do homem eram as de qualquer viajante ou peregrino no inverno: capa pesada e curta, túnica de couro, malha de lã nas pernas, sandálias de amarrar; nas costas ele levava um bernal leve, do qual pendia um cantil de água, e na cinta, uma faca embainhada. Ali estava, imóvel como uma estátua, sereno e pensativo.

Lentamente, ergueu o cajado e virou a ponta brilhante na direção da porta, que Arha não conseguia ver de sua vigia. A luz se alterou, ficando menor e mais luminosa, com um brilho intenso. Ele falou alto. A língua enunciada era desconhecida por Arha, porém mais estranho que as palavras, para ela, foi a voz, grave e sonora.

A luz do cajado se intensificou, piscou, diminuiu. Por um instante, praticamente se apagou e ela não pôde vê-lo.

O fogo-fátuo de tom violeta pálido reapareceu, estável, e Arha viu o homem se afastar da porta. Seu encantamento inicial havia falhado. Os poderes que mantinham a fechadura firmemente trancada eram mais fortes que a magia dele.

O homem olhou em volta, como que pensando, mas em quê?

O túnel ou corredor em que se achava tinha cerca de 1,5 metro de largura. O teto ficava uns 3,5 a 4,5 metros acima do solo rochoso. As paredes eram de pedra de cantaria, revestida pelo reboco, porém com muito cuidado e precisão, de modo que dificilmente se conseguiria introduzir uma ponta de faca nas juntas. E as paredes se inclinavam cada vez mais para dentro ao subirem, formando uma abóbada.

Não havia mais nada.

Ele começou a andar. Uma passada o tirou do campo de visão de Arha. A luz se extinguiu. Ela já ia repondo o pano e o ladrilho no lugar quando, mais uma vez, o feixe de luz suave se ergueu do chão diante dela. O homem tinha voltado para a porta. Talvez houvesse percebido que, se fosse embora e entrasse no Labirinto, não era muito provável que a reencontrasse.

Ele falou em voz baixa, dizendo apenas uma palavra, “*Emenn*”, e de novo, mais alto: “*Emenn!*” A porta de ferro chacoalhou nos batentes e os ecos graves soaram feito trovão pelo túnel abobadado. Arha teve a impressão de que o piso embaixo dela balançou.

Mas a porta aguentou firme.

Então ele deu uma risada curta, como quem pensa: “Que papel de bobo eu

fiz!” Correu os olhos mais uma vez pelas paredes e, quando olhou para cima, Arha viu o esboço do sorriso ainda em seu rosto escuro. Em seguida, ele se sentou, tirou o bernal do ombro, pegou um pedaço de pão seco e se pôs a mastigá-lo. Destampou o cantil de couro em que levava água e o sacudiu; parecia leve em sua mão, como se quase vazio. O homem tornou a fechá-lo sem beber nada. Pôs o bernal atrás da cabeça, para servir de travesseiro, puxou a capa para cobrir o corpo e se deitou. O cajado ficou em sua mão direita. O pequeno fogo-fátuo ou bola de luz flutuou para o alto, saindo do cajado, e ficou pairando, tênue, atrás da cabeça do homem, a pouco mais de 1 metro do chão. A mão esquerda ele mantinha no peito, segurando algo que pendia de uma corrente grossa no pescoço. Lá permaneceu ele, deitado, muito à vontade, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos. Seus olhos vagaram pelo orifício de observação e para longe, e o homem deu um suspiro e os fechou. Aos poucos, a luz foi enfraquecendo. Ele dormiu.

A mão cerrada no peito relaxou, tombou de lado e, do alto, Arha viu o talismã que ele usava na corrente: um pedaço de metal tosco, aparentemente em formato de lua crescente.

O brilho tênue de sua feitiçaria se apagou. Ele ficou em silêncio e no escuro.

Arha recolocou o pano e o ladrilho no lugar, levantou-se com cautela e se esgueirou para seu quarto. Lá, passou muito tempo acordada, deitada na escuridão de ventos sonoros, sempre visualizando o brilho de cristal que havia tremeluzido na casa da morte, aquele fogo suave que não queimava, as pedras da parede do túnel, o rosto sereno do homem adormecido.

Capítulo 6

a armadilha para o homem

No dia seguinte, havendo concluído seus deveres nos diversos templos e sua aula de danças sagradas para as noviças, Arha escapuliu para a Casa Pequena e, escurecendo o quarto, abriu o orifício de observação e olhou para baixo. Não havia luz. O homem se fora. Ela não achara que ele pudesse ficar tanto tempo junto à porta inútil, mas aquele era o único local em que sabia ser possível encontrá-lo. Como o acharia agora que ele se tinha perdido?

Pelo relato de Thar e pela experiência pessoal de Arha, os túneis do Labirinto se estendiam por mais de 30 quilômetros, com todos os seus meandros, ramificações, espirais e becos sem saída. Provavelmente o beco mais distante das Tumbas não ficava a muito mais que 1,5 quilômetro de distância em linha reta. No subterrâneo, entretanto, nada seguia assim. Todos os túneis se curvavam, dividiam-se, tornavam a se juntar, ramificavam-se, entrelaçavam-se, faziam voltas e traçavam rotas elaboradas que terminavam onde tinham começado, pois não existia começo nem fim. Podia-se andar, andar, andar e, mesmo assim, não chegar a parte alguma, pois não havia lugar algum aonde chegar. Não havia centro nem coração do dédalo. E, uma vez trancada a porta, ele não tinha fim. Nenhuma direção era certa.

Embora os caminhos e viradas para as diversas salas e regiões estivessem firmes na memória de Arha, até ela, em suas explorações mais longas, já levara

um novelo de lã fina e o desenrolara ao avançar, tornando a enrolá-lo quando o seguira no trajeto de volta. É que, se uma das curvas e corredores que era preciso contar passasse despercebido, até ela poderia se perder. A luz não ajudaria, porque não existiam pontos de referência. Todos os corredores, todos os vãos de porta e aberturas eram iguais.

Àquela altura, o homem poderia já ter andado quilômetros e não estar nem a 10 metros da porta pela qual havia entrado.

Arha foi ao Salão do Trono, ao templo dos Deuses Gêmeos e ao porão embaixo das cozinhas e, escolhendo um momento em que estava sozinha, olhou por cada um dos orifícios de vigia para a escuridão densa e fria lá embaixo. Ao chegar a noite, enregelante e luminosamente estrelada, ela foi a alguns locais da Colina e levantou algumas pedras, afastou a terra, tornou a olhar para baixo e viu a escuridão subterrânea sem estrelas.

Ele estava lá. Tinha que estar. Mas havia escapado dela. Morreria de sede antes que ela o achasse. Arha teria que mandar Manan ao dédalo para encontrá-lo, quando tivesse certeza de que o homem morrera. Era insuportável pensar nessa possibilidade. Ajoelhada à luz das estrelas no solo duro da Colina, sentiu lágrimas de raiva lhe subirem aos olhos.

Foi até a trilha que, descendo a encosta, reconduzia ao templo do Rei-Deus. As colunas de capitéis entalhados reluziam com os cristais de gelo, à luz das estrelas, como pilastras de ossos. Arha bateu na porta dos fundos e Kossil a deixou entrar.

– O que traz minha senhora? – perguntou a mulher corpulenta, fria e vigilante.

– Sacerdotisa, há um homem no Labirinto.

Kossil foi apanhada de surpresa; pela primeira vez, tinha acontecido algo que ela não esperava. Ficou imóvel, encarando Arha. Seus olhos pareceram se dilatar um pouco. Num átimo, cruzou o pensamento da jovem que Kossil estava muito parecida com a imitação que Penthe fizera. Uma gargalhada louca se avolumou nela, foi reprimida e se extinguiu.

– Um homem? No Labirinto?

– Um homem, um estranho – confirmou Arha.

Em seguida, como Kossil continuasse a fitá-la com incredulidade, acrescentou:

– Conheço homens de vista, embora tenha visto poucos.

Kossil desdenhou da ironia:

– Como é que um homem foi parar lá?

– Por bruxaria, acho. Ele tem a tez escura, talvez seja das Regiões Interiores.

Veio roubar as Tumbas. Primeiro o encontrei na Tumba Inferior, bem abaixo das Pedras. Ele correu para a entrada do Labirinto ao se dar conta da minha presença, como se soubesse para onde ir. Tranquei a porta de ferro às suas costas. Ele proferiu encantamentos, mas não conseguiu abrir a porta. De manhã enveredou pelo Labirinto. Agora não consigo encontrá-lo.

– Ele tem alguma luz?

– Sim.

– Água?

– Um cantil pequeno, não cheio.

– A vela dele já deve ter queimado – ponderou Kossil. – Quatro ou cinco dias. Talvez seis. Depois, pode mandar meus guardiões arrastarem o corpo para fora. O sangue deve ser derramado no Trono e...

– Não – interrompeu Arha, com súbita e estrídula ferocidade. – Quero achá-lo com vida.

De sua altura pesadona, a sacerdotisa olhou para a garota.

– Por quê?

– Para... para prolongar a agonia e a morte dele. Ele cometeu sacrilégio contra os Inominados. Violou a Tumba Inferior com a luz. Veio roubar os tesouros das Tumbas. Deve ser punido com algo pior do que jazer sozinho num túnel, agonizando.

– Sim – concordou Kossil, como se refletisse. – Mas como pretende pegá-lo, senhora? É arriscado. Não há risco no outro modo. Acaso não há no Labirinto uma sala cheia de ossos, ossos de homens que entraram ali e não saíram?... Que os Tenebrosos o castiguem à maneira deles, de suas próprias maneiras, as obscuras maneiras do Labirinto. A sede é uma morte cruel.

– Eu sei.

Arha deu meia-volta e enveredou pela noite, puxando o capuz sobre a cabeça para se proteger do vento gelado, sibilante. Então não sabia?

Tinha sido infantilidade e estupidez procurar Kossil. Dela não receberia nenhuma ajuda. A própria Kossil nada sabia, tudo que conhecia era a espera fria

e a morte no final. Ela não entendia. Não via que o homem precisava ser encontrado. Não devia ser igual ao que acontecera com os outros. Ela não suportaria aquilo outra vez. Se era necessário haver morte, que fosse rápida, à luz do dia. Com certeza seria mais adequado que aquele ladrão, o primeiro homem em séculos com coragem suficiente para tentar roubar as Tumbas, morresse no fio da espada. Ele nem sequer tinha uma alma imortal para renascer. Seu fantasma seguiria gemendo pelos corredores. Não se podia deixá-lo morrer de sede lá, sozinho no escuro.

Arha dormiu muito pouco nessa noite. O dia seguinte foi repleto de rituais e deveres. Ela passou a noite, sem lampião e em silêncio, indo de um orifício de observação para outro, em todos os prédios escurecidos do Lugar e na colina açoitada pelo vento. Duas ou três horas antes do alvorecer, finalmente foi se deitar na Casa Pequena, mas não conseguiu descansar. No terceiro dia, no fim da tarde, caminhou sozinha para o deserto, em direção ao rio, de águas agora baixas na seca hibernal, com gelo entre os juncos. Viera-lhe a lembrança de que uma vez, no outono, ela havia percorrido um trecho muito longo do Labirinto, passando das Seis Cruzes, e ao longo de todo um corredor extenso e curvo tinha ouvido atrás das pedras o som de água corrente. Será que um homem sedento, caso seguisse esse caminho, não ficaria por lá? Até naquela região existiam orifícios de vigia. Arha teria que procurá-los, mas Thar lhe mostrara cada um no ano anterior e ela os reencontrou sem grande dificuldade. Sua memória para lugares e formas era como a de um cego: foi como se tateasse o caminho para cada lugar oculto, em vez de buscá-lo com os olhos. Na segunda abertura, a que ficava mais longe das Tumbas, ao puxar o capuz sobre a cabeça para encobrir a claridade e pôr o olho no orifício, recortado numa camada plana de rocha, ela viu lá embaixo o brilho suave da luz de magia.

Ele estava ali, parcialmente fora de seu campo visual. O orifício de observação ficava bem no fim do beco sem saída. Arha só conseguiu ver as costas e o braço direito do homem, sentado perto do canto e cutucando as pedras com sua faca, um punhal curto com o cabo cravejado de pedras preciosas. A lâmina havia se partido, ficando curta. A ponta partida estava diretamente abaixo do orifício de vigia. O homem a quebrara na tentativa de afastar as pedras para chegar à água que ouvia correr, cristalina e murmurante naquela quietude de morte sob a terra, do outro lado da parede impenetrável.

Os movimentos do homem eram desalentados. Após três noites e três dias, ele estava muito diferente da figura que se havia postado, ágil e calma, diante da porta de ferro, rindo da própria derrota. Continuava obstinado, mas seu poder tinha desaparecido. Ele não possuía nenhum encantamento capaz de separar aquelas pedras e precisara usar a faca inútil. Até sua luz de bruxo estava enfraquecida, quase apagada. Enquanto Arha observava, a luz piscou, a cabeça do homem balançou e ele deixou cair o punhal. Em seguida, persistente, pegou-o e tentou forçar a lâmina partida a penetrar entre as pedras.

Deitando-se entre os juncos cobertos de gelo na margem do rio, sem consciência de onde estava ou do que fazia, Arha levou a boca à fria abertura da rocha e pôs em volta as mãos em concha para ali reter o som.

– Mago! – exclamou, e sua voz foi um murmúrio frio no túnel subterrâneo, descendo pela garganta da pedra.

O homem se assustou e se atrapalhou para ficar de pé, saindo do círculo de visão de Arha quando ela o procurou. A jovem tornou a pôr a boca na abertura da vigia e disse:

– Volte pela parede do rio até a segunda curva. Pegue a primeira à direita, pule uma passagem e entre à direita de novo. Nas Seis Cruzes, torne a virar à direita. Depois, esquerda e direita e esquerda e direita. Fique lá, na Sala Pintada.

Ao se afastar para olhar outra vez, ela devia ter deixado entrar um raio de luz do dia no túnel, através do orifício, pois, quando olhou de novo, o homem voltara para seu círculo de visão e fitava a abertura no alto. Nessa hora Arha viu que seu rosto, tenso e ansioso, tinha uma espécie de cicatriz. Os lábios estavam rachados e pretos, os olhos brilhavam. Ele ergueu o cajado, aproximando cada vez mais a luz do rosto dela. Assustada, Arha recuou, fechou a abertura com as pedras que a cobriam, levantou-se e voltou célere para o Lugar. Constatou estar com as mãos trêmulas e, em alguns momentos, sentiu-se tomada por uma tonteira. Não sabia o que fazer.

Se o homem seguisse as indicações, voltaria na direção da porta de ferro e chegaria à sala das imagens. Lá não havia nada, não havia nenhuma razão de ele ir para aquele local. Havia um orifício de observação no teto da Sala Pintada, uma boa abertura, que ficava no tesouro do templo dos Deuses Gêmeos; talvez fosse por isso que ela tivera essa ideia. Não sabia. Por que falara com o mago?

Poderia baixar um pouco de água para ele por um dos orifícios de

observação, depois chamá-lo para o lugar, mantendo-o vivo por mais tempo. Pelo tempo que aproovesse a ela, na verdade. Se Arha baixasse água e um pouco de alimento de vez em quando, ele continuaria assim por dias, meses, vagando pelo Labirinto. Ela poderia observá-lo pelos orifícios, dizer-lhe onde a água seria encontrada e, vez por outra, dar-lhe informações falsas para que fosse ao local em vão – mas sempre teria que ir. Isso o ensinaria a não zombar dos Inominados, a não pavonear sua masculinidade boba nos locais de sepultamento dos Mortos Imortais!

Mas, enquanto o mago estivesse lá, ela mesma nunca poderia entrar no Labirinto. Por que não?, perguntou-se, e respondeu: porque ele poderia fugir pela porta de ferro, que eu teria que deixar aberta atrás de mim... Mas ele não conseguiria fugir para mais longe do que a Tumba Inferior. A verdade era que temia encará-lo. Tinha medo do seu poder, das artes que ele havia usado para entrar na Tumba Inferior, da magia que mantinha acesa aquela luz. Mas acaso isso era tanto assim a temer? Os poderes que governavam os lugares tenebrosos estavam do lado dela, não do homem. Estava claro que ele não podia fazer muita coisa, ali no reino dos Inominados. Não abrira a porta de ferro; não fizera surgir comida mágica, nem levava água através da parede, nem invocara algum monstro demoníaco para derrubar a rocha, e tudo isso eram coisas que Arha receava que ele pudesse fazer. Em três dias de perambulação, o homem nem sequer tinha achado o caminho para a porta do Grande Tesouro, a qual decerto teria procurado. Até então, a própria Arha nunca havia seguido as indicações de Thar para chegar àquela sala, adiando repetidamente essa jornada, por uma espécie de reverência, uma relutância, uma sensação de que ainda não era chegado o momento.

Naquele momento, pensou: por que não haveria o homem de fazer essa jornada para ela? Poderia olhar quanto quisesse para os tesouros das Tumbas. Grande bem lhe fariam eles! Arha poderia zombar do estranho e lhe dizer para comer o ouro e beber os diamantes.

Com a pressa nervosa e febril que se apossara dela naqueles três dias, correu até o templo dos Deuses Gêmeos, destrancou o pequeno recinto abobadado do tesouro e expôs a abertura bem escondida no chão.

A Sala Pintada ficava embaixo, mas estava negra como breu. O caminho que o homem teria que percorrer no dédalo era muito mais indireto, talvez

quilômetros mais longo; Arha tinha se esquecido disso. E, sem dúvida, ele estava enfraquecido e não andaria depressa. Talvez esquecesse as instruções dela e dobrasse a esquina errada. Poucas pessoas eram capazes de se lembrar de indicações ouvidas uma única vez, como Arha. Talvez nem entendesse a língua falada por ela. Se assim fosse, ele que perambulasse até cair e morrer no escuro, aquele tolo, aquele estrangeiro, aquele infiel. Que seu fantasma gemesse pelos corredores de pedra das Tumbas de Atuan até que a escuridão o devorasse inclusive...

Bem cedo na manhã seguinte, após uma noite de pouco sono e pesadelos, Arha voltou ao orifício de observação no templo pequeno. Olhou para baixo e não viu nada. Baixou uma vela acesa num lampiãozinho de lata, preso numa corrente. Lá estava ele na Sala Pintada. Para lá do brilho da vela, Arha viu as pernas e a mão caída do homem. Falou pelo orifício de vigia, que era grande, do tamanho de todo um ladrilho do piso:

– Mago!

Nada de movimento. Estaria morto? Seria só essa a força que possuía? Arha deu um sorrisinho desdenhoso, com o coração batendo forte.

– Mago! – tornou a gritar, a voz ressoando na sala oca abaixo.

Ele se mexeu, sentou-se aos poucos e olhou em volta, confuso. Passado algum tempo, ergueu os olhos, piscando para o lampiãozinho que pendia no teto. Seu rosto estava terrível: inchado, escuro como o de uma múmia.

O homem pôs a mão no cajado, caído ao seu lado no chão, mas nenhuma luz floresceu na madeira. Já não restava nele poder algum.

– Quer ver o tesouro das Tumbas de Atuan, mago?

Ele olhou para cima, exausto, estreitando os olhos para a luz do lampião, que era tudo que conseguia enxergar. Após um tempo, com uma careta que talvez houvesse começado como um sorriso, assentiu.

– Saia dessa sala e vá para a esquerda. Pegue o primeiro corredor à esquerda... – Ela foi desfiando sem pausa a longa série de instruções e, no final, disse: – Lá você encontrará o tesouro que o trouxe até aqui. E lá encontrará água, talvez. Qual dos dois preferiria ter neste momento, mago?

Ele se pôs de pé, apoiando-se no cajado. Fitando o teto com olhos que não podiam vê-la, tentou dizer alguma coisa, mas não havia voz em sua garganta seca. Encolheu de leve os ombros e saiu da Sala Pintada.

Arha não lhe daria água. Ele jamais encontraria o caminho para a sala do tesouro, de qualquer modo. As instruções eram longas demais para que se lembrasse. E também havia o Poço, caso ele chegasse tão longe. Agora estava no escuro. Ele se perderia e acabaria por cair e morrer em algum lugar dos corredores estreitos, ocos e secos. E Manan o acharia e o arrastaria para fora. E estava encerrado. Arha segurou a cobertura do orifício de vigia com as duas mãos e, agachada, balançou o corpo para a frente e para trás, para a frente e para trás, mordendo o lábio, como que para suportar uma dor pavorosa. Não lhe daria água nenhuma. Não lhe daria água nenhuma. Ela lhe daria a morte, morte, morte, morte, morte.

Naquela hora sombria de sua vida, Kossil foi procurá-la, entrando na sala do tesouro a passos pesados, volumosa em suas vestes pretas de inverno.

– O homem já morreu?

Arha levantou a cabeça. Não havia lágrimas em seus olhos, nada a esconder.

– Acho que sim – respondeu, levantando-se e sacudindo a poeira das saias. – A luz dele se apagou.

– Talvez seja um truque. Os desalmados são muito astuciosos.

– Esperarei um dia para ter certeza.

– Sim, ou dois. Depois, DUBY pode descer e buscar o corpo. Ele é mais forte que o velho Manan.

– Mas Manan está a serviço dos Inominados, e DUBY não. Há lugares do Labirinto em que DUBY não deve entrar, e o ladrão está num deles.

– Ora, nesse caso, ele já foi maculado...

– Ficaré limpo com a morte dele por lá – interrompeu Arha. Percebeu, pela expressão de Kossil, que devia haver algo estranho no próprio rosto. – Este é meu domínio, sacerdotisa. Devo cuidar dele como meus Senhores ordenarem. Não preciso de mais lições sobre a morte.

O rosto de Kossil pareceu se retrair no capuz preto, como uma tartaruga do deserto em sua casca, áspera e lenta e fria.

– Muito bem, senhora.

Separaram-se diante do altar dos Irmãos-Deuses. Arha, agora já sem pressa, foi à Casa Pequena e chamou Manan para acompanhá-la. Desde que havia falado com Kossil, sabia o que deveria ser feito.

Ela e Manan subiram juntos a colina, entraram no Salão e desceram para a Tumba Inferior. Unindo forças na maçaneta comprida, abriram a porta de ferro do Labirinto. Ali, acenderam suas candeias e entraram. Arha foi abrindo caminho para a Sala Pintada e, de lá, iniciou o trajeto para o Grande Tesouro.

O ladrão não fora muito longe. Arha e Manan não tinham dado quinhentos passos em seu curso tortuoso quando toparam com ele, amarfanhado no corredor estreito como um monte de trapos jogado no chão. Deixara tombar o cajado antes de cair e o objeto estava a alguma distância dele. Sua boca estava ensanguentada e os olhos, semicerrados.

– Está vivo – disse Manan, ajoelhando-se e pondo a manzorra amarela no pescoço escuro do homem para sentir a pulsação. – Devo estrangulá-lo, senhora?

– Não. Eu o quero vivo. Pegue-o e venha atrás de mim, carregando-o.

– Vivo? – repetiu Manan, perturbado. – Para quê, senhorinha?

– Para ser escravo das Tumbas! Pare com essa conversa e faça o que estou mandando.

Com o rosto mais melancólico do que nunca, Manan obedeceu, jogando o rapaz sobre os ombros sem esforço, como se fosse um saco comprido. Em seguida, saiu trôpego atrás de Arha. Não podia percorrer trechos longos de uma só vez com aquele fardo. Os dois pararam umas dez vezes no trajeto de volta, para Manan recuperar o fôlego. A cada parada, o corredor era o mesmo: as mesmas pedras amarelo-acinzentadas, elevando-se bem juntas na formação de uma abóbada, o chão pedregoso e irregular, o ar parado. Manan gemia e arfava, o estranho jazia imóvel e os dois lampiões emitiam um brilho fosco, numa cúpula de luz que se estreitava para a escuridão nas duas direções. A cada parada, Arha pingava na boca seca do homem um pouco da água que levava num cantil, um pouquinho de cada vez, para que a vida, ao retornar, não o matasse.

– Para a Sala dos Grilhões? – perguntou Manan, já que estavam no corredor que levava à porta de ferro.

Arha pensou pela primeira vez para qual lugar levar o prisioneiro. Não sabia.

– Não, para lá, não – respondeu, como sempre nauseada ante a lembrança da fumaça e do mau cheiro, e dos rostos com o cabelo emaranhado, mudos, sem enxergar. E Kossil poderia ir à Sala dos Grilhões. – Ele... ele deve ficar no Labirinto, para que não possa recuperar sua magia. Onde há uma sala...?

– A Sala Pintada tem porta e fechadura e um orifício de observação, senhora.

Se é que você confia nele junto a portas.

– Ele não tem poderes aqui embaixo. Leve-o para lá, Manan.

Assim, Manan tornou a carregá-lo por mais metade da distância que já haviam percorrido, muito cansado e sem fôlego para protestar. Quando enfim entraram na Sala Pintada, Arha tirou sua capa hiberna de lã, comprida e pesada, e a estendeu no chão empoeirado.

– Coloque-o em cima dela.

Manan a fitou com uma consternação melancólica, a respiração sibilando.

– Senhorinha...

– Quero que o homem viva, Manan. Ele vai morrer de frio, veja como está tremendo.

– Sua roupa será maculada. A roupa da Sacerdotisa. Ele é um descrente, um homem – deixou escapar Manan, franzindo os olhinhos como quem sente dor.

– Então queimarei a capa e mandarei fazerem outra! Ande logo, Manan!

Ele se abaixou, obediente, e deixou o prisioneiro escorregar de suas costas para a capa preta. O homem ficou deitado, imóvel como a morte, mas sua pulsação batia forte na garganta e, vez por outra, um espasmo fazia seu corpo estremecer.

– Ele deve ser agrilhado – comentou Manan.

– Ele parece perigoso? – zombou Arha.

Porém, quando Manan apontou para um gancho de ferro cravado nas pedras, no qual o prisioneiro poderia ser amarrado, ela o deixou buscar uma corrente e uma faixa na Sala dos Grilhões. Manan foi resmungando pelos corredores, murmurando para si mesmo as indicações do caminho; tinha ido e voltado da Sala Pintada antes disso, mas nunca sozinho.

À luz do único lampião de Arha, as pinturas das quatro paredes pareciam se mexer, crispar-se, aquelas formas humanas sem refinamento, de enormes asas caídas, agachadas e de pé numa melancolia atemporal.

Arha se ajoelhou e deixou a água pingar, um pouquinho de cada vez, na boca do prisioneiro. Por fim, ele tossiu e suas mãos se estenderam timidamente para o cantil. Arha o deixou beber água. Ele se deitou de costas, com o rosto todo molhado, borrado de poeira e sangue, e resmungou algo, uma ou duas palavras numa língua que ela não conhecia.

Manan enfim regressou, arrastando uma tira de elos de ferro, um enorme

cadeado com a respectiva chave e uma faixa de ferro, a ser posta na cintura do homem e trancada a chave.

– Não está suficientemente justa, ele pode escapulir – resmungou, enquanto prendia e trancava o último elo na argola encravada na parede.

– Não, olhe – disse Arha.

Já com menos medo de seu prisioneiro, ela mostrou que não conseguia forçar sua mão entre o ferro e as costelas do homem.

– Só se ele passar fome por mais de quatro dias.

– Senhorinha... – falou Manan, choroso. – Não sou de questionar, mas... que serventia tem ele como escravo dos Inominados? Ele é um homem, pequenina.

– E você é um velho tolo, Manan. Agora vamos, pare com esse estardalhaço.

O prisioneiro observava os dois, com olhos brilhantes e cansados.

– Onde está o cajado dele, Manan? Ali. Vou levá-lo, tem mágica. Ah, e isto. Vou levar também.

Com um movimento rápido, Arha segurou a corrente de prata que aparecia na gola da túnica do homem e a arrancou pela cabeça dele, embora o estranho tentasse lhe segurar os braços e detê-la. Manan lhe deu um chute nas costas. Arha balançou a corrente acima dele, fora do seu alcance.

– Este é o seu talismã, mago? É precioso para você? Não parece grande coisa. Não pôde pagar por outro melhor? Vou guardá-lo em segurança para você.

Enfiou a corrente pela própria cabeça, escondendo o pingente sob a gola pesada do vestido de lã.

– Você não sabe o que fazer com ele – disse o homem, muito rouco, errando a pronúncia das palavras da língua dos kargs, mas falando com clareza suficiente.

Manan tornou a chutá-lo. O mago deu um pequeno gemido de dor e cerrou os olhos.

– Pare com isso, Manan. Vamos.

Ela saiu da sala. Resmungando, Manan a acompanhou.

Naquela noite, quando todas as luzes do Lugar tinham se apagado, Arha voltou a subir a colina, sozinha. Encheu seu cantil no poço da sala atrás do Trono e levou a água e um grande pão achatado de trigo-sarraceno, sem levedura, para a Sala Pintada. Deixou-os justo ao alcance do prisioneiro, na parte

interna da porta. Ele estava dormindo e nem se mexeu. Arha voltou para a Casa Pequena e, naquela noite, também dormiu um sono longo e profundo.

No começo da tarde, voltou sozinha ao Labirinto. O pão havia sumido, o cantil estava vazio e o estranho tinha se sentado, com as costas apoiadas na parede. O rosto ainda exibia uma aparência medonha, com a sujeira e as cascas das feridas, mas sua expressão era alerta.

Arha se postou do outro lado do cômodo, onde ele não teria como alcançá-la, agrilhado, e o fitou. Em seguida, desviou os olhos. Mas não havia nenhum lugar específico para olhar. Alguma coisa impedia a fala dela. Seu coração batia como se ela estivesse com medo. Não havia razão para temer aquele homem. Ele estava à sua mercê.

– É agradável ter luz – disse ele, com a voz baixa mas grave, que a perturbava.

– Como é seu nome? – indagou Arha, peremptória.

Sua própria voz, pensou, soava incomumente aguda e fina.

– Bem, quase sempre me chamam de Gavião.

– Gavião? É esse o seu nome?

– Não.

– Então, como é seu nome?

– Não posso lhe dizer. Você é a Sacerdotisa Única das Tumbas?

– Sim.

– Como se chama?

– Eu me chamo Arha.

– A que foi devorada, é isso que significa? – Os olhos escuros a observavam atentamente. O homem deu um pequeno sorriso. – Como é seu nome?

– Não tenho nome. Não me faça perguntas. De onde você vem?

– Das Regiões Interiores, no Ocidente.

– De Havnor?

Era o único nome de cidade ou ilha das Regiões Interiores que ela conhecia.

– Sim, de Havnor.

– Por que veio aqui?

– As Tumbas de Atuan são famosas entre meu povo.

– Mas você é um infiel, um descrente.

Ele balançou a cabeça.

– Ah, não, sacerdotisa. Acredito nos poderes das trevas! Encontrei-me com os Inominados em outros lugares.

– Que outros lugares?

– No Arquipélago, nas Regiões Interiores, há lugares pertencentes aos Antigos Poderes da Terra, como este aqui. Mas nenhum é tão grandioso quanto este. Em nenhum outro lugar eles têm um templo, uma sacerdotisa e todo o culto que recebem aqui.

– Você veio cultuá-los – disse ela, com sarcasmo.

– Vim roubá-los – retrucou o mago.

Arha encarou seu rosto grave.

– Seu arrogante.

– Eu sabia que não seria fácil.

– Fácil... É impossível. Se não fosse um infiel, você saberia disso. Os Inominados cuidam do que é deles.

– O que eu procuro não é deles.

– É seu, sem dúvida...

– É meu para reivindicar.

– E o que é você, então: um deus, um rei? – Arha o olhou de cima a baixo, sentado ali, agrilhado, sujo, exausto. – Você não passa de um ladrão!

O homem não disse nada, mas seu olhar encontrou o dela.

– Você não deve olhar para mim! – exclamou Arha, num tom estridente.

– Minha senhora, não é minha intenção ofendê-la. Sou um estranho e um invasor. Não conheço os seus costumes nem as cortesias devidas à Sacerdotisa das Tumbas. Estou à sua mercê e rogo seu perdão se a ofendi.

Arha permaneceu calada e, no instante seguinte, sentiu o sangue lhe subir às faces, quente e tolo. Mas o homem não a encarava e não a viu enrubescer. Havia obedecido e desviado os olhos escuros.

Por algum tempo, nenhum dos dois falou. As figuras pintadas ao redor os observaram com olhos tristonhos, cegos.

Arha tinha levado uma moringa de pedra cheia d'água. Os olhos do mago corriam para o objeto a todo momento e, passado algum tempo, a sacerdotisa disse:

– Beba, se quiser.

Ele se esticou na mesma hora para pegar a moringa e, levantando-a com a

leveza de quem segurasse uma taça de vinho, tomou um gole muito, muito longo. Depois, umedeceu a ponta de uma das mangas e limpou do rosto e das mãos a sujeira, o sangue pisado e as teias de aranha da melhor maneira que pôde. Gastou algum tempo nisso, e a garota o observou. Ao terminar, ele ganhou um aspecto melhor, mas seu banho de gato revelou as cicatrizes de um lado do rosto: velhas cicatrizes, curadas desde longa data, esbranquiçadas na pele escura – quatro lanhos paralelos que iam do olho ao maxilar, como se fossem arranhões das garras de uma pata enorme.

– O que é isso? Essa cicatriz.

Ele não respondeu de imediato.

– Um dragão? – indagou Arha, procurando zombar do estrangeiro.

Então não estava ali para zombar da sua vítima, para atormentá-la em seu desamparo?

– Não, não foi um dragão.

– Então pelo menos você não é um senhor dos dragões.

– Sim – retrucou o rapaz, com relutância –, eu *sou* um senhor dos dragões.

Mas as cicatrizes vieram antes disso. Eu lhe disse que já encontrei os Poderes das Trevas, em outros lugares da terra. Isto no meu rosto é a marca de alguém da linhagem dos Inominados. Porém, não mais sem nome, porque aprendi o nome dele no fim.

– Como assim? Que nome?

– Isso eu não posso contar – respondeu o mago com um sorriso, embora sua expressão fosse séria.

– Isso é bobagem, tagarelice de tolo, sacrilégio. Eles são os Inominados! Você não sabe do que está falando...

– Sei ainda melhor que você, sacerdotisa – rebateu o homem, a voz mais grave. – Olhe de novo!

Ele virou a cabeça para que ela pudesse ver as quatro marcas terríveis em sua face.

– Não acredito em você – insistiu Arha, com a voz trêmula.

– Sacerdotisa – falou o mago em tom gentil –, você não é muito velha; não pode estar servindo aos Tenebrosos há muito tempo.

– Sirvo, sim. Há muito tempo! Sou a Primeira Sacerdotisa, a Renascida. Sirvo a meus senhores há mil anos, e mais mil anos antes disso. Sou a serva

deles, sua voz e suas mãos. Sou a vingança deles contra aqueles que violam as Tumbas e olham para o que não deve ser visto! Pare com suas mentiras e sua bazófia. Então não percebe que, a uma palavra minha, meu guarda virá cortar sua cabeça? Ou que, se eu for embora, ninguém jamais virá e você morrerá aqui, na escuridão, e aqueles a quem sirvo comerão sua carne e comerão sua alma, deixando seus ossos aqui na poeira?

Em silêncio, ele assentiu.

Arha gaguejou e, não encontrando mais nada a dizer, retirou-se depressa da sala e trancou a porta com estrépito. Ele que pensasse que ela não ia voltar! Que ficasse suando ali no escuro, que praguejasse e tremesse e tentasse lançar seus feitiços asquerosos, inúteis!

Mas, em sua imaginação, ela o viu se espreguiçar para dormir, como o vira fazer junto à porta de ferro, sereno como ovelha em campina ensolarada.

Arha cuspiu na porta trancada, fez o sinal para repelir violações e saiu quase correndo para a Tumba Inferior.

Enquanto contornava a parede da caverna, a caminho do alçapão no Salão do Trono, seus dedos roçaram nos planos e desenhos delicados de uma pedra, como renda congelada. Sentiu-se tomada pelo anseio de acender o lampião, para ver mais uma vez, só por um momento, a pedra entalhada pelo tempo, o cintilar adorável das paredes. Fechou os olhos com força e seguiu adiante, apressada.

Capítulo 7

o grande tesouro

Nunca os ritos e deveres do dia pareceram tão numerosos, ou tão sem importância, ou tão demorados. As garotinhas de rosto pálido e modos furtivos, as noviças irrequietas, as sacerdotisas de expressão severa e fria, mas cujas vidas eram todas uma brighada secreta de invejas e misérias e pequenas ambições e paixões desperdiçadas – todas aquelas mulheres, entre as quais sempre vivera e que compunham para ela o mundo humano, naquele momento lhe pareceram dignas de pena e maçantes.

Contudo, a sacerdotisa da Noite sinistra, que servia a grandes poderes, estava livre dessa trivialidade. Não precisava se importar com a cansativa mediocridade da vida comum, com dias cujo único prazer era a obtenção de uma porção de gordura de carneiro com lentilhas que fosse maior que a da vizinha... Ela estava totalmente livre dos dias. No subterrâneo não havia dia. Havia sempre e apenas noite.

E, naquela noite interminável, o prisioneiro: o homem de tez escura, praticante de artes obscuras, atado com ferro e trancafiado na pedra, à espera de que Arha chegasse ou não, de que lhe levasse água e pão e vida, ou uma faca e uma tigela de açougueiro e a morte, conforme os caprichos dela.

Arha só falara sobre o homem com Kossil, que não tinha contado a mais ninguém. Fazia três noites e três dias que ele estava na Sala Pintada e a

sacerdotisa corpulenta ainda não fizera nenhuma pergunta sobre o invasor. Talvez presumisse que tivesse morrido e que Arha mandara Manan levar o corpo para a Sala dos Ossos. Não era do feitio de Kossil presumir coisa alguma, porém Arha disse a si mesma que nada havia de estranho no silêncio da outra. Kossil queria que tudo fosse mantido em segredo e detestava ter que fazer perguntas. Além disso, Arha lhe dissera que não se metesse nos assuntos dela. Estava simplesmente obedecendo.

Todavia, se era para o homem estar morto, Arha não podia pedir comida para ele. Assim, além de furtar umas maçãs e cebolas desidratadas dos porões de mantimentos do Casarão, ela ficava sem comer. Mandava as refeições da manhã e da tarde serem entregues na Casa Pequena, fingindo que queria comer sozinha, e toda noite levava a comida para a Sala Pintada – tudo menos as sopas. Estava acostumada a jejuar por até quatro dias e não dava a menor importância. O sujeito do Labirinto comia suas magras porções de pão, queijo e vagens como um sapo come uma mosca: *zás!*, e acabou-se. Estava claro que poderia repetir cinco ou seis vezes, mas agradecia sobriamente a Arha, como se fosse seu convidado, sentados a uma daquelas mesas de que ela ouvira falar nas histórias de banquetes no palácio do Rei-Deus, todas cobertas de carnes assadas e grandes pedaços de pão com manteiga e vinho em taças de cristal. Ele era muito estranho.

– Como são as Regiões Interiores?

Arha levava consigo uma banquetta de marfim de pernas dobráveis para não ter que ficar de pé enquanto o interrogava nem precisar se sentar no chão, ao nível dele.

– Bem, há muitas ilhas. Quatro vezes quarenta, dizem, só no Arquipélago, e há também os longínquos Domínios. Nenhum homem navegou por todos os Domínios nem contou todas as terras. E cada uma é diferente das outras. Porém, a mais bela de todas, talvez, é Havnor, a grande região no centro do mundo. No coração de Havnor, numa baía larga, repleta de embarcações, fica a cidade de Havnor. Suas torres foram construídas em mármore branco. A casa de cada príncipe e cada mercador tem uma torre, de modo que elas se erguem umas acima das outras. Os telhados são vermelhos e todas as pontes dos canais são revestidas de mosaicos, em vermelho, azul e verde. E as bandeiras dos príncipes são de todas as cores, tremulando nas torres brancas. Na mais alta de todas fica a

Espada de Erreth-Akbe, como um pináculo, virada para o céu. Quando o sol se ergue em Havnor, reluz primeiro naquela lâmina, resplandecendo-a, e quando ele se põe, a Espada continua dourada por algum tempo acima do anoitecer.

– Quem foi Erreth-Akbe? – perguntou ela, dissimulada.

O homem a encarou, dando um sorrisinho. Depois, como se pensasse melhor, disse:

– É verdade que vocês não teriam muito conhecimento dele por aqui. Nada além da vinda dele às terras dos kargs, talvez. E quanto dessa história você conhece?

– Sei que ele perdeu seu cajado de feiticeiro, seu amuleto e seu poder, como você. Escapou do Sumo Sacerdote e fugiu para o Oeste, sendo morto por dragões. Mas, se tivesse vindo aqui para as Tumbas, não teria havido necessidade de dragões.

– É verdade.

Arha não queria mais conversar sobre Erreth-Akbe, intuindo um perigo nesse assunto.

– Ele era senhor dos dragões, dizem. E você falou que também é. Conte-me, o que é um senhor dos dragões?

O tom dela era sempre de caçoada, e as respostas dele, diretas e simples, como se o homem acolhesse as perguntas da garota de boa-fé.

– É alguém com quem os dragões falam. Isso é que é um senhor dos dragões ou, pelo menos, esse é o centro da questão. Não se trata de um truque de domínio sobre os dragões, como pensa a maioria das pessoas. Os dragões não têm senhores. Com um dragão, a pergunta é sempre a mesma: ele vai falar com você ou vai devorá-lo? Se você puder contar com a certeza de ele escolher a primeira alternativa e de não executar a segunda, bem, você é um senhor dos dragões.

– Os dragões sabem falar?

– Com certeza! Na Língua Ancestral, a língua que nós, homens, aprendemos com grande dificuldade e usamos com muitas falhas, para fazer nossos feitiços de magia e padronização da forma. Nenhum homem conhece toda essa língua ou mesmo um décimo dela. Não há tempo para aprender. Mas os dragões vivem mil anos... Vale a pena conversar com eles, como se pode imaginar.

– Há dragões aqui em Atuan?

– Faz muitos séculos que não, creio eu, tampouco em Karego-At. Mas, na sua ilha mais setentrional, Hur-at-Hur, dizem que ainda há grandes dragões nas montanhas. Nas Regiões Interiores, agora todos ficam no extremo ocidente, no remoto Domínio do Oeste, em ilhas em que não vive homem algum e a que poucos chegam. Quando sentem fome, eles atacam as terras a leste, mas isso é raro. Vi a ilha em que eles vão dançar juntos. Voam em espirais com suas asas enormes, entrando e saindo, subindo cada vez mais alto sobre o mar ocidental, como uma tempestade de folhas amarelas no outono.

Tomados por essa visão, os olhos dele miraram um ponto mais além das pinturas negras nas paredes e atravessaram os muros e a terra e a escuridão, vendo o mar aberto se estender ininterrupto até o pôr do sol, e os dragões dourados no vento dourado.

– É mentira sua – disse a garota, enfurecida –, você está inventando isso.

O homem a olhou, assustado.

– Por que eu mentiria, Arha?

– Para fazer com que eu me sinta boba e idiota e amedrontada. Para se fazer parecer sábio e valente e poderoso, e senhor dos dragões, e mais isto e mais aquilo. Você viu dragões dançando e as torres de Havnor e sabe tudo sobre tudo. E eu não sei nada de nada e não estive em lugar nenhum. Mas tudo que você sabe são mentiras! Você não passa de um ladrão e um prisioneiro, e não tem alma, e nunca mais vai sair daqui. Não importa se existem oceanos e dragões e torres brancas e tudo o mais, porque você nunca os verá de novo, nunca verá nem mesmo a luz do sol. Tudo que eu conheço é a escuridão, a noite subterrânea. E isto é tudo que realmente existe. É tudo que há para saber, no fim das contas. O silêncio e as trevas. Você sabe tudo, feiticeiro. Mas eu sei uma coisa só, a única que é verdadeira!

Ele baixou a cabeça. Suas mãos compridas, castanhas como o cobre, repousavam quietas sobre seus joelhos. Arha viu a cicatriz quádrupla no seu rosto. O feiticeiro tinha ido mais longe que ela na escuridão; conhecia até a morte melhor do que ela... Uma onda de ódio se intensificou, apertando-lhe a garganta por um instante. Por que ele ficava sentado ali, tão indefeso e tão forte? Por que ela não conseguia derrotá-lo?

– Foi por isso que eu o deixei vivo – disse Arha de repente, sem pensar duas vezes. – Quero que você me mostre como são feitos os truques dos feiticeiros.

Enquanto tiver alguma arte para me mostrar, você continuará vivo. Se não tiver nenhuma, se tudo não passar de embustes e mentiras, bem, nesse caso, acabarei com você. Está entendendo?

– Sim.

– Muito bem. Prossiga.

Ele pôs a cabeça entre as mãos por um minuto e mudou de posição. O cinto de ferro o impedia de ficar muito confortável em qualquer uma, a menos que se deitasse com o corpo estendido.

Por fim, levantou o rosto e falou, com muita seriedade:

– Escute, Arha. Sou um mago, o que você chama de feiticeiro. Possuo algumas artes e poderes. É verdade. Também é verdade que aqui, no Lugar dos Antigos Poderes, minha força e minhas habilidades de nada me servem. Eu poderia criar umas ilusões para você e lhe mostrar toda sorte de prodígios. Essa é a parte menor da magia. Eu sabia usar o ilusionismo quando era pequeno; poderia fazer esses truques até mesmo aqui. Mas, se você acreditar neles, ficará amedrontada e talvez queira me matar, caso o medo a deixe com raiva. E, se não acreditar neles, você os verá como apenas mentiras e embustes, como disse, portanto de novo perderei minha vida. E meu propósito e desejo, neste momento, é continuar vivo.

Isso a fez rir.

– Ora, você ficará vivo por algum tempo, será que não percebe? Você é burro! Muito bem, mostre-me essas ilusões. Sei que são falsas e não terei medo delas. Não ficaria com medo nem mesmo se fossem reais, aliás. Mas vá em frente. Sua preciosa pele está salva, pelo menos por esta noite. Veja como sou bondosa.

Ele também riu. Os dois jogavam a vida dele de um lado para outro, como se brincassem de bola.

– O que quer que eu lhe mostre?

– O que você pode me mostrar?

– Qualquer coisa.

– Você só diz bravatas e mais bravatas!

– Não – retrucou ele, meio perturbado. – Não faço isso. Não pretendi fazê-lo, pelo menos.

– Mostre-me algo que valha a pena ver. Qualquer coisa!

Ele baixou a cabeça e passou uns momentos fitando as mãos. Nada aconteceu. A vela de sebo no lampião de Arha continuou a arder, estável e fraca. As imagens negras das paredes, as figuras sem voo, com asas de pássaro e olhos pintados de um vermelho fosco e branco, pairavam sobre o mago e ela. Não houve nenhum som. Arha deu um suspiro, decepcionada e meio tristonha. Ele era fraco. Falava de coisas grandiosas, mas não fazia nada. Não passava de um belo mentiroso e nem um bom ladrão era.

– Bem – falou ela por fim e recolheu as saias para se levantar.

A lã produziu um farfalhar estranho quando ela se mexeu. Arha baixou os olhos para o próprio corpo e se levantou, perplexa.

A pesada roupa preta que ela havia usado durante anos tinha desaparecido; seu vestido era de seda turquesa, brilhante e suave como o céu do anoitecer. Abria-se em forma de sino a partir dos quadris e a saia era toda bordada com finos fios de prata, pérolas miúdas e lascas minúsculas de cristal, de modo que tinha um cintilar suave, como a chuva de abril.

Ela olhou para o mago, sem fala.

– Gostou?

– Onde...?

– É igual ao vestido que vi numa princesa, certa vez, na Festividade do Retorno do Sol, no Palácio Novo de Havnor – disse ele, contemplando-a com satisfação. – Você me pediu para mostrar algo que valesse a pena ver. Eu lhe mostro você.

– Faça... faça desaparecer.

– Você me deu sua capa – retrucou ele, como se a censurasse. – Não posso lhe dar nada? Bem, não se preocupe. É só uma ilusão, veja.

Ele não pareceu nem levantar um dedo, e com certeza não disse uma só palavra, mas o esplendor azul da seda desapareceu e Arha permaneceu com seu rústico traje preto.

Passou algum tempo imóvel.

– Como posso saber – indagou por fim – se você é o que parece ser?

– Não pode. Não sei o que pareço ser para você.

Arha tornou a refletir:

– Você poderia me enganar para que eu o visse como...

Interrompeu-se, porque ele havia levantado a mão e apontado para cima,

num esboço brevíssimo de gesto. Arha achou que estivesse lançando um feitiço e recuou depressa para a porta, mas, ao acompanhar o gesto dele, seus olhos se depararam, no alto do teto abobadado, com o quadradinho que era o orifício de observação existente no tesouro do templo dos Deuses Gêmeos.

Não vinha nenhuma luz da vigia. Arha não viu nada nem ouviu ninguém lá em cima, porém ele havia apontado e seu olhar inquiridor estava pousado nela.

Os dois ficaram imóveis por algum tempo.

– Sua magia é mera tolice para olhos de criança – afirmou ela em tom claro. – São embustes e mentiras. Já vi o suficiente. Você servirá de alimento para os Inominados. Não voltarei aqui.

Pegou o lampião e saiu, fechando os trincos de ferro com firmeza, ruidosamente. Em seguida, parou do lado de fora da porta, desolada. O que deveria fazer?

Quanto teria Kossil visto ou ouvido? Arha parecia nunca dizer ao prisioneiro o que pretendia. Ele sempre a confundia, com suas conversas sobre dragões e torres, e sobre dar nome aos Inominados, e querer permanecer vivo, e se mostrar grato pela capa dela para se deitar. Nunca falava o que ela esperava. Arha nem lhe perguntara do talismã, que ainda estava usando, escondido junto ao peito.

E era melhor assim, já que Kossil estivera escutando.

Bem, qual era a importância disso, que mal Kossil podia fazer? Na mesma hora em que se fez a pergunta, ela soube a resposta. Nada é mais fácil de matar que um gavião engaiolado. O homem estava desamparado, acorrentado lá naquela jaula de pedra. Bastava a Sacerdotisa do Rei-Deus mandar seu servo DUBY estrangulá-lo à noite ou, se ela e DUBY não conhecessem o Labirinto até aquele ponto, bastava-lhe soprar pó de veneno pelo orifício de observação que dava para a Sala Pintada. Ela possuía caixas e frascos de substâncias daninhas, umas para envenenar água ou alimentos, outras que contaminavam o ar e levavam à morte se a pessoa o respirasse por muito tempo. Ele estaria morto pela manhã e estaria tudo acabado. Nunca mais haveria luz sob as Tumbas.

Arha se apressou pelos estreitos corredores de pedra até a entrada da Tumba Inferior, onde Manan a esperava, pacientemente, agachado como um sapo velho no escuro. Andava inquieto com as visitas dela ao prisioneiro. Arha não o deixava acompanhá-la em todo o trajeto. Naquele momento, ela ficou contente por ele estar ali. Nele, pelo menos, podia confiar.

– Escute, Manan. Você tem que ir agora mesmo à Sala Pintada. Diga ao homem que vai levá-lo para ser enterrado vivo sob as Tumbas. – Os olhinhos de Manan se iluminaram e ela prosseguiu: – Diga isso bem alto. Tire o cadeado da corrente e leve o prisioneiro para...

Deteve-se, porque ainda não havia decidido qual seria o melhor lugar para escondê-lo.

– Para a Tumba Inferior – completou Manan, ansioso.

– Não, idiota. Eu falei que era para dizer isso, não para fazê-lo. Espere...

Que lugar estaria protegido de Kossil e seus espiões? Nenhum, a não ser os mais profundos lugares subterrâneos, os locais mais sagrados e mais ocultos do domínio dos Inominados, onde Kossil não se atrevia a ir. Mas será que ela não se atreveria a quase tudo? Medo dos lugares escuros ela podia ter, mas era do tipo que se dispunha a subjugar o medo para atingir seus objetivos. Era impossível saber quanto da planta do Labirinto ela poderia ter efetivamente aprendido com Thar ou com a Arha da vida anterior, ou até por meio de explorações secretas feitas por conta própria em anos anteriores. Arha suspeitava que Kossil fingia saber menos do que de fato sabia. Porém, havia um caminho que com certeza ela não poderia ter aprendido, o mais bem guardado dos segredos.

– Você deve levar o homem ao lugar a que vou conduzi-lo e tem que fazer isso no escuro. Depois, quando eu o trouxer de volta para cá, você cavará uma sepultura na Tumba Inferior e fará um caixão. Vai colocá-lo vazio no túmulo e tornar a cobri-lo de terra, mas de modo que possa ser apalpado e encontrado, se alguém o procurar. Uma cova funda. Está entendendo?

– Não – respondeu Manan, macambúzio e agitado. – Pequenina, esse truque não é sensato. Não é bom. Não deve haver nenhum homem aqui! Virá um castigo...

– Sim, um velho tolo vai ter a língua cortada! Você se atreve a me dizer o que é sensato? Eu sigo as ordens dos Poderes das Trevas. Siga-me!

– Desculpe, senhorinha, desculpe...

Voltaram à Sala Pintada. Lá chegando, ela esperou no túnel, do lado de fora, enquanto Manan entrava e soltava a corrente da parede. Ouviu a voz grave perguntar “Para onde, agora, Manan?” e a voz rouca e aguda responder, mal-humorada: “Você será enterrado vivo, disse a minha senhora. Embaixo das Pedras Tumulares. Levante-se!”

Arha ouviu a corrente pesada estalar como um chicote.

O prisioneiro saiu, os braços amarrados com o cinto de couro de Manan. O guardião veio atrás, segurando-o como a um cão numa guia curta, só que a coleira ficava na cintura. Os olhos dele se voltaram para Arha, mas ela apagou a vela e, em silêncio, saiu caminhando no escuro. Entrou prontamente no ritmo lento mas bastante regular que costumava manter quando não usava luz no Labirinto, roçando a ponta dos dedos muito de leve, mas quase sem interrupção, nas paredes de ambos os lados. Manan e o prisioneiro foram atrás, muito mais desajeitados, por causa da guia, arrastando os pés e tropeçando. Mas era no escuro que precisavam ir, porque Arha não queria que nenhum dos dois aprendesse aquele trajeto.

Viraram à esquerda ao sair da Sala Pintada, passaram por duas aberturas, entraram na primeira à direita, atravessaram a abertura à direita, depois seguiram um caminho extenso e curvo e desceram um lance de escada, comprido, escorregadio e estreito demais para pés humanos normais. Além dali, Arha nunca tinha ido.

Lá o ar era mais fétido, muito parado, com um odor penetrante. As instruções estavam claras na mente de Arha, até os tons de voz de Thar ao enunciá-las. Atrás dela, o prisioneiro tropeçou no breu absoluto e ela o ouviu ofegar quando Manan o manteve de pé com um vigoroso puxão na corrente. Na base da escada, viraram imediatamente à esquerda. Mantiveram a esquerda por três aberturas, depois dobraram na primeira à direita e continuaram na direita. Os túneis faziam curvas e ângulos, nenhum era reto. “Depois, você tem que contornar o Poço”, disse a voz de Thar na escuridão da sua mente, “e o caminho é muito estreito.”

Ela reduziu o passo, abaixou-se e tateou o chão à sua frente com uma das mãos. Agora o corredor seguia em linha reta por um trecho longo, dando uma falsa segurança a quem vagasse por ali. De repente, a mão tateante, que em momento algum deixara de apalpar e varrer a pedra à sua frente, não sentiu nada. Havia uma borda e, além, o vazio. À direita, a parede do corredor mergulhava direto no poço. À esquerda ficava a saliência ou ressalto, com não muito mais que um palmo de largura.

– Aqui há um poço. Fiquem de frente para a parede da esquerda, bem encostados nela, e andem de lado. Arrastem os pés. Segure firme a corrente,

Manan... Estão na saliência? Ela vai ficar mais estreita. Não ponham o peso do corpo nos calcanhares. Então, já passei do poço. Estenda a mão para mim. Pronto...

O túnel corria em zigue-zagues curtos, com muitas aberturas laterais. Em algumas delas, à passagem dos três, o som de seus passos produzia um eco estranho, surdo e, mais estranho ainda, sentia-se uma levíssima corrente de ar que puxava para dentro. Esses corredores deviam terminar em poços iguais àquele pelo qual haviam passado. Naquela parte baixa do Labirinto, talvez houvesse um lugar oco, uma caverna tão funda e vasta que a da Tumba Inferior seria pequena em comparação – um imenso e negro vazio interno.

Acima daquele abismo, porém, onde eles seguiram pelos corredores escuros, as passagens foram aos poucos se estreitando e ficando mais baixas, até que mesmo Arha precisou se curvar. Não havia fim?

Então o fim veio, de repente: uma porta fechada. Andando recurvada e um pouco mais depressa que de hábito, Arha correu para a porta, largando-se contra ela. Apalpou a fechadura, depois a chave pequena no aro pendurado na cintura – a chave de prata nunca usada, com a haste moldada como um dragão. Ela encaixou, girou. Abriu a porta do Grande Tesouro das Tumbas de Atuan. Um ar seco, azedo e rançoso soprou da escuridão para o lado de fora.

– Manan, você não pode entrar aqui. Espere do lado de fora.

– Ele pode, mas eu não?

– Se entrar nesta sala, Manan, você não sairá mais. É a lei para todos, com exceção de mim. Nenhum ser mortal jamais saiu vivo deste cômodo. Quer entrar?

– Vou esperar do lado de fora – disse a voz melancólica na escuridão. – Senhora, senhora, não feche a porta...

Seu ar alarmado a irritou de tal maneira que ela deixou a porta entreaberta. Na verdade, o lugar a encheu de um pavor surdo e a fez sentir certa desconfiança do prisioneiro, mesmo preso como estava. Dentro do recinto, ela acendeu o lampião. Estava com as mãos trêmulas. A vela relutou em se acender; o ar era abafado e mortiço. No tremeluzir amarelado, que pareceu claro após os longos corredores de trevas, a sala do tesouro avultou ao redor deles, repleta de sombras em movimento.

Havia seis grandes arcas, todas de pedra, com uma camada espessa de um pó

fino e cinzento como bolor no pão. Mais nada. As paredes eram ásperas, e o teto, baixo. O lugar tinha uma friagem cortante e sem ar que parecia deter o sangue no coração. Não havia teias de aranha, apenas a poeira. Nada vivia ali, absolutamente nada, nem mesmo as raras e pequenas aranhas brancas do Labirinto. A poeira era muito, muito espessa, e cada grão de pó poderia ser um dia decorrido ali, onde não havia tempo nem luz: dias, meses, anos, séculos, todos transformados em pó.

– Este é o lugar que você estava procurando – disse Arha, com a voz firme. – Este é o Grande Tesouro das Tumbas. Você chegou a ele. Nunca mais poderá deixá-lo.

O homem não disse nada e manteve o rosto sereno, mas havia em seus olhos algo que a comoveu: uma desolação, a expressão de quem foi traído.

– Você disse que queria ficar vivo. Este é o único lugar que conheço em que pode permanecer vivo. Kossil o matará ou me fará matá-lo, Gavião. Mas aqui ela não consegue chegar.

Ainda assim, ele nada disse.

– De qualquer modo, você nunca poderia ter saído das Tumbas, não percebe? Aqui não é diferente. E pelo menos você chegou ao... ao final da sua jornada. Aquilo que procurava está aqui.

Ele se sentou numa das grandes arcas, parecendo exausto. A corrente pendurada produzia um tinido áspero na pedra. O homem olhou em volta, primeiro para as paredes cinzentas e as sombras, depois para ela.

Arha desviou o rosto, fixando os olhos nas arcas de pedra. Não tinha o menor desejo de abri-las. Não se importava com as maravilhas que estivessem apodrecendo lá dentro.

– Aqui você não precisa usar essa corrente.

Aproximou-se dele, abriu o cinto de ferro e desamarrou de seus braços o cinto de couro de Manan.

– Tenho que trancar a porta, mas, quando vier aqui, confiarei em você. Você sabe que *não pode* sair, que não deve tentar. Sou a vingança dos Inominados, cumpro sua vontade, mas, se eu faltar para com eles, se você trair minha confiança, eles se vingarão. Você não deve tentar sair desta sala, ferindo-me ou me enganando, quando eu vier. Deve acreditar em mim.

– Farei o que você mandar – disse ele, gentil.

– Vou trazer comida e água quando puder. Não será muito. A água será suficiente, mas não haverá muito o que comer durante algum tempo. Tenho passado fome, entende? Mas haverá o bastante para você se manter vivo. Talvez eu não possa voltar por um ou dois dias, talvez até mais. Preciso tirar Kossil do seu rastro. Mas eu virei. Prometo. Aqui está o cantil. Economize, não posso voltar depressa. Mas vou voltar.

O prisioneiro ergueu o rosto para ela com uma expressão estranha.

– Tome cuidado, Tenar.

Capítulo 8

n o m e s

Arha levou Manan de volta pelos caminhos sinuosos e o deixou na escuridão da Tumba Inferior para cavar a sepultura que deveria estar lá como prova, para Kossil, de que o ladrão fora punido. Era tarde e ela foi direto à Casa Pequena para se deitar.

Durante a madrugada, acordou de repente; lembrou-se de ter deixado sua capa na Sala Pintada. Ele não teria nada além da capa curta para se aquecer naquela câmara úmida, nenhuma cama além da pedra empoeirada. Uma sepultura fria, uma sepultura fria, pensou ela, entristecida, mas estava cansada demais para acordar inteiramente e não tardou a resvalar de novo para o sono.

Começou a sonhar. Sonhou com as almas dos mortos nas paredes da Sala Pintada, aquelas figuras parecidas com grandes aves enlameadas, de mãos, pés e rostos humanos, agachadas na poeira dos lugares tenebrosos. Não podiam voar. O barro era seu alimento; a poeira, sua bebida. Eram as almas dos não renascidos, dos povos antigos e dos infiéis, aqueles que eram devorados pelos Inominados. Agachavam-se nas sombras ao seu redor e, vez por outra, vinha deles um vago som de rangido ou de pio. Um se aproximou e chegou bem perto de Arha. De início, ela ficou com medo e tentou se afastar, mas não conseguiu se mexer. Tinha rosto de pássaro, mas seu cabelo era dourado e ele disse em voz feminina: “Tenar.” Com ternura, baixinho: “Tenar.”

Ela acordou. Tinha a boca entupida pelo barro. Estava deitada numa tumba de pedra, embaixo da terra. Seus braços e pernas estavam amarrados com mortaldas e ela não conseguia se mexer nem falar.

Tão grande se tornou seu desespero que lhe rasgou o peito e, como um pássaro de fogo, estilhaçou a pedra e irrompeu à luz do dia, ténue em seu quarto sem janelas.

Realmente acordada dessa vez, ela se sentou, desgastada pelos sonhos da noite e com a mente aturdida. Vestiu sua roupa e foi à cisterna do pátio fechado da Casa Pequena. Mergulhou na água gelada os braços e o rosto, a cabeça inteira, até o corpo estremecer de frio e o sangue se acelerar. Depois, jogando para trás a cabeleira gotejante, ficou ereta e ergueu os olhos para o sol da manhã.

Não passava muito do alvorecer, um belo dia de inverno. O céu estava amarelado, muito límpido. Lá no alto, tão alto que captava a luz do sol e cintilava como uma partícula de ouro, um pássaro descrevia círculos, um gavião ou uma águia do deserto.

– Eu sou Tenar – disse ela em voz baixa, e tiritou de frio e pavor e exultação, ali sob o céu aberto, um céu banhado de sol. – Meu nome me foi devolvido. Eu sou Tenar!

O pontinho dourado rumou para oeste, em direção às montanhas, e sumiu de vista. O sol nascente dourou as calhas da Casa Pequena. Sinetas de ovelhas tilintaram nos apriscos. Saindo das chaminés da cozinha, os cheiros de lenha queimada e mingau de trigo-sarraceno flutuaram no vento suave e fresco.

– Estou com muita fome... Como foi que ele soube? Como é que sabia meu nome?... Ah, preciso comer, estou com muita fome...

Levantou o capuz e correu para fazer a refeição matinal.

Após três dias de quase jejum, o alimento deu a Arha uma sensação de solidez, deu-lhe lastro. Ela já não se sentia tão desvairada e assustada. Sentiu-se bastante capaz de lidar com Kossil.

Colocou-se ao lado da figura alta e corpulenta, na saída do refeitório do Casarão, e lhe disse em voz baixa:

– Acabei com o ladrão... Que dia lindo!

Sob o capuz preto, os frios olhos cinzentos lançaram-lhe um olhar de esguelha.

– Eu achava que a Sacerdotisa tinha que se abster de alimentos durante três dias depois de um sacrifício humano, não?

Era verdade. Arha tinha esquecido e seu rosto demonstrou que ela se esquecera.

– Ele ainda não morreu – retrucou por fim, tentando fingir o tom indiferente que lhe viera com tanta facilidade um minuto antes. – Foi enterrado vivo. Embaixo das Tumbas. Num caixão. Haverá um pouco de ar, o caixão não é vedado, é de madeira. Vai acontecer bem devagar, a agonia e a morte. Quando eu souber que ele morreu, começarei o jejum.

– E como vai saber?

Alvoroçada, ela tornou a hesitar.

– Eu saberei. Os... meus Senhores me dirão.

– Certo. Onde fica a sepultura?

– Na Tumba Inferior. Mandeí Manan cavá-la embaixo da Pedra Lisa.

Ela não deveria dar respostas tão depressa, naquele tom bobo, apaziguador; deveria manter sua dignidade perante Kossil.

– Vivo num caixão de madeira. É arriscado para um feiticeiro, senhora. Certificou-se de que ele estivesse com a boca vedada, para não poder proferir encantamentos? As mãos estão atadas? Eles sabem fazer feitiços com o movimento de um dedo, mesmo quando têm a língua arrancada.

– Não há nada na feitiçaria dele, são meros truques – replicou a garota, elevando a voz. – Ele está enterrado e meus Senhores esperam por sua alma. E o mais não é da sua conta, sacerdotisa!

Dessa vez ela fora longe demais. Outras pessoas poderiam escutar: Penthe e outras duas meninas, DUBY e a sacerdotisa Mebbeth, todos estavam a uma distância que permitia ouvir a conversa. As meninas estavam de orelha em pé e Kossil tinha ciência disso.

– Tudo que acontece aqui é da minha conta, senhora. Tudo que acontece neste reino é da conta do Rei-Deus, o Homem Imortal de quem sou serva. Até os lugares subterrâneos e o coração dos homens ele vasculha e examina, e ninguém lhe há de proibir a entrada!

– Eu proíbo. Nas Tumbas não entra ninguém se os Inominados proibirem. Eles existiam antes do seu Rei-Deus e existirão depois dele. Fale baixo sobre

eles, sacerdotisa. Não invoque a vingança deles contra você. Eles entrarão nos seus sonhos, penetrarão nos lugares obscuros da sua mente, e você enlouquecerá.

Os olhos das meninas brilhavam. O rosto de Kossil estava escondido, retraído no interior do capuz preto. Penthe e as outras observavam, apavoradas e extasiadas.

– Eles são velhos – disse Kossil, a voz um fio sibilante de som saindo das profundezas do capuz. – Eles são velhos. Seu culto foi esquecido, exceto aqui, neste único lugar. O poder deles acabou. Eles são apenas sombras. Já não têm poder. Não tente me amedrontar, Devorada. Você é a Primeira Sacerdotisa, e será que isso também não significa que é a última?... Você não pode me enganar. Enxergo a intimidade do seu coração. A escuridão nada esconde de mim. Tome cuidado, Arha!

Kossil deu meia-volta e foi andando, com seus passos resolutos e sonoros, esmagando as ervas ornamentadas pela geada sob os pés pesados, calçados de sandálias, a caminho da casa do Rei-Deus, com suas pilastras brancas.

A garota permaneceu parada, esguia e sombria, como que congelada na terra, no pátio frontal do Casarão. Ninguém se mexia, apenas Kossil, em toda a vasta paisagem de pátio e templo, colina e planície deserta e montanha.

– Que os Tenebrosos devorem sua alma, Kossil! – gritou ela, a voz parecida com o guincho do gavião.

Erguendo o braço com a mão estendida e rígida, lançou a maldição sobre as costas pesadas da sacerdotisa no instante em que ela punha os pés nos degraus de seu templo. Kossil cambaleou, mas não parou nem se virou para trás. Seguiu adiante e atravessou a porta do Rei-Deus.

Arha passou aquele dia sentada no degrau inferior do Trono Vazio. Não se atreveu a entrar no Labirinto e não quis ficar com as outras sacerdotisas. Um peso a possuía e a manteve presa ali, hora após hora, na fria penumbra do grande salão. Ela fitou os pares de colunas grossas e pálidas que desapareciam nas sombras da extremidade distante do aposento, os raios de luz que se infiltravam enviesados pelos buracos do telhado e a fumaça que subia em densas espirais do tripé de bronze cheio de carvão, perto do Trono. Fez desenhos com os ossinhos de rato na escada de mármore, de cabeça baixa e com a mente ativa, mas como que estupefata. *Quem sou eu?*, perguntou-se, e não obteve resposta.

Manan veio arrastando os pés pelo salão entre as duplas fileiras de colunas, quando fazia muito tempo que a luz tinha deixado de iluminar em feixes as trevas do aposento e que o frio se tornara intenso. O rosto descorado do eunuco estava muito triste. Ele parou a certa distância de Arha, com as manzorras caídas; um pedaço rasgado da bainha de sua capa molambenta pendia junto ao calcanhar.

– Senhorinha.

– O que é, Manan?

Arha o fitou com sombria afeição.

– Pequenininha, deixe-me fazer o que você disse... o que disse que foi feito. Ele precisa morrer, pequenininha. Ele a enfeitiçou. Ela vai se vingar. É velha e cruel, e você é jovem demais. Você não tem força suficiente.

– Ela não pode me machucar.

– Se ela a matasse, mesmo à vista de todos, ninguém em todo o Império se atreveria a puni-la. Ela é a Suma Sacerdotisa do Rei-Deus, e o Rei-Deus é quem manda. Mas ela não vai matá-la abertamente. Fará isso às escondidas, com um veneno, na calada da noite.

– Nesse caso, eu renascerei.

Manan torceu as manzorras.

– Talvez ela não a mate – sussurrou.

– O que quer dizer?

– Ela poderia trancá-la num cômodo na... Lá embaixo... Como você fez com ele. E você viveria durante anos e anos, talvez. Durante anos... E não nasceria nenhuma nova Sacerdotisa, porque você não teria morrido. Mas não haveria Sacerdotisa das Tumbas, e as danças da escuridão da lua não seriam dançadas, e os sacrifícios não seriam feitos, e o sangue não seria vertido, e o culto dos Tenebrosos poderia ser esquecido para sempre. Ela e seu Senhor gostariam que assim fosse.

– *Eles* me libertariam, Manan.

– Não enquanto estiverem irados com você, senhorinha – murmurou o guardião.

– Irados?

– Por causa dele... Pelo sacrilégio não punido. Ah, pequenininha, pequenininha! Eles não perdoam!

Arha ficou sentada na poeira do degrau mais baixo, com a cabeça curvada. Olhou para uma coisa minúscula que segurava na palma da mão: o crânio diminuto de um camundongo. Nas vigas acima do Trono, as corujas se mexeram um pouco. Tudo escurecia, anoitecendo.

– Não desça ao Labirinto hoje – pediu Manan, em voz muito baixa. – Vá para sua casa e durma. De manhã, procure Kossil e diga que retira dela a maldição que lançou. E será só isso. Você não precisa se preocupar. Eu mostrarei a prova a ela.

– Prova?

– De que o feiticeiro morreu.

Arha permaneceu imóvel. Lentamente, cerrou o punho, e o crânio frágil estalou e se desfez. Quando ela abriu a mão, não segurava nada além de lascas de ossos e poeira.

– Não.

Sacudiu a poeira da palma da mão.

– Ele precisa morrer. Ele a enfeitiçou. Você está perdida, Arha!

– Ele não lançou nenhum feitiço sobre mim. Você está velho e medroso, Manan, está se deixando assustar por mulheres velhas. Como acha que chegaria até ele e o mataria, para conseguir sua “prova”? Sabe o caminho direto para o Grande Tesouro, aquele que você percorreu ontem à noite, no escuro? Sabe contar as viradas e chegar à escada, e depois ao poço, e depois à porta? Sabe destrancar aquela porta? Ah, meu pobre Manan, seu raciocínio está todo embotado. Ela o assustou. Vá agora mesmo para a Casa Pequena, durma e esqueça tudo isso. Não me deixe eternamente preocupada falando sobre morte... Eu irei mais tarde. Vá, vá logo, seu velho tolo, velho bobalhão.

Arha tinha se levantado e empurrou de leve o peito largo de Manan, dando-lhe um tapinha e o conduzindo para que se fosse.

– Boa noite, boa noite!

Ele deu meia-volta, carregado de relutância e maus presságios, mas obediente, e se arrastou a custo pelo longo salão, sob as colunas e o teto destruído. Arha o observou se afastar.

Quando já fazia algum tempo que o guardião se fora, ela se virou, contornou a plataforma do Trono e desapareceu na escuridão atrás dele.

Capítulo 9

o a n e l d e E r r e t h - A k b e

No Grande Tesouro das Tumbas de Atuan, o tempo não passava. Nada de luz nem de vida; nem o menor movimento de aranha na poeira nem de verme na terra fria. Rocha e trevas, e o tempo que não passava.

Na tampa de pedra de uma enorme arca estava o ladrão das Regiões Interiores, deitado de costas, como uma imagem entalhada num túmulo. A poeira perturbada por seus movimentos tinha se assentado em suas roupas. Ele não se mexia.

A fechadura da porta estalou e a porta se abriu. A luz quebrou o negrume mortiço e uma corrente mais fresca agitou o ar parado. O homem estava inerte.

Arha fechou a porta e a trancou por dentro, depositou o lampião numa arca e lentamente se aproximou da figura imóvel. Deslocava-se temerosa, com os olhos arregalados, as pupilas ainda dilatadas por seu longo trajeto pelas trevas.

– Gavião!

Tocou no ombro dele e pronunciou seu nome de novo, depois mais uma vez.

Então ele se mexeu e soltou um gemido. Por fim, sentou-se, com o rosto tenso e o olhar vazio. Fitou Arha sem reconhecê-la.

– Sou eu, Arha-Tenar. Eu lhe trouxe água. Tome, beba.

Ele se atrapalhou para pegar o cantil, como se estivesse com as mãos dormentes, e bebeu, mas não foram grandes goles.

– Faz quanto tempo? – perguntou, falando com dificuldade.

– Passaram-se dois dias desde que você veio para esta sala. Estamos na terceira noite. Não pude vir antes. Tive que roubar a comida. Aqui está...

Ela tirou da sacola um dos pães cinzentos que tinha levado, porém ele balançou a cabeça.

– Não estou com fome. Este... Aqui é um lugar mortífero.

Ele pôs a cabeça entre as mãos e permaneceu sentado, imóvel.

– Está com frio? Eu trouxe a capa da Sala Pintada.

Ele não respondeu.

Arha depôs a capa e ficou olhando-o. Estava meio trêmula e seus olhos continuavam negros e arregalados.

De repente ela se prostrou de joelhos, curvou-se e desatou a chorar, com soluços fundos que lhe contorciam o corpo, mas não traziam lágrimas.

O prisioneiro desceu da arca com movimentos rígidos e se curvou sobre ela.

– Tenar...

– Não sou Tenar. Não sou Arha. Os deuses morreram, os deuses morreram.

Ele pôs as mãos na cabeça da garota, empurrando o capuz para trás. Começou a falar. Sua voz era suave e as palavras foram ditas numa língua que ela nunca tinha ouvido. O som penetrou em seu coração como chuva caindo. Arha parou para ouvir.

Quando a sacerdotisa se aquietou, ele a levantou no colo e a depositou como uma criança na grande arca em que estivera deitado. Pôs a mão na dela.

– Por que chorou, Tenar?

– Vou lhe contar. Não importa o que eu diga, você não pode fazer nada. Não pode ajudar. Também está morrendo, não é? Então não tem importância. Nada tem importância. Kossil, a Sacerdotisa do Rei-Deus, foi sempre cruel, sempre tentando me fazer matar você. Como matei aqueles outros. E eu me recusei. Que direito tinha ela? Ela desafiou os Inominados e zombou deles, e eu lhe lancei uma maldição. E, desde aquele momento, fiquei com medo dela, porque é verdade o que Manan disse, ela não acredita nos deuses. Quer que eles sejam esquecidos e se disporia a me matar enquanto eu estivesse dormindo. Por isso não dormi. Não voltei para a Casa Pequena. Ontem fiquei no Salão a noite inteira, numa das galerias elevadas, onde ficam os vestidos de dança. Antes de clarear o dia, fui ao Casarão, roubei uns alimentos da cozinha, voltei para o

Salão e fiquei lá o dia inteiro. Estava tentando descobrir o que fazer. E hoje... esta noite eu estava muito cansada e achei que poderia ir para um lugar sagrado e dormir, porque talvez ela tivesse medo de ir lá. Assim, desci para a Tumba Inferior. Aquela caverna enorme em que vi você pela primeira vez. E... E ela estava lá. Devia ter entrado pela porta de pedra vermelha. Estava lá com um lampião. Raspando a sepultura que Manan cavou, para ver se havia um cadáver. Como uma ratazana num cemitério, uma enorme ratazana preta e gorda, cavando. E com luz acesa no Lugar Sagrado, no lugar de trevas. E os Inominados não fizeram nada. Não a mataram nem a enlouqueceram. São velhos, como ela disse. Estão mortos. Todos se foram. Não sou mais sacerdotisa.

O homem ficou escutando, ainda com a mão na dela, a cabeça meio inclinada. Algum vigor havia retornado ao seu rosto e a sua postura, embora as cicatrizes do rosto exibissem uma cor cinza-claro e ainda houvesse poeira em sua roupa e seu cabelo.

– Passei por ela, atravessando a Tumba Inferior. O lampião dela fazia mais sombras que luz e ela não me ouviu. Eu quis ir até o Labirinto para fugir dela, mas, quando cheguei lá, achei que a ouvia me seguindo. Por todos os corredores ouvia alguém atrás de mim. E não sabia para onde ir. Eu acreditava que aqui ficaria segura. Que meus Senhores me protegeriam e me defenderiam. Mas não é isso que eles fazem, eles desapareceram, estão mortos...

– Foi por eles que você chorou, pela morte deles? Mas eles estão aqui, Tenar, aqui!

– Como você sabe? – perguntou Arha, desalentada.

– Porque a todo instante, desde que pus os pés na caverna abaixo das Pedras Tumulares, tenho me esforçado para mantê-los sossegados, para mantê-los na ignorância. Todas as minhas habilidades têm sido investidas nisso, gastei minhas forças nisso. Enchi estes túneis com uma rede interminável de encantamentos, feitiços do sono, da calma, da ocultação. Apesar disso, eles estão cientes da minha presença, meio cientes; meio adormecidos, meio acordados. E, mesmo assim, estou praticamente esgotado na luta contra eles. Este é o mais terrível dos lugares. Aqui um homem sozinho não tem esperança. Eu estava morrendo de sede quando você me deu água, mas não foi só a água que me salvou. Foi a força das mãos que a deram.

Ele virou para cima a palma da mão de Arha na sua, olhando-a. Em seguida,

afastou-se, deu alguns passos pela sala e tornou a parar diante dela. Arha continuava em silêncio.

– Você achou mesmo que eles haviam morrido? No fundo do coração, sabe que não é verdade. Eles não morrem. São tenebrosos e imorredouros, e odeiam a luz, a luz breve e luminosa da nossa mortalidade. São imortais, mas não são deuses. Nunca foram. Não merecem ser cultuados por nenhuma alma humana.

Ela escutou, com os olhos pesados, fixos no lampião tremeluzente.

– O que foi que eles já lhe deram, Tenar?

– Nada – murmurou ela.

– Não têm nada para dar. Não têm qualquer poder de criação. Todo o seu poder consiste em obscurecer e destruir. Não podem sair deste lugar; eles *são* este lugar, e isto lhes deve ser deixado. Não devem ser negados nem esquecidos, mas também não devem ser cultuados. A Terra é linda e luminosa e bondosa, porém não é só isto. A Terra também é terrível e obscura e cruel. O coelho grita ao morrer nas campinas verdes. As montanhas cerram suas mãos enormes, cheias de fogo oculto. Há tubarões no mar e há crueldade nos olhos dos homens. E, quando os homens cultuam essas coisas e se humilham diante delas, é aí que o mal se reproduz. É aí que se criam lugares no mundo em que as trevas se acumulam, lugares inteiramente dedicados àqueles que chamamos de Inominados, os Poderes antigos e sagrados da Terra antes da Luz, os poderes da escuridão, da ruína, da loucura... Acho que eles enlouqueceram a sua sacerdotisa Kossil há muito tempo; acho que ela vagueia por estas cavernas como pelo labirinto do seu próprio eu e agora já não consegue ver a luz. Ela lhe disse que os Inominados morreram; só uma alma perdida, perdida para a verdade, poderia acreditar nisso. Eles existem. Mas não são os seus Senhores. Nunca foram. Você é livre, Tenar. Foi ensinada a ser escrava, mas se libertou.

Ela ouviu, embora sua expressão não se alterasse. Ele não falou mais nada. Ficaram ambos em silêncio, mas não era o silêncio da sala antes de ela entrar. Agora havia a respiração dos dois, e o movimento da vida em suas veias, e a queima da vela no lampião de lata, com um som minúsculo e animado.

– Como você sabe meu nome?

Ele andou de um lado para outro, levantando a poeira fina, alongando braços e ombros, no esforço de afastar o frio entorpecedor.

– Saber nomes é o meu trabalho. Minha arte. Para tecer a magia de algo,

sabe, é preciso desvendar seu verdadeiro nome. Na minha terra, mantemos ocultos os nomes verdadeiros durante a vida inteira, ocultos de todos, exceto daqueles em quem temos absoluta confiança. É que há um enorme poder e um enorme perigo num nome. Em certa época, no início dos tempos, quando Segoy ergueu as ilhas de Terramar das profundezas do oceano, tudo trazia seu nome verdadeiro. E tudo que é feito pela magia ainda depende do conhecimento, da reaprendizagem, da lembrança dessa língua antiga e verdadeira da Criação. Há encantamentos a aprender, é claro, maneiras de usar as palavras, e também é preciso saber as consequências. Mas aquilo a que um mago dedica sua vida inteira é descobrir os nomes das coisas, e descobrir como descobrir os nomes das coisas.

– Como você descobriu o meu?

Ele a fitou por um instante, num relance claro e profundo por entre as sombras que os separavam, e hesitou um pouco.

– Isso eu não posso revelar. Você é como uma candeia enfaixada e coberta, escondida num lugar escuro. Mesmo assim, a luz brilha; eles não conseguiram extinguir a luz. Não conseguiram esconder você. Como conheço a luz, como conheço você, sei o seu nome, Tenar. Este é o meu dom, meu poder. Não posso lhe dizer mais que isso. Conte-me, porém: o que vai fazer agora?

– Não sei.

– A esta altura, Kossil terá encontrado um túmulo vazio. O que ela vai fazer?

– Não sei. Se eu voltar, ela poderá mandar me matar. Para uma Suma Sacerdotisa, a mentira é a morte. Ela poderia mandar me sacrificar nos degraus do Trono se quisesse. E, desta vez, Manan teria que cortar realmente minha cabeça em vez de apenas erguer a espada e aguardar que a Figura Tenebrosa a detivesse. Desta vez, porém, ela não seria detida. Desceria e deceparia minha cabeça.

A voz da jovem soava tristonha e lenta. O mago franziu o cenho e disse:

– Se nos demorarmos aqui, você vai enlouquecer, Tenar. A ira dos Inominados pesa na sua mente. E na minha. Está melhor, agora que você chegou, muito melhor. Mas se passou muito tempo antes de você vir, e gastei quase toda a minha força. Sozinho, ninguém consegue suportar os Tenebrosos por muito tempo. Eles são muito fortes.

O homem parou de falar; sua voz tinha baixado muito e ele parecia haver

perdido o fio da meada. Esfregou as mãos na testa e, em seguida, tornou a beber água do cantil. Partiu um naco de pão e se sentou na arca em frente para comê-lo.

Era verdade o que ele dissera: Arha sentia um peso, uma pressão na cabeça, que parecia obscurecer e confundir todas as ideias e sentimentos. No entanto, não estava apavorada como estivera ao atravessar os corredores sozinha. Apenas o profundo silêncio do lado de fora da sala parecia terrível. Por que seria? Ela nunca tivera medo do silêncio das regiões subterrâneas. Mas nunca havia desobedecido aos Inominados, nunca se pusera contra eles.

Por fim, deu um risinho meio choramingado e disse:

– Aqui estamos nós, sentados no maior tesouro do Império. O Rei-Deus daria todas as suas esposas para ter uma destas arcas. E nem ao menos abrimos uma tampa para olhar.

– Eu abri – replicou Gavião, mastigando.

– No escuro?

– Criei uma luzinha. A do fogo-fátuo. Foi difícil criá-la aqui. Mesmo com meu cajado teria sido difícil, e sem ele, foi como tentar acender uma fogueira na chuva, com madeira molhada. Mas enfim consegui. E achei o que estava procurando.

Ela ergueu lentamente a cabeça e o fitou.

– O anel?

– O meio anel. Você está com a outra metade.

– Estou? A outra metade se perdeu...

– E foi encontrada. Eu a usava numa corrente pendurada no pescoço. Você a tirou e me perguntou se eu não podia arranjar um talismã melhor. O único talismã melhor que metade do Anel de Erreth-Akbe seria o anel inteiro. Mas afinal, como dizem, meio pão é melhor que nenhum. Portanto, agora você tem a minha metade e eu tenho a sua.

Ele lhe deu um sorriso por entre as sombras da tumba.

– Quando eu o peguei, você disse que eu não sabia o que fazer com ele.

– Era verdade.

– E você sabe?

O homem fez que sim.

– Conte-me. Diga-me o que é o anel, como você topou com a metade

perdida, como veio para cá e por quê. Preciso saber tudo isso, e aí talvez eu descubra o que fazer.

– Talvez sim. Muito bem. O que é o Anel de Erreth-Akbe? Bem, você pode ver que ele não parece precioso, nem sequer é um anel. É grande demais. É um bracelete, talvez, mas parece pequeno demais para isso. Homem algum sabe para que foi feito. Elfarran, a Bela, usou-o uma vez, antes que a ilha Soléa se perdesse sob o mar, e já então o anel era antigo. Por fim chegou às mãos de Erreth-Akbe... O metal é banhado a prata e tem nove orifícios. Há um desenho parecido com ondas entalhado na parte externa e nove Runas do Poder na parte interna. A metade que você tem traz quatro runas e um pedaço de outra, e a minha também. A ruptura se deu bem no meio desse símbolo e o destruiu. É isso que se tem chamado, desde então, de a Runa Perdida. As outras oito são conhecidas pelos magos: Pirr, que protege da loucura e do vento e do fogo; Ges, que dá resistência, e assim por diante. Mas a runa quebrada era a que unia as terras. Era a Runa do Liame, o símbolo da soberania, o símbolo da paz. Nenhum rei poderia ser um bom governante se não governasse sob a égide desse símbolo. Ninguém sabe como ele foi escrito. Desde que se perdeu, não houve grandes reis em Havnor. Houve príncipes e tiranos, e guerras e disputas entre todas as regiões de Terramar.

Ele fez uma pausa, então continuou:

– Por isso os senhores e os magos do Arquipélago queriam o Anel de Erreth-Akbe, para poderem restaurar a Runa Perdida. No fim, porém, desistiram de mandar homens à procura dela, já que ninguém poderia pegar a metade que estava nas Tumbas de Atuan, e a outra metade, que Erreth-Akbe dera a um rei karg, se perdera fazia muito tempo. Disseram que a busca não tinha serventia. Isso ocorreu há muitas centenas de anos. Foi então que entrei na história. Quando eu era pouco mais velho do que você, saí numa... perseguição, uma espécie de caçada pelo mar. O que eu perseguia me enganou e, assim, fui jogado numa ilha deserta, não muito longe dos litorais de Karego-At e de Atuan, a sul e oeste daqui. Era uma ilhota não muito maior que um banco de areia, com dunas compridas e relvadas no meio, uma fonte de água salgada e nada mais. No entanto, lá moravam duas pessoas. Um homem e uma mulher idosos, que eram irmãos, acho. Ficaram apavorados comigo. Não viam outro rosto humano fazia quanto tempo? Anos, décadas. Mas eu estava necessitado e eles foram bondosos

comigo. Tinham uma cabana de restos de madeira trazidos pela maré e uma lareira. A velha senhora me deu de comer: mexilhões que arrancava das pedras na maré baixa, carne desidratada de aves marinhas que eles matavam a pedradas. A senhora tinha medo de mim, mas me alimentava. Então, como eu não fizesse nada para assustá-la, passou a confiar em mim e me mostrou seu tesouro. Ela também possuía um tesouro... Era um vestidinho. Todo de seda, com pérolas. Um vestido de menina, um vestido de princesa. A mulher vestia pele de foca não curada. Não podíamos conversar. Naquela época eu não sabia a língua dos kargs e eles não conheciam nenhum idioma do Arquipélago, e bem pouco da própria língua. Deviam ter sido levados para lá quando pequenos e largados na ilha para morrer. Não sei por quê, e duvido que eles próprios soubessem. Não conheciam nada senão aquela ilha, o vento e o mar. Mas, quando fui embora, ela me deu um presente. Deu-me a metade perdida do Anel de Erreth-Akbe.

O mago fez uma pequena pausa.

– Eu não sabia o que era aquilo, e a tal senhora também não. O maior presente desta era mundial, e foi dado por uma pobre velhinha tola, vestida de pele de foca, a um bobalhão que apenas o enfiou no bolso, disse “Obrigado!” e zarpou... Bem, assim prossegui e fiz o que tinha que fazer. Depois aconteceram outras coisas e fui ao Covil dos Dragões, a oeste, e por aí vai. Mas guardei aquilo comigo o tempo todo, por me sentir grato àquela senhora idosa que me dera de presente seu único bem. Enfiei uma corrente por um dos orifícios, passei a usar o anel partido e nunca mais pensei no assunto. Então, um dia, em Selidor, a Ilha Mais Distante, a terra em que Erreth-Akbe morrera na batalha contra o dragão Orm, falei com um dragão que era da mesma linhagem desse antigo. E ele me explicou o que eu estava usando no peito. Ele achou muito engraçado eu não saber. Os dragões nos acham divertidos. Mas se lembram de Erreth-Akbe; dele, sim, falam como se fosse um dragão, não um homem.

Ele tomou ar e concluiu:

– Quando voltei para as ilhas Interiores, finalmente fui a Havnor. Nasci em Gont, que fica não muito a oeste das suas terras de Kargad, e tinha perambulado muito desde então, mas nunca estivera em Havnor. Era hora de ir lá. Vi as torres brancas e conversei com os grandes homens, os mercadores e príncipes e senhores dos antigos domínios. Falei-lhes sobre o que eu tinha. Disse que, se quisessem, eu iria procurar a outra metade do anel nas Tumbas de Atuan, para

encontrar a Runa Perdida, a chave da paz. Porque precisamos aflitivamente de paz no mundo. Eles se desmancharam em elogios e um até me deu dinheiro para abastecer meu barco. Assim, aprendi sua língua e vim para Atuan.

O homem se calou, os olhos voltados para as sombras à sua frente.

– As pessoas das suas cidades não reconheceram que você era ocidental, pela sua pele ou pela sua fala?

– Ah, é fácil enganar as pessoas quando se conhecem os truques – disse ele, com ar muito distraído. – Você faz umas mudanças na base do ilusionismo e ninguém descobre que são falsas, a não ser outro mago. E vocês não têm feiticeiros nem magos aqui nas terras de Kargad. É esquisito. Vocês baniram todos os seus feiticeiros há muito tempo e proibiram a prática da Arte da Magia. Agora, mal chegam a acreditar nela.

– Fui ensinada a não acreditar. Ela contraria os ensinamentos dos Reis-Sacerdotes. Mas sei que somente a feitiçaria poderia ter trazido você às Tumbas e o feito entrar pela porta de pedra vermelha.

– Não apenas feitiçaria, mas também bons conselhos. Nós usamos mais a escrita do que vocês, suponho. Você sabe ler?

– Não. É uma das artes obscuras.

Ele assentiu.

– Mas é uma arte útil. Um antigo ladrão malsucedido deixou algumas descrições das Tumbas de Atuan e instruções sobre como entrar, se a pessoa soubesse usar um dos Grandes Feitiços de Abertura. Tudo isso estava escrito num livro, no tesouro de um príncipe de Havnor. Ele deixou que eu o lesse. Assim, cheguei até a grande caverna...

– A Tumba Inferior.

– O ladrão achou que o tesouro estaria naquele lugar. Por isso o procurei lá, mas tive a sensação de que devia estar mais bem escondido, num ponto mais distante do dédalo. Eu conhecia a entrada do Labirinto e, quando vi você, fui até lá, pensando em me esconder nele e examiná-lo. Foi um erro, é claro. Os Inominados já me haviam dominado, confundido minha mente. E, desde então, só enfraqueci e me tornei mais estúpido. A pessoa não deve se submeter a eles, deve resistir, manter o espírito sempre forte e seguro. Aprendi isso há muito tempo. Mas é difícil fazê-lo aqui, onde eles são muito fortes. Não são deuses, Tenar, porém são mais fortes do que qualquer homem.

Os dois passaram um longo tempo em silêncio.

– O que mais você encontrou nas arcas do tesouro? – perguntou ela.

– Porcaria. Ouro, pedras preciosas, coroas, espadas. Nada que nenhum homem vivo possa obter... Conte-me, Tenar: como você foi escolhida para ser a Sacerdotisa das Tumbas?

– Quando a Primeira Sacerdotisa morre, eles saem procurando por toda Atuan uma menina nascida na noite em que ela morreu. E sempre a encontram. Porque ela é a Sacerdotisa Renascida. Quando a menina faz 5 anos, eles a trazem aqui para o Lugar. E, quando completa 6, é oferecida aos Tenebrosos e sua alma é devorada por eles. E, assim, ela pertence aos Inominados, e tem pertencido a eles desde os primeiros dias. E não tem nome.

– Você acredita nisso?

– Sempre acreditei.

– Acredita agora?

Ela não disse nada.

De novo caiu o sombrio silêncio entre eles. Passado um longo tempo, ela pediu:

– Fale-me... Fale-me dos dragões do Ocidente.

– Tenar, o que você vai fazer? Não podemos ficar aqui sentados, contando histórias um ao outro, até a vela apagar e a escuridão voltar.

– Não sei o que fazer. Estou com medo. – Ela estava sentada ereta na arca de pedra, uma das mãos cerrada sobre a outra, e falou alto, como quem sente dor: – Estou com medo do escuro.

Ele respondeu baixinho:

– Você precisa fazer uma escolha. Ou me deixar, trancar a porta, ir para os seus altares e me oferecer aos seus Senhores, depois procurar a sacerdotisa Kossil e fazer as pazes com ela, e acabou-se a história... ou abrir a porta e sair por ela comigo. Deixar as Tumbas, deixar Atuan e ir comigo para além-mar. E este é o começo da história. Você deve ser Arha ou deve ser Tenar. Não pode ser as duas.

A voz grave era gentil e segura. Através das sombras, ela olhou para o rosto do homem, que era duro e marcado por cicatrizes, mas não tinha crueldade nem dissimulação.

– Se eu deixar o serviço dos Tenebrosos, eles me matarão. Se eu sair deste

lugar, morrerei.

– Você não vai morrer. Arha vai morrer.

– Não posso...

– Para renascer, é preciso morrer, Tenar. Não é tão difícil quanto parece, visto do outro lado.

– Eles não nos deixariam sair. Jamais.

– Talvez não. Mas vale a pena tentar. Você tem conhecimento, eu tenho habilidades e, juntos, temos...

Ele fez uma pausa.

– Temos o Anel de Erreth-Akbe.

– Sim, é verdade. Mas eu também estava pensando em outra coisa que há entre nós. Chame-a de confiança... Este é um de seus nomes. É uma coisa extraordinária. Embora, sozinho, cada um de nós seja fraco, possuindo isto nós somos fortes, mais fortes que os Poderes das Trevas. – Seus olhos estavam límpidos e brilhantes. – Escute, Tenar. Vim para cá como ladrão, um inimigo armado contra você, e você me demonstrou clemência e confiou em mim. E confiei em você desde a primeira vez que vi seu rosto, por um breve momento, na caverna embaixo das Tumbas, linda na escuridão. Você provou sua confiança em mim. Não retribuí. Eu lhe darei o que tiver para dar. Meu nome verdadeiro é Ged. E você pode guardar isto. – Ele tinha se levantado e lhe estendeu um semicírculo de prata perfurado e entalhado, dizendo: – Que o anel possa soldar-se.

Ela o pegou de sua mão. Tirou do pescoço a corrente de prata em que a outra metade estava pendurada e a soltou da corrente. Pôs as duas partes na palma da mão, para que as bordas partidas se tocassem e o anel parecesse inteiro.

Não ergueu o rosto.

– Irei com você.

Capítulo 10

a fúria das trevas

Quando ela enunciou essa frase, o homem chamado Ged pôs a mão sobre a dela, a que segurava o talismã quebrado. A jovem ergueu os olhos, assustada, e o viu inundado de vida e triunfo, sorrindo. Estava desanimada e com medo dele.

– Você nos libertou – disse o mago. – Sozinho, ninguém conquista a liberdade. Vamos, não desperdicemos tempo, enquanto ainda o temos! Mostre-o de novo, só um pouquinho.

Ela havia fechado os dedos em torno dos pedaços de prata, mas, a pedido do homem, tornou a exibi-los, com as bordas quebradas se tocando.

O mago não os pegou, mas pôs os dedos sobre eles. Disse umas duas palavras e, de repente, o suor brotou em seu rosto. Ela sentiu um tremorzinho estranho na palma da mão, como se um bichinho ali adormecido se mexesse. Ged deu um suspiro; sua postura tensa relaxou e ele enxugou a testa.

– Pronto – anunciou.

Pegando o Anel de Erreth-Akbe, ele deslizou-o pelos dedos da mão direita de Tenar, passou-o apertado pela largura da mão dela e o levou até seu pulso.

– Pronto – repetiu, olhando a argola com satisfação. – Serve. Devia ser um bracelete de mulher ou de criança.

– Ele vai ser uno agora? – murmurou ela, nervosa, sentindo a tira de prata, fria e delicada, deslizar por seu braço fino.

– Vai. Eu não podia fazer um simples feitiço de remendo no Anel de Erreth-Akbe, como uma bruxa de aldeia que conserta uma chaleira. Tinha que usar uma Padronização e deixá-lo inteiro. Agora ele está inteiro, como se nunca houvesse quebrado. Tenar, temos que ir embora. Eu levo o bernal e o cantil. Vista a sua capa. Há mais alguma coisa?

Enquanto ela remexia na porta para destrancá-la, o mago comentou:

– Que bom seria se eu tivesse meu cajado.

Ela respondeu, ainda sussurrando:

– Está logo aqui fora. Eu o trouxe.

– Por quê? – indagou ele, curioso.

– Pensei em... em levar você à porta. Em deixá-lo ir embora.

– Você não tinha essa escolha. Poderia me conservar como escravo e ser escrava, ou me libertar e partir comigo, livre. Vamos, pequenina, tenha coragem, gire a chave.

Ela obedeceu e abriu a porta para o corredor baixo e negro. Saiu do Tesouro das Tumbas com o Anel de Erreth-Akbe no braço, e o homem a seguiu.

Houve uma vibração baixa, não propriamente um ruído, na pedra das paredes, do chão e do teto abobadado. Foi como um trovão distante, como se algo imenso despencasse de uma grande altura.

Os cabelos da garota se arrepiaram e, sem raciocinar, ela apagou a vela do lampião de lata. Ouviu o homem se deslocar atrás; com a voz grave, disse, tão perto que o hálito lhe balançou o cabelo:

– Deixe o lampião. Posso gerar luz se for preciso. Que horas são lá fora?

– Passava muito da meia-noite quando vim para cá.

– Então devemos prosseguir.

Mas ele não se mexeu. A jovem se deu conta de que precisava guiá-lo. Só ela conhecia a saída do Labirinto e o homem esperava para segui-la. Começou a andar, curvando-se, porque o túnel era muito baixo, mas mantendo um bom ritmo. Dos cruzamentos com passagens invisíveis vinham um sopro frio e um cheiro úmido e penetrante, o odor sem vida do imenso vazio abaixo deles. Quando o caminho ficou um pouco mais alto e ela pôde ficar de pé, tratou de andar mais devagar, contando os passos à medida que se aproximava do poço. Pisando de leve, cômico de todos os movimentos dela, o mago a seguia logo atrás. No instante em que Tenar parou, ele fez o mesmo.

– Aqui é o poço – murmurou ela. – Não consigo achar a saliência. Ah, está aqui. Cuidado. Acho que as pedras estão se soltando... Não, não, espere, está solta...

Ela retrocedeu, deslizando para a segurança, enquanto as pedras oscilavam sob seus pés. O homem a pegou pelo braço e a segurou. O coração dela batia forte.

– A saliência não é segura, as pedras estão se soltando.

– Vou gerar um pouco de luz para vê-las. Talvez possa consertá-las com a palavra certa. Está tudo bem, pequenina.

A garota pensou em como era estranho que ele a chamasse como Manan sempre a havia chamado. Quando ele acendeu uma tênue incandescência na ponta do cajado, como o brilho de madeira em decomposição ou de uma estrela atrás da névoa, e pisou no caminho estreito ao lado do abismo negro, ela viu a massa que avultava na escuridão, mais adiante, e reconheceu Manan. Mas sua voz ficou presa na garganta, como se fosse um nó, e Tenar não conseguiu gritar.

Quando Manan estendeu o braço para empurrar o feiticeiro do ressalto bambo em que ele pisava, jogando-o no poço ao lado, Ged ergueu os olhos e, com um grito de surpresa ou de fúria, golpeou-o com o cajado. A luz se intensificou num branco ofuscante, intolerável, direto no rosto do eunuco. Manan levantou uma das manzorras para proteger os olhos, avançou em desespero para agarrar Ged, mas não conseguiu e despencou.

Não deu nenhum grito ao cair. Não subiu som algum do poço escuro, nenhum som do seu corpo batendo no fundo, nenhum som de sua morte, nada. Perigosamente agarrados à saliência, ajoelhando-se na borda, enregelados de medo, Ged e Tenar não se mexeram. Apuraram os ouvidos, mas não escutaram nada.

A luz era um fiapo cinzento, quase invisível.

– Venha! – exclamou Ged, estendendo a mão.

Tenar a pegou e, em três passos ousados, ele a passou para o outro lado. Apagou a luz. Tenar voltou a seguir à frente para indicar o caminho. Estava muito entorpecida, sem pensar em nada. Só depois de algum tempo foi que pensou: *Direita ou esquerda?*

Estacou.

Parado alguns passos atrás, ele perguntou baixinho:

– O que foi?

– Estou perdida. Acenda a luz.

– Perdida?

– Perdi... Perdi a conta das viradas.

– Eu contei – afirmou ele, chegando um pouco mais perto. – Uma virada à esquerda depois do poço, em seguida uma à direita, e à direita de novo.

– Então a próxima também será para a direita – disse ela automaticamente, mas não se mexeu. – Acenda a luz.

– A luz não nos mostrará o caminho, Tenar.

– Nada o mostrará. Ele se perdeu. Estamos perdidos.

O silêncio mortal se fechou sobre seu sussurro, devorou-o.

Ela sentiu o movimento e o calor de Ged perto de si na escuridão fria. Ele procurou sua mão e a segurou.

– Vá em frente, Tenar. A próxima virada é para a direita.

– Acenda a luz. Os túneis dão tantas voltas...

– Não posso. Não tenho forças para desperdiçar. Tenar, eles estão... Eles sabem que saímos do Tesouro. Sabem que passamos do poço. Estão nos procurando, procurando a nossa vontade, o nosso espírito. Para extingui-lo, devorá-lo. É isso que preciso manter aceso. Toda a minha força está sendo voltada para tal. Tenho que resistir a eles, com você. Com a sua ajuda. Precisamos seguir adiante.

– Não há saída – afirmou ela, mas deu um passo à frente.

Em seguida, outro, hesitando, como se sob cada passo pudesse se escancarar o negro abismo, o vazio embaixo da terra. A mão de Ged apertava a dela, calorosa e firme. Os dois avançaram.

Após o que pareceu ter sido um longo tempo, chegaram ao lance de escada, que não parecia tão íngreme antes, com degraus que mal passavam de dentes escorregadios na rocha. Mas os dois a subiram, depois andaram um pouco mais depressa, pois Tenar sabia que a passagem em curva se estendia por um trecho comprido, sem desvios após a escada. Seguindo a parede da esquerda como guia, os dedos dela passaram por uma lacuna, uma abertura à esquerda.

– Aqui – murmurou ela, mas Ged pareceu se deter, como se algo nos movimentos da jovem o deixasse em dúvida. – Não – resmungou ela, confusa –, não é esta, é a próxima entrada à esquerda. Não sei. Não consigo. Não há saída.

– Estamos indo para a Sala Pintada – falou a voz serena, no escuro. – Como se chega lá?

– Virando à esquerda depois desta passagem.

Ela continuou a indicar o caminho. Os dois fizeram o circuito longo, passando por uma entrada, até chegarem à via que se ramificava à direita para a Sala Pintada.

– Direto em frente – murmurou ela.

Dessa vez, o longo desenrolar da escuridão correu melhor, porque Tenar conhecia aquelas passagens para a porta de ferro e havia contado suas viradas uma centena de vezes. O estranho peso que lhe oprimia a mente não podia confundi-la se ela não tentasse pensar. O tempo todo, porém, os dois chegavam mais e mais perto daquilo que pesava sobre ela e a pressionava, e suas pernas estavam tão cansadas e pesadas que, em um ou dois momentos, ela gemeu com o esforço de fazê-las se mexerem. Ao seu lado, o homem respirava fundo e prendia a respiração, como quem fizesse um enorme esforço, com toda a energia do seu ser. Em certos instantes, a voz dele escapou, abafada e penetrante, numa palavra ou fragmento de palavra. E, assim, os dois enfim chegaram à porta de ferro. Tomada de súbito pavor, Tenar estendeu a mão.

A porta estava aberta.

– Depressa! – exclamou ela, e puxou seu companheiro. Então, do outro lado, parou. – Por que estava aberta?

– Porque seus Senhores precisam que suas mãos a fechem para eles.

– Estamos chegando ao... – Faltou-lhe a voz.

– Ao centro da escuridão. Eu sei. Mas estamos fora do Labirinto. Quantas são as saídas da Tumba Inferior?

– Só uma. A porta por onde você entrou não abre por dentro. Nosso caminho atravessa a caverna e sobe uns corredores até um alçapão numa sala atrás do Trono. No Salão do Trono.

– Então precisamos tomar esse caminho.

– Mas ela está lá – sussurrou a garota. – Na Tumba Inferior. Na caverna. Escavando o túmulo vazio. Não posso passar por ela, ah, não posso passar por ela de novo!

– Ela já deve ter ido embora.

– Não posso ir por lá.

– Tenar, neste momento estou segurando o teto acima da nossa cabeça. Estou impedindo as paredes de se fecharem sobre nós. Estou impedindo que o chão se abra sob nossos pés. Estou fazendo isto desde que passamos pelo poço em que o servo deles esperava. Se eu posso conter o terremoto, você tem medo de encontrar uma alma humana comigo? Confie em mim como confiei em você! Agora venha comigo.

Seguiram adiante.

O túnel interminável se alargou. A sensação de um ar mais vasto veio ao encontro deles, uma ampliação das trevas. Tinham entrado na grande caverna sob as Pedras Tumulares.

Começaram a contorná-la, mantendo-se junto à parede da direita. Tenar dera apenas alguns passos quando se deteve.

– O que é isso? – murmurou, mal deixando a voz passar dos lábios.

Havia um ruído naquela bolha de ar morta, vasta e negra: um tremor ou abalo, um som ouvido pelo sangue e sentido nos ossos. As paredes sob os seus dedos, entalhadas pelo tempo, vibravam, vibravam.

– Siga adiante – ordenou a voz do homem, seca e tensa. – Depressa, Tenar.

Enquanto avançava com passos trôpegos, ela gritou em sua mente, tão obscura e abalada quanto a caverna subterrânea: “Perdão. Ó meus Senhores, ó seres sem nome e antiquíssimos, perdoai-me!”

Não houve resposta. Nunca houvera resposta.

Chegaram à passagem abaixo do Salão, subiram a escada e chegaram ao alçapão acima de suas cabeças. Estava fechado, como Tenar sempre o deixava. Ela apertou a mola que o abria. Ele não abriu.

– Está quebrado. Está trancado.

Ged passou por ela e fez pressão com as costas. O alçapão não se mexeu.

– Não está trancado, mas impedido de abrir por uma coisa pesada.

– Você consegue abri-lo?

– Talvez. Acho que ela estará nos esperando. Ela tem homens sob suas ordens?

– DUBY e UAHTO, talvez outros guardiões. Os homens não podem entrar lá...

– Não posso fazer um feitiço de abertura, repelir as pessoas que estiverem esperando lá em cima e resistir à vontade das trevas, tudo ao mesmo tempo – disse a voz firme dele, considerando a situação. – Precisamos tentar a outra

porta, nesse caso, a porta das pedras pela qual entrei. Ela sabe que a porta não pode ser aberta por dentro?

– Sabe. Uma vez me deixou tentar.

– Então talvez a desconsidere. Venha. Vamos, Tenar!

Ela havia arriado nos degraus de pedra, que vibravam e tremiam como se uma enorme corda de arco se esticasse nas profundezas abaixo.

– O que é isso, esse tremor?

– Venha – pediu ele, tão firme e seguro que ela obedeceu, e desceu rastejando a escada e os corredores, de volta à caverna apavorante.

Na entrada, um peso tão gigantesco de ódio cego e terrível desceu sobre ela, oprimindo-a como se fosse o peso da própria terra, que ela se encolheu e gritou bem alto, sem saber:

– Eles estão aqui! Estão aqui!

– Pois então que saibam que nós estamos aqui – retrucou o homem.

De seu cajado e suas mãos saltou uma luz branca, que se irradiou, como uma onda do mar quebrando ao sol, contra os milhares de diamantes do teto e das paredes: uma luz gloriosa pela qual os dois fugiram, atravessando em linha reta a enorme caverna, suas sombras correndo deles nos rendilhados brancos e nas frestas cintilantes e na sepultura aberta e vazia. Para o portal baixo os dois correram, descendo o túnel, agachando-se, ela primeiro, ele atrás. No túnel, as pedras ribombaram e se moveram sob seus pés. Mas a luz ainda estava com eles, ofuscante. Ao ver a face rochosa inerte à sua frente, Tenar ouviu, acima do trovejar da terra, a voz do feiticeiro enunciando uma palavra. Enquanto ela se prostrava de joelhos, por cima de sua cabeça o cajado bateu na pedra vermelha da porta cerrada. As pedras arderam, brancas, como se estivessem em chamas, e se separaram com um estrondo.

Fora delas estava o céu, empalidecendo no alvorecer. Nele se acomodavam algumas estrelas brancas, altas e frias.

Tenar viu as estrelas e sentiu o vento doce no rosto, mas não se levantou. Ficou ali agachada, apoiada nas mãos e nos joelhos entre a terra e o céu.

O homem, uma estranha figura escura à meia-luz que antecede a aurora, virou-se e a puxou pelo braço para fazê-la se levantar. Estava com o rosto preto e contraído como o de um demônio. Tenar se encolheu diante dele, gritando com

uma voz grossa que não era a sua, como se uma língua morta se movesse em sua boca:

– Não! Não! Não me toque... me largue! Vá embora!

Ela se contorceu, afastando-se dele, em direção à boca desmoronada e sem lábios das Tumbas.

O aperto forte em seu braço se afrouxou. Em voz baixa, ele disse:

– Pelo liame que está usando, eu lhe rogo que venha, Tenar.

Ela viu a luz das estrelas na prata do bracelete em seu braço. Com os olhos pousados nele, levantou-se, cambaleante. Pôs a mão na do homem e o acompanhou. Não conseguiu correr. Os dois desceram a encosta andando. Da boca negra entre as rochas às suas costas emergiu um uivo de ódio e lamento, gemente e muito, muito longo. Caíram pedras ao redor deles. O chão tremeu. Eles prosseguiram, os olhos de Tenar ainda fixos no brilho estelar em seu pulso.

Estavam no vale ensombrecido a oeste do Lugar. Começaram então a subir e, de repente, Ged pediu que ela se virasse.

– Veja...

A jovem obedeceu e viu. Estavam do outro lado do vale, agora no mesmo nível das Pedras Tumulares, os nove enormes monólitos que se erguiam ou se deitavam acima da caverna de diamantes e sepulturas. As pedras que ficavam de pé estavam se mexendo. Sacudiram e se inclinaram devagar, feito mastros de navios. Uma delas pareceu se contorcer e se erguer mais alto; em seguida, um tremor a perpassou e ela caiu. Outra também, estatelando-se atravessada sobre a primeira. Atrás delas, a cúpula baixa do Salão do Trono, negra contra a luz amarela do leste, estremeceu. As paredes se arquearam. Toda a enorme massa de pedra e alvenaria em ruínas mudou de forma, como barro sob água corrente, afundou sobre si mesma e, com um rugido e uma tempestade repentina de lascas e pó, deslizou de lado e desabou. A terra do vale ondulou e se empinou; uma espécie de onda subiu pela encosta e uma fenda gigantesca se abriu entre as Pedras Tumulares, escancarando-se para o negrume subterrâneo e soltando pó como uma fumaça cinzenta. As lápides que ainda estavam de pé tombaram dentro dele e foram tragadas. E então, com um estrondo que pareceu ecoar do próprio céu, os lábios negros e brutos da fenda se fecharam. As montanhas balançaram uma vez e se aquietaram.

Tenar olhou do horror do terremoto para o homem ao seu lado, cujo rosto ela

nunca tinha visto à luz do dia.

– Você o retardou – disse a jovem, e sua voz soou fina como um sopro de vento num bambu, depois daquele portentoso bramir e gritar da terra. – Você retardou o terremoto, a fúria das trevas.

– Precisamos seguir em frente – afirmou ele, dando as costas para o sol nascente e as Tumbas desmoronadas. – Estou cansado e com frio...

Ele foi avançando aos tropeços e Tenar segurou seu braço. Os dois só conseguiam andar arrastando os pés, nada mais depressa que isso. Aos poucos, como duas aranhas minúsculas numa parede enorme, subiram com esforço a imensa encosta do monte até chegarem, no topo, a um solo seco, amarelado pelo sol nascente e riscado pelas sombras longas e esparsas da sálvia. Diante deles se erguiam as montanhas ocidentais, de sopés cor de púrpura e encostas superiores douradas. Os dois fizeram uma pausa momentânea, depois passaram pelo cume do morro, longe da vista do Lugar das Tumbas, e se foram.

Capítulo 11

a s m o n t a n h a s o c i d e n t a i s

Tenar acordou, lutando para sair dos pesadelos, escapar de lugares em que havia caminhado por tanto tempo que toda a carne se soltara do seu corpo e ela via os ossos brancos dos braços reluzirem, tênues, na escuridão. Abriu os olhos para a luz dourada e sentiu o aroma pungente da sálvia. Sentiu-se tomada por uma doçura ao despertar, um prazer que a inundou aos poucos e por completo, até transbordar. Então se sentou, estendendo os braços para fora das mangas negras da túnica, e olhou em volta com incontestável deleite.

Anoitecia. O sol se pusera atrás das montanhas que avultavam a oeste, próximas e altas, mas sua luz remanescente enchia toda a terra e o céu: um vasto e claro céu de inverno, uma terra vasta, estéril e dourada, feita de montanhas e amplos vales. O vento havia diminuído. Fazia frio e o silêncio era absoluto. Nada se movia. As folhas dos arbustos de sálvia próximos estavam secas e cinzentas, e as hastes de pequenas ervas ressecadas do deserto lhe espetavam a mão. O imenso e silencioso esplendor de luz ardia em cada graveto, cada folha e talo ressequidos, nas montanhas, no ar.

Tenar olhou para a esquerda e viu o homem deitado no chão desértico, embrulhado em sua capa, com um braço sob a cabeça, dormindo profundamente. No sono, seu rosto era severo, quase carrancudo, mas a mão esquerda pendia relaxada no chão, ao lado de um cardo pequenino, que ainda exibia sua capa

esfarrapada de lanugem cinza e sua minúscula defesa, feita de espetos e espinhos. O homem e o pequeno cardo do deserto; o cardo e o homem adormecido...

Ele era alguém cujo poder se assemelhava ao dos Antigos Poderes da Terra e tinha a mesma força deles; alguém que conversava com dragões e retardava terremotos com sua palavra. E ali estava, dormindo no chão, com um cardo miúdo crescendo junto da mão. Era muito estranho. Viver, estar no mundo era muito maior e mais estranho do que ela jamais sonhara. O glorioso esplendor do céu tocava o cabelo empoeirado de Ged e, por um breve tempo, tornou dourado o cardo.

A luz foi esmaecendo lentamente e o frio pareceu se intensificar minuto a minuto. Tenar se levantou e começou a recolher talos e folhas secos de sálvia, catando gravetos caídos e quebrando os ramos duros, que cresciam tão nodosos e maciços, na escala dessa planta, quanto galhos de carvalho. Eles haviam parado ali mais ou menos ao meio-dia, quando fazia calor e os dois já não conseguiam ir adiante, de tão cansados. Um par de juníperos mirrados, assim como a encosta oeste da montanha que eles tinham acabado de descer, haviam oferecido abrigo suficiente para beberem um pouquinho de água do cantil, deitarem-se e dormirem.

Via-se uma abundância de galhos maiores sob as arvorezinhas, e ela os recolheu. Cavando um buraco num canto de pedras encravadas na terra, preparou uma fogueira e a acendeu com sua pederneira. A acendalha de folhas e gravetos de sálvia pegou num instante. Os ramos secos desabrocharam em chamas rosadas, perfumadas de resina. Já então tudo parecia muito escuro ao redor da fogueira e as estrelas recomeçavam a surgir no céu deslumbrante.

O estalar e crepitar das chamas acordou o homem adormecido. Ele se sentou, esfregando o rosto sujo e, por fim, levantou-se, enrijecido, aproximando-se do fogo.

– Fico pensando... – começou, sonolento.

– Eu sei, mas não conseguiremos sobreviver à noite aqui sem uma fogueira. Faz frio demais. – Após um minuto, ela acrescentou: – A não ser que você tenha alguma mágica que nos mantenha aquecidos ou que esconda a fogueira...

Ged sentou-se junto ao fogo, com os pés quase dentro dele e os braços envolvendo os joelhos.

– Brr... Fogueira é muito melhor do que magia. Pus uma pequena ilusão em volta de nós aqui; se vier alguém, talvez lhe pareçamos paus e pedras. O que você acha? Eles nos seguirão?

– Temia que sim, mas no fundo acho que não vão. Ninguém além de Kossil sabia que estávamos lá. Kossil e Manan. E eles morreram. Com certeza ela estava no Salão do Trono, esperando junto ao alçapão quando tudo desabou. E os outros devem achar que eu estava no Salão ou nas Tumbas e fui esmagada no terremoto. – Tenar também abraçou os joelhos e estremeceu. – Espero que os outros prédios não tenham caído. Foi difícil enxergar, lá da colina; havia muita poeira. Com certeza nem todos os templos e casas ruíram, o Casarão onde dormem as meninas.

– Acho que não. Foram as Tumbas que se devoraram. Vi um telhado dourado de um templo quando nos afastamos, ainda estava de pé. E havia figuras mais abaixo na colina, pessoas correndo.

– O que eles vão dizer, o que vão pensar?... Pobrezinha da Penthe! Agora talvez tenha se tornado a Suma Sacerdotisa do Rei-Deus. E ela sempre quis fugir. Não eu. Talvez agora ela fuja.

Tenar sorriu. Havia nela uma alegria que nenhum pensamento ou horror era capaz de embotar, a mesma alegria segura que tinha surgido nela ao despertar sob a luz dourada. Abriu a sacola e tirou dois pequenos pães chatos. Entregou um a Ged, por cima da fogueira, e mordeu o outro. O pão estava duro e amargo, ótimo para comer.

Os dois passaram algum tempo mastigando juntos, em silêncio.

– A que distância estamos do mar?

– Levei duas noites e dois dias para vir. Levaremos outros tantos até lá.

– Eu sou forte.

– É, sim. E valente. Mas seu companheiro está cansado – respondeu Ged, com um sorriso. – E não é como se tivéssemos excesso de pão.

– Será que vamos encontrar água?

– Amanhã, nas montanhas.

– Você pode arranjar comida para nós? – indagou Tenar, tímida.

– Caçar requer tempo e armas.

– Eu digo, você sabe, com encantamentos.

– Posso chamar um coelho – respondeu Ged, atijando o fogo com um galho

torto de junípero. – Os coelhos estão saindo das tocas agora, ao redor de nós. O anoitecer é a hora deles. Eu poderia chamar um deles pelo nome e ele viria. Mas será que você ia capturar, esfolar e cozinhar um coelho que houvesse chamado dessa maneira? Talvez, se estivesse morrendo de fome. Mas acho que seria uma quebra de confiança.

– Sim. Achei que você pudesse apenas...

– Fazer surgir um jantar – completou Ged. – Ah, eu poderia. Em pratos de ouro, se quiser. Mas seria só uma ilusão e, quando a pessoa come ilusões, acaba com mais fome do que antes. É tão nutritivo quanto comer as próprias palavras.

Ela viu os dentes brancos de Ged brilharem por um momento à luz do fogo.

– Sua mágica é peculiar – comentou, com um arzinho de quem assume a dignidade entre iguais, uma sacerdotisa dirigindo-se a um mago. – Parece ser útil apenas para grandes questões.

Ged pôs mais lenha na fogueira, que explodiu em fagulhas e estalidos como fogos de artifício, perfumados de junípero.

– Você pode mesmo chamar um coelho? – perguntou Tenar, de repente.

– Quer que eu chame?

Ela fez que sim.

Ged desviou o rosto da fogueira e disse baixinho, dirigindo-se à imensa escuridão estrelada:

– *Kebbo... O kebbbo...*

Silêncio. Nenhum som. Nenhum movimento. Só um pouco depois, bem no limite da luz oscilante da fogueira, surgiu um olho redondo como uma pedrinha de azeviche, muito perto do chão. Uma curva dorsal felpuda, uma orelha comprida, alerta, erguida.

Ged tornou a falar. A orelha virou, ganhou uma súbita orelha parceira, saída da sombra, e então, quando o bichinho deu meia-volta, Tenar o viu inteiro por um instante, voltando despreocupado, com seu pulinho leve e ágil, a cuidar de seus assuntos na noite.

– Ah! – fez ela, soltando a respiração. – Que gracinha! – Um pouco depois, perguntou: – Eu poderia fazer isso?

– Bem...

– É segredo – compreendeu ela prontamente, de novo com ar digno.

– O *nome* do coelho é segredo. Pelo menos não se deve usá-lo com

leviandade, sem nenhuma razão. O que não é segredo, mas um dom, ou um mistério, sabe, é o poder de chamar.

– Ah, esse você tem. Eu sei!

Havia em sua voz uma paixão que a falsa zombaria não pôde ocultar. Ged a encarou e não respondeu.

Ainda estava mesmo cansado de sua luta contra os Inominados; gastara suas forças naqueles túneis trêmulos. Apesar de ter vencido, pouca disposição lhe restava para exultar. Ele não tardou a se enroscar de novo, o mais perto possível da fogueira, e dormiu.

Tenar ficou sentada, alimentando a fogueira e contemplando o fulgor das constelações hibernais, de um horizonte ao outro, até sua cabeça entontecer de esplendor e silêncio, e ela cochilou.

Os dois acordaram. O fogo havia se apagado. As estrelas que ela observara estavam agora muito além das montanhas e outras tinham surgido no leste. Foi o frio que os despertou, o frio seco da noite no deserto, o vento cortante como uma faca de gelo. Um véu de nuvens vinha do sudoeste, começando a encobrir o céu.

A lenha recolhida se consumira quase toda.

– Vamos andando – disse Ged –, pois não demora a amanhecer.

Seus dentes batiam, de modo que Tenar mal conseguiu entendê-lo. Os dois partiram, subindo a encosta suave e longa na direção oeste. Os arbustos e pedras pareciam negros à luz das estrelas e era tão fácil caminhar quanto durante o dia. Após um período inicial de frio, a caminhada os aqueceu. Eles pararam de se agachar e tremer e começaram a avançar com mais facilidade. Assim, ao nascer do sol, estavam na primeira elevação da cordilheira ocidental, que havia murado a vida de Tenar até então.

Pararam num arvoredor cujas folhas, douradas e trêmulas, ainda se prendiam aos galhos. Ged lhe contou que eram álamos; Tenar não conhecia nenhuma árvore além dos juníperos, dos choupos mirrados à beira das nascentes e das quarenta macieiras do pomar do Lugar. Um passarinho em meio aos álamos fez “ti-ti-ti-ti-ti” com sua vozinha miúda. Sob as árvores corria um rio estreito, mas potente, cantando com vigor sobre suas pedras e quedas, apressado demais para congelar. Tenar chegou quase a temê-lo. Estava acostumada com o deserto, onde as coisas eram silenciosas e se moviam devagar: rios preguiçosos, sombras de nuvens, abutres voando em círculos.

Os dois dividiram um pedaço de pão e um último restinho de queijo como desjejum, descansaram um pouco e foram adiante.

Ao anoitecer, tinham subido muito. O tempo estava nublado, com um vento enregelante. Acamparam no vale de outro rio, onde havia madeira em abundância, e dessa vez montaram uma fogueira robusta, com toras de lenha, junto à qual poderiam se manter bem aquecidos.

Tenar estava feliz. Havia achado a reserva de nozes de um esquilo, exposta pela queda de uma árvore oca: quase 1 quilo de nozes excelentes, de um tipo de casca fina que Ged chamava de *ubir*, não sabendo o nome em karg. Ela as quebrou entre uma pedra chata e uma para bater e dividiu-as com Ged.

– Queria que pudéssemos ficar aqui – comentou, contemplando o vale ventoso e iluminado pelo crepúsculo entre as montanhas. – Gostei daqui.

– É um bom lugar – concordou ele.

– As pessoas nunca viriam aqui.

– Não muito... Nasci nas montanhas, na montanha de Gont. Vamos passar por ela, ao navegar para Havnor, se pegarmos o caminho pelo norte. É bonita de se ver no inverno, elevando-se do mar toda coberta de branco, como uma onda imensa. Minha aldeia ficava ao lado de um rio igualzinho a este. Onde você nasceu, Tenar?

– No norte de Atuan, em Entat, acho. Não me lembro.

– Eles a levaram assim tão pequena?

– Eu tinha 5 anos. Lembro-me do fogo numa lareira e... mais nada.

Ged coçou o queixo, que havia adquirido uma barba escassa, mas estava limpo. Apesar do frio, os dois tinham se banhado nos rios das montanhas. Ele assumiu um ar pensativo e severo. Tenar o observou e jamais seria capaz de dizer o que guardava no coração ao observá-lo, à luz da fogueira, no crepúsculo da montanha.

– O que você vai fazer em Havnor? – perguntou ele, dirigindo a pergunta ao fogo, não a Tenar. – Você está, mais do que eu me dera conta, realmente renascida.

Ela assentiu com um leve sorriso. Sentia-se recém-nascida.

– Você deveria pelo menos aprender a língua.

– Sua língua?

– Sim.

– Eu gostaria.

– Bem, então isto é *kabat* – explicou ele, jogando uma pedrinha no colo de Tenar, sobre a túnica preta.

– *Kabat*. Isso é na língua dos dragões?

– Não, não. Você não precisa fazer feitiços, precisa falar com outros homens e mulheres!

– Mas como é “pedrinha” na língua dos dragões?

– *Tolk*. Mas não estou fazendo de você minha aprendiz de feiticeiro. Estou lhe ensinando o idioma que as pessoas falam no Arquipélago, nas Regiões Interiores. Tive que aprender sua língua antes de vir para cá, como já disse.

– Você fala de um jeito esquisito.

– Sem dúvida. Agora, *arkemmi kabat* – continuou, e estendeu a mão para que ela lhe desse a pedrinha.

– Tenho que ir a Havnor? – perguntou a garota.

– Aonde mais você iria, Tenar?

Ela hesitou.

– Havnor é uma cidade bonita – disse Ged. – E você está levando para lá o anel, o símbolo da paz, o tesouro perdido. Vão acolhê-la em Havnor como a uma princesa. Vão honrá-la pelo grande presente que você está levando, lhe darão boas-vindas e a farão sentir-se bem recebida. O povo da cidade é nobre e generoso. Vão chamá-la de Dama Branca, por causa da sua tez alva, e a estimarão ainda mais por ser tão jovem. E por ser linda. Você terá uma centena de vestidos como o que lhe mostrei com o truque ilusionista, só que serão de verdade. Receberá elogios, gratidão e amor. Você não conheceu nada além de solidão, inveja e escuridão.

– Havia Manan – replicou ela, na defensiva, com os lábios meio trêmulos. – Ele gostava de mim e sempre foi bom comigo. Ele me protegia, tão bem quanto sabia, e eu o matei por isso; ele caiu no poço negro. Não quero ir para Havnor. Não quero ir para lá. Quero ficar aqui.

– Aqui em Atuan?

– Nas montanhas. Onde estamos agora.

– Tenar – disse ele, com sua voz grave e serena –, ficaremos aqui, então. Não tenho minha faca e, se nevar, será difícil. Mas, desde que possamos encontrar o que comer...

– Não. Eu sei que não podemos ficar. Só estou sendo boba – interrompeu ela, levantando-se e espalhando cascas de nozes para pôr lenha nova no fogo.

Postou-se ali, magra e muito ereta, com sua túnica rasgada e suja de terra e com sua capa preta.

– Nada do que eu sei tem serventia agora e não aprendi nenhuma outra coisa. Vou tentar aprender.

Ged desviou o olhar, contraindo-se como quem sentisse dor.

No dia seguinte eles cruzaram o pico da cordilheira castanho-dourada. No desfiladeiro soprava um vento forte, daqueles que carregam neve, ferroam a pele e tiram a visão. Só depois de descerem um longo trecho do lado oposto, saindo de sob as nuvens de neve dos picos, foi que Tenar viu as terras para além da muralha das montanhas. Era tudo um esfuziante verdor de pinheiros, pradarias, campos semeados e terras alqueivadas. Mesmo no rigor do inverno, quando os bosques se despiam e as florestas se enchiam de galhos cinzentos, era uma terra verdejante, humilde e amena. Eles a contemplaram de um ponto rochoso e elevado na encosta. Em silêncio, Ged apontou para o oeste, onde o sol ia descendo atrás de um creme denso e turvo de nuvens. O sol, na verdade, estava escondido, mas havia no horizonte uma fulguração quase igual ao esplendor das paredes de cristal da Tumba Inferior, uma espécie de tremeluzir alegre, irradiando-se da borda do mundo.

– O que é aquilo? – perguntou Tenar.

– O mar.

Pouco depois, ela viu algo menos maravilhoso que aquilo, mas ainda assim suficientemente maravilhoso. Os dois chegaram a uma estrada e a seguiram, chegando a um vilarejo ao anoitecer: dez ou doze casas enfileiradas. Tenar olhou assustada para seu companheiro ao se dar conta de que eles iam circular entre homens. Olhou e não o viu. Ao seu lado, com a roupa de Ged e o andar dele, além de seus sapatos, caminhava outro homem. Tinha a pele branca e não usava barba. Olhou-a de relance com seus olhos azuis. Deu uma piscadela.

– Será que vou enganá-los? Que tal a sua roupa?

Ela baixou os olhos para o próprio corpo. Usava a saia e o casaco marrons de uma mulher do campo, com um grande xale de lã vermelha.

– Oh! – exclamou, estacando. – Ah, você é... você é o Ged!

Ao dizer o nome dele, Tenar o viu com perfeita clareza, o rosto negro e marcado que ela conhecia, os olhos escuros. No entanto, ali estava o estranho de rosto leitoso.

– Não diga meu nome verdadeiro diante de terceiros. Também não direi o seu. Somos irmãos, vindo de Tenacbah. E acho que vou pedir um pouco do jantar de alguém se vir um rosto bondoso.

Ged pegou a mão dela e os dois entraram no vilarejo.

Partiram na manhã seguinte, de estômago cheio, depois de uma agradável noite de sono num palheiro.

– É comum os magos pedirem esmolas? – indagou Tenar, na estrada que passava entre campinas verdejantes em que pastavam cabras e pequenas vacas malhadas.

– Por que pergunta?

– Você pareceu acostumado a mendigar. Na verdade, mostrou-se bom nisso.

– Bem... sim. Mendiguei durante minha vida inteira, se você quiser ver as coisas desse jeito. Os magos não têm muitas posses, sabe. Na verdade, não possuem nada além de seu cajado e sua roupa quando vagueiam por aí. São acolhidos e recebem alimento e abrigo da maioria das pessoas, felizmente. E retribuem com alguma coisa.

– Retribuem com quê?

– Bem, aquela mulher do vilarejo. Curei as cabras dela.

– O que havia de errado com as cabras?

– As duas estavam com uma infecção nas tetas. Pastoreei cabras quando era garoto.

– Você disse a ela que as tinha curado?

– Não. Como poderia? E por que deveria dizer?

Depois de uma pausa, ela respondeu:

– Vejo que a sua magia não é boa só para coisas grandes.

– A hospitalidade, a bondade com um estranho é uma coisa enorme. Os agradecimentos bastam, é claro. Mas fiquei com pena das cabras.

À tarde, chegaram a uma cidade grande. Tinha construções de tijolos de argila e o perímetro murado, à moda de Kargad, com ameias no alto, torres de vigia nos quatro cantos e um único portão, sob o qual alguns pastores conduziam um grande rebanho de ovelhas. Os tetos de telhas vermelhas, em cem casas ou

mais, despontavam acima das paredes de tijolos amarelados. No portão se postavam dois guardas usando os capacetes de plumas vermelhas do serviço do Rei-Deus. Tenar vira homens com capacetes daquele tipo, mais ou menos uma vez por ano, chegando ao Lugar como escolta de oferendas de escravos ou dinheiro para o templo do Rei-Deus. Quando disse isso a Ged, ao passarem por fora da muralha, ele comentou:

– Também os vi quando era garoto. Chegaram para atacar Gont. Entraram na minha aldeia para saqueá-la. Mas foram repelidos. E houve uma batalha em Armouth, na praia; muitos homens foram mortos, centenas, ao que dizem. Bem, agora que o anel foi restaurado e que a Runa Perdida foi refeita, talvez já não haja mais esses ataques e matanças entre o Império de Kargad e as Regiões Interiores.

– Seria uma tolice essas coisas continuarem a acontecer – disse Tenar. – O que faria o Rei-Deus com tantos escravos?

Seu companheiro pareceu ponderar um pouco.

– Você diz, se as terras dos kargs derrotassem o Arquipélago?

Ela assentiu.

– Não acho provável que isso aconteça – comentou Ged.

– Mas veja como o Império é forte: aquela cidade enorme, com muralhas e todos os homens do rei. Como poderia a sua terra se erguer contra eles, se fosse atacada?

– Aquela cidade não é muito grande – replicou Ged, em tom cauteloso e gentil. – Eu também a consideraria impressionante na época em que era recém-chegado da minha montanha. Mas há muitas, muitas cidades em Terramar. Comparada a elas, aquela é apenas uma cidadezinha. Existem muitas, muitas terras. Você as verá, Tenar.

Ela não disse nada. Foi caminhando pela estrada, com expressão decidida.

– É maravilhoso vê-las, as novas terras se erguendo do mar, quando o barco se aproxima. As terras agrícolas e as florestas, as cidades com seus portos e palácios, os mercados onde se vende de tudo que há no mundo.

Tenar aquiesceu. Sabia que ele estava tentando animá-la, mas ela deixara a alegria lá nas montanhas, no vale do rio à luz do crepúsculo. Agora palpitava nela um pavor que crescia cada vez mais. Tudo que havia pela frente lhe era desconhecido. Não conhecia nada a não ser o deserto e as Tumbas. De que

adiantava? Conhecia os meandros de um labirinto destruído, sabia as danças executadas perante um altar desmoronado. Nada sabia sobre florestas ou cidades ou o coração dos homens.

De repente, perguntou:

– Você vai ficar lá comigo?

Não olhou para Ged. Ele usava seu disfarce ilusório, como um agricultor karg de tez branca, e ela não gostava de vê-lo assim. Mas sua voz continuava inalterada, a mesma que havia falado na escuridão do Labirinto.

Ele demorou a responder.

– Tenar, vou para onde sou mandado. Sigo minha vocação. Ela ainda não me deixou permanecer em nenhum lugar por muito tempo. Você compreende? Faço o que devo fazer. Aos lugares a que vou, devo ir sozinho. Enquanto você precisar de mim, estarei ao seu lado em Havnor. E, se um dia você precisar novamente de mim, é só me chamar. Eu virei. Levantaria da minha sepultura se você me chamasse, Tenar! Mas não posso ficar com você.

Ela permaneceu calada. Após algum tempo, Ged continuou:

– Lá você não precisará de mim por muito tempo. Será feliz.

Ela fez que sim.

Seguiram caminhando lado a lado em direção ao mar.

Capítulo 12

v i a g e m

Ele havia escondido seu barco numa caverna, ao lado de um grande pontal rochoso. Era chamado de cabo das Nuvens pelos aldeões, um dos quais lhes deu uma terrina de guisado de peixe para o jantar. Eles desceram pelos rochedos até a praia sob a última luz do dia cinzento. A caverna era uma fenda estreita que recuava por uns 9 metros para o interior da rocha; seu solo arenoso era úmido, porque ficava logo acima da marca da maré alta. Sua abertura era visível do mar e Ged disse que eles não deveriam acender uma fogueira, para não despertar a curiosidade dos pescadores noturnos, em suas pequenas embarcações ao longo da costa.

Assim, os dois amargaram se deitar na areia, que era muito macia entre os dedos, mas dura feito pedra para o corpo fatigado. Tenar ficou ouvindo o mar, poucos metros abaixo da entrada da caverna, quebrando e sugando e ribombando nas pedras, e escutou o trovejar dele pela praia, numa extensão de quilômetros em direção ao leste. Vez após outra e mais outra, o mar produzia os mesmos sons, porém nunca exatamente iguais. Nunca descansava. Em todas as praias de todas as terras do mundo inteiro, subia naquelas ondas ininterruptas e nunca parava, nunca ficava imóvel. O deserto, as montanhas, estes se imobilizavam. Não bramiam eternamente, com voz grandiosa e repetitiva. O mar falava para sempre, mas sua linguagem era estranha para Tenar. Ela não a compreendia.

À primeira luz cinzenta, quando a maré estava baixa, ela se levantou de seu sono inquieto e viu o mago saindo da caverna. Observou-o caminhar à procura de algo, descalço e com a capa presa pelo cinto, nas pedras mais abaixo, cobertas por uma penugem preta. Ele voltou, escurecendo a caverna ao entrar.

– Tome – disse, estendendo um punhado de coisas medonhas e molhadas, cujo aspecto era de pedras roxas com a boca laranja.

– O que é isso?

– Mexilhões, tirados das pedras. E estas duas são ostras, melhores ainda. Olhe, é assim.

Com o pequeno punhal do chaveiro de Tenar, que ela lhe havia emprestado nas montanhas, Ged abriu uma concha e comeu o mexilhão laranja, com molho de água do mar.

– Você nem o cozinha? Você o comeu vivo!

Tenar se recusou a olhar para o mago enquanto continuava a abrir e comer os mariscos, com expressão envergonhada, mas sem se deixar dissuadir.

Quando acabou, tornou a entrar na caverna e foi até o barco, guardado com a proa voltada para a frente e erguido acima da areia sobre vários troncos compridos de madeira trazida pelas marés. Tenar dera uma olhada nele na noite anterior, desconfiada e sem compreender. Era muito maior do que ela havia suposto que fossem os barcos, tendo de comprimento três vezes a altura dela. Estava cheio de objetos cujo uso ela não conhecia, e parecia perigoso. Dos dois lados do nariz (que era o nome que ela dava à proa) havia um olho pintado. Em sua semissonolência, ela tivera constantemente a impressão de que o barco a fitava.

Ged fez uma busca rápida no interior e voltou com um pacote de pão duro, bem embrulhado para se conservar seco. Ofereceu a Tenar um pedaço grande.

– Não estou com fome.

Ele fitou seu rosto macambúzio.

Pôs de lado o pão, depois de embrulhá-lo como antes, e se sentou na entrada da caverna.

– Faltam umas duas horas para a maré encher. Então poderemos zarpar. Você passou uma noite inquieta, por que não dorme um pouco agora?

– Não estou com sono.

Ged não deu resposta. Ficou sentado ali, o perfil virado para ela, com as

pernas cruzadas no arco escuro de pedra. A ondulação brilhante e o movimento do mar ficavam mais além, tal como vistos por Tenar de uma parte mais ao fundo da caverna. O feiticeiro não se mexeu. Manteve-se imóvel como as próprias pedras. A quietude se alastrou dele como os círculos concêntricos de uma pedra jogada na água. Seu silêncio se tornou não uma ausência da fala, mas uma coisa em si, como o silêncio do deserto.

Passado um longo tempo, Tenar se levantou e foi até a boca da caverna. Ged não se mexeu. Ela olhou para seu rosto. Era como se tivesse sido moldado em cobre: rígido, com os olhos escuros abertos, porém baixos, e a boca serena.

Estava tão além dela quanto o mar.

Onde estaria agora, em que caminho do espírito andaria? Tenar jamais conseguiria segui-lo.

Ged a fizera segui-lo. Chamara-a pelo nome e ela fora humildemente para sua mão, tal como o coelhinho selvagem do deserto se aproximara dele, saindo do escuro. E, agora que ele tinha o Anel, agora que as Tumbas estavam em ruínas e sua sacerdotisa fora renegada para sempre, agora Ged não precisava dela e se ausentava, indo para onde ela não podia acompanhá-lo. Não queria ficar com Tenar. Ele a havia tapeado e a deixaria desolada.

Ela estendeu a mão e, com um gesto rápido, tirou do cinto dele o punhalzinho de aço que lhe dera. Ele não se moveu mais que uma estátua roubada.

A lâmina tinha apenas 10 centímetros de comprimento; afiada de um lado, era a miniatura de uma faca sacrificial. A arma fazia parte da indumentária da Sacerdotisa das Tumbas, que deveria usá-la junto com o anel de chaves, um cinto de crina de cavalo e outros itens, alguns dos quais não tinham nenhum propósito conhecido. Tenar nunca utilizara o punhal para nada, a não ser numa das danças executadas na fase escura da lua, quando o jogava e o pegava diante do Trono. Havia gostado dessa dança, que era selvagem, sem outra música senão o bater dos próprios pés. Tenar cortara os dedos várias vezes ao executá-la, até pegar o jeito de segurar sempre o cabo do punhal. A pequena lâmina era suficientemente afiada para cortar um dedo até o osso ou para seccionar as artérias de uma garganta. Tenar ainda prestaria um serviço a seus Senhores, muito embora a houvessem traído e abandonado. Eles a guiariam e dirigiriam sua mão no último ato tenebroso. Aceitariam o sacrifício.

Ela se virou para o homem, segurando o punhal na mão direita, atrás dos quadris. Enquanto fazia esse gesto, Ged ergueu lentamente o rosto e a fitou. Tinha a expressão de alguém que houvesse regressado de uma longa ausência, que tivesse visto coisas terríveis. Seu rosto estava calmo, porém carregado de dor. Quando olhou para ela, parecendo que a via com clareza cada vez maior, sua expressão se desanuviou. Por fim, disse “Tenar”, como se a cumprimentasse, e estendeu a mão para tocar na tira de prata entalhada e perfurada que ela levava no pulso. Fez isso como quem se tranquilizasse, confiante. Não prestou atenção no punhal na mão dela. Olhou para o outro lado, para as ondas, que se avolumavam das profundezas e rolavam sobre as pedras mais abaixo, e disse com esforço:

– Está na hora... É hora de partirmos.

Ao som da voz de Ged, a fúria deixou Tenar. Ela sentiu medo.

– Você vai deixá-los para trás, Tenar. Seguirá livre, agora – afirmou ele, levantando-se com súbito vigor. Espreguiçou-se e tornou a apertar o cinto da capa. – Venha me dar uma mãozinha no barco. Ele está apoiado em toras para poder deslizar. Isso, empurre... de novo. Pronto, pronto, chega. Agora fique pronta para pular dentro quando eu disser “pule”. Aqui é um lugar complicado para se lançar o barco... Mais uma vez. Pronto! Sua vez de entrar!

Pulando para dentro atrás dela, Ged segurou-a quando ela se desequilibrou e, depois de sentá-la no fundo do barco, firmou as pernas bem afastadas, pegou nos remos e impulsionou o barco para fora, numa onda da maré que cobriu as pedras. Passou pela extremidade do pontal, encharcada de espuma, e se fez ao mar.

Já bem longe das águas rasas, guardou os remos no barco e fixou o mastro na carlinga. A embarcação parecia muito pequena agora que ela estava dentro, com o mar do lado de fora.

Ged içou a vela. Todo o equipamento aparentava ter sido usado intensamente durante um período prolongado, embora a vela vermelha, desbotada, exibisse remendos feitos com extremo cuidado e o barco fosse o mais limpo e bem arrumado possível. Equipamento e vela eram como seu dono: tinham ido longe e não haviam sido tratados com gentileza.

– Agora – disse ele –, agora estamos longe, agora estamos livres, estamos inteiramente livres, Tenar. Está sentindo?

Ela sentiu, sim. Uma tenebrosa mão havia afrouxado o aperto com que controlara seu coração durante a vida inteira. Mas Tenar não sentiu alegria como a experimentada nas montanhas. Baixou a cabeça sobre os braços e chorou, e suas faces se umedeceram, salgadas. Chorou o desperdício de seus anos de servidão, dedicada a um mal inútil. Chorou de dor porque estava livre.

O que havia começado a aprender era o peso da liberdade. A liberdade é um fardo pesado e uma carga enorme e estranha para o espírito carregar. Não é fácil. Não é um presente dado, mas uma escolha que se faz, e a escolha pode ser difícil. A estrada sobe em direção à luz, mas o viajante sobrecarregado pode nunca chegar a seu fim.

Ged a deixou chorar e não proferiu nenhuma palavra de consolo. Tampouco falou quando, cessadas as lágrimas, ela ficou olhando para trás, para as terras baixas e azuladas de Atuan. Manteve o rosto severo e atento, como se estivesse sozinho. Cuidou da vela e do leme, rápido e silencioso, sempre olhando para a frente.

À tarde, apontou para a direita do sol, a direção para a qual estavam navegando.

– Aquela é Karego-At.

Acompanhando seu gesto, Tenar viu o vulto distante de montanhas que pareciam nuvens, a enorme ilha do Rei-Deus. Atuan ficara para trás, fora do campo visual. O coração de Tenar estava muito pesado. O sol batia em seus olhos como um martelo de ouro.

Como jantar, os dois comeram pão duro, peixe seco defumado, que tinha um gosto horrível para Tenar, e água do barril do barco, que Ged havia enchido num rio da praia do cabo das Nuvens, na tarde anterior. A noite invernal caiu rápida e fria sobre o mar. Ao longe, na direção norte, viram por algum tempo o cintilar de luzes miúdas, luzes amarelas de fogueiras nas aldeias distantes do litoral de Karego-At. Elas desapareceram numa bruma que se ergueu do oceano e os dois ficaram sozinhos na noite sem estrelas, sobre águas profundas.

Tenar se enroscou na popa e Ged se deitou na proa, com o barril de água por travesseiro. O barco avançava em ritmo regular, as ondas baixas lambendo de leve os costados, embora o vento não passasse de um vago sopro vindo do sul. Ali, longe das praias rochosas, também o mar se calava; só cochichava um pouco ao tocar no barco.

– Se o vento vem do sul – perguntou Tenar, num murmúrio, porque o mar murmurava –, o barco não navega para o norte?

– Sim, a menos que viremos de bordo. Mas eu pus o vento mágico na vela, na direção oeste. Amanhã de manhã estaremos fora das águas de Kargad. Depois disso, deixarei o barco ser levado pelo vento do mundo. E seguiremos assim.

– Ele navega sozinho?

– Sim – respondeu Ged, com gravidade –, se receber as instruções apropriadas. Ele não precisa de muitas. Esteve no mar Aberto, para lá da ilha mais distante do Domínio do Leste. Esteve em Selidor, onde morreu Erreth-Akbe, no extremo Oeste. É um barco sábio e engenhoso, o meu *Velonge*. Pode confiar nele.

Na embarcação movida pela magia sobre as águas profundas, a garota se deitou, os olhos erguidos para a escuridão. Durante a vida inteira fitara as trevas, mas aquela era uma escuridão mais vasta, a noite do oceano. Não tinha fim. Não havia teto. Prolongava-se para além das estrelas. Nenhum poder terreno a movia. A escuridão existira antes da luz e existiria depois. Existira antes da vida e existiria depois. Ia além do mal.

No escuro, Tenar perguntou:

– A ilhota em que lhe deram o talismã fica neste mar?

– Sim – respondeu a voz dele, no escuro. – Em algum lugar. Ao sul, talvez. Nunca mais consegui achá-la.

– Sei quem ela era, a senhora idosa que lhe deu o anel.

– Sabe?

– Contaram-me a história. Ela faz parte dos conhecimentos da Primeira Sacerdotisa. Primeiro me foi contada por Thar, na presença de Kossil, e depois, de maneira mais completa, quando Thar e eu estávamos sozinhas. Foi a última vez que ela falou comigo, antes de morrer. Havia uma casa real em Hupun que lutou contra a ascensão dos sumos sacerdotes em Awabath. O fundador dessa linhagem foi o rei Thoreg, e entre os tesouros que ele legou a seus descendentes estava o meio anel, que lhe fora dado por Erreth-Akbe. Isso é narrado, de fato, nos *Feitos de Erreth-Akbe*. O texto diz... na sua língua, ele diz: “Quando o anel se partiu, metade permaneceu na mão do sumo sacerdote Intathin, e a outra metade na mão do herói. E o sumo sacerdote mandou a metade partida para os Inominados, para os Anciãos da Terra em Atuan, e ela foi levada para as trevas,

para os lugares perdidos. Mas Erreth-Akbe deixou sua metade partida nas mãos da donzela Tiarath, filha do sábio rei, falando: ‘Que ele permaneça na luz, no dote da donzela, que permaneça nesta terra até ser ressoldado.’” Foi o que disse o herói, antes de navegar para o oeste.

Tenar fez uma pausa e prosseguiu:

– Então ele deve ter passado de filha para filha, ao longo de todos esses anos. Não estava perdido, como pensou seu povo. Mas, enquanto os Sumos Sacerdotes se transformavam nos Reis-Sacerdotes, que, depois, criavam o Império e começavam a se denominar Reis-Deuses, durante todo esse tempo, a casa real de Thoreg foi ficando mais pobre e mais fraca. E por fim, pelo que Thar me contou, restaram apenas dois descendentes da linhagem de Thoreg, duas crianças pequenas, um menino e uma menina. O Rei-Deus de Awabath, na época, era o pai do que hoje governa. Mandou sequestrar as crianças do palácio de Hupun. Havia uma profecia de que um dos descendentes de Thoreg de Hupun acarretaria a queda do Império, e isso o amedrontou. Ele mandou levá-las para uma ilha deserta, em algum ponto no meio do mar, e lá deixá-las sem nada além da roupa do corpo e um pouco de comida. O rei teve medo de matá-las à faca, por estrangulamento ou envenenamento. Elas eram de sangue nobre e o assassinato de reis acarreta uma maldição até sobre os deuses. As crianças se chamavam Ensar e Anthil. Foi Anthil quem lhe deu o anel quebrado.

Ged passou um longo tempo em silêncio até finalmente dizer:

– Então a história se completa no momento em que o anel fica inteiro. Mas é uma história cruel, Tenar. As criancinhas, aquela ilha, o velho e a senhora que vi... Eles mal conheciam a fala humana.

– Eu gostaria de lhe pedir uma coisa.

– Peça.

– Não quero ir para as Regiões Interiores, para Havnor. Lá não é meu lugar, nessas cidades grandes, em meio a homens estrangeiros. Não faço parte de terra alguma. Traí meu próprio povo. Não tenho povo. E cometi uma maldade enorme. Deixe-me sozinha numa ilha, como deixaram os filhos do rei, numa ilha solitária em que não haja pessoas, em que não haja ninguém. Deixe-me lá e leve o anel para Havnor. Ele é seu, não meu. Não tem nada a ver comigo. Seu povo também não. Deixe-me ficar sozinha!

Aos poucos, lentamente, mas assustando-a, despontou uma luz como um

pequeno nascer da lua no negrume diante dela: a luz mágica que surgia sob o comando de Ged. Fixou-se na ponta do cajado, que o mago segurava na vertical, sentado defronte de Tenar na proa. A luz iluminou com um brilho prateado a base da vela, as amuradas, a bordagem e o rosto dele. Ged a encarou.

– Que maldade você fez, Tenar?

– Ordenei que três homens fossem trancados numa sala abaixo do Trono e deixados sem comida nem água. Eles morreram de fome e sede. Morreram e foram enterrados na Tumba Inferior. As Pedras Tumulares ruíram sobre as sepulturas deles.

– Mais alguma coisa?

– Manan.

– Essa morte está na minha alma.

– Não. Ele morreu porque tinha amor por mim e era fiel. Achou que estivesse me protegendo. Ergueu a espada acima do meu pescoço. Quando eu era pequena, ele era bondoso comigo... quando eu chorava...

Ela se interrompeu, pois as lágrimas brotaram em profusão, embora ela não quisesse mais chorar. Suas mãos se crisparam sobre as dobras pretas da túnica.

– Nunca fui boa com ele. Não vou para Havnor. Não irei com você. Encontre uma ilha a que ninguém vá e me deixe. O mal tem que ser punido. *Não sou* livre.

A luz suave, acinzentada pelas brumas do mar, lampejou entre eles.

– Escute, Tenar. Ouça o que eu digo. Você foi o veículo do mal. O mal foi vertido. Está feito. Foi sepultado em seu próprio túmulo. Você nunca foi feita para a crueldade e a escuridão; foi feita para reter a luz, tal como um lampião aceso conserva e oferece sua luz. Encontrei o lampião apagado. Não vou abandoná-la numa ilha deserta, como uma coisa que se acha e se joga fora. Vou levá-la para Havnor e dizer aos príncipes de Terramar: “Vejam! No lugar das trevas, encontrei a luz, o espírito dela. Através dela, um antigo mal foi reduzido a nada. Através dela, fui retirado da sepultura. Através dela, o que estava partido se fez inteiro, e onde havia ódio haverá paz.”

– Não vou – insistiu Tenar, em agonia. – Não posso. Não é verdade!

– E depois – prosseguiu ele, serenamente –, vou tirá-la dos príncipes e dos ricos senhores, pois é verdade que aquele não é seu lugar. Você é jovem demais e sábia demais. Vou levá-la para minha terra, para Gont, onde nasci, para meu velho mestre Ogion. Agora ele é um homem idoso, um mago extraordinário, um

homem de coração sereno. Chamam-no de “O Silencioso”. Ele mora numa casinha nos grandes penhascos de Re Albi, bem acima do mar. Cria algumas cabras e cuida de uma horta. No outono, sai perambulando sozinho pela ilha, nas florestas, nas encostas dos morros, atravessando os vales dos rios. Morei lá com ele em certa época, quando era mais jovem que você. Não fiquei por muito tempo. Não tive a sensatez de ficar. Saí em busca da maldade e, dito e feito, encontrei-a... Mas você veio fugindo do mal, buscando a liberdade; buscando um período de silêncio, até descobrir seu caminho. Lá você encontrará bondade e silêncio, Tenar. Lá o lampião arderá longe do vento por algum tempo. Está disposta a fazer isso?

A névoa marinha vagou cinzenta entre os rostos dos dois. O barco subia de leve nas longas ondas. Em volta, era noite e, sob eles, estava o mar.

– Estou – respondeu ela, com um longo suspiro.

Passado muito tempo, acrescentou:

– Ah, eu queria que fosse logo... que pudéssemos ir para lá agora...

– Não vai demorar, pequenina.

– Você irá lá algum dia?

– Quando eu puder, irei.

A luz se havia extinguido; tudo era escuridão ao redor deles.

Depois das auroras e crepúsculos, dos dias de calma e dos ventos gelados de sua viagem de inverno, eles chegaram ao mar Interior. Navegaram pelas rotas movimentadas em meio a enormes navios, subiram os estreitos de Ebnor e entraram na baía que fica encerrada no coração de Havnor e, do outro lado dela, no Grande Porto de Havnor. Viram as torres brancas e toda a cidade branca e radiante sob a neve. As coberturas das pontes e os telhados vermelhos das casas estavam cobertos de neve. Os cordames das centenas de navios no porto reluziam com o gelo ao sol invernal. A notícia da sua chegada tinha se antecipado a eles, pois a vela vermelha e remendada do *Velonge* era conhecida naqueles mares. Uma enorme multidão se reunira nos atracadouros nevados e flâmulas coloridas tremulavam acima das pessoas, ao vento luminoso e frio.

Tenar sentou-se na popa, ereta, com sua capa esfarrapada de negrume. Olhou para o bracelete no pulso, depois para o cais lotado e multicolor, e para os palácios e as torres altas. Levantou a mão direita e a luz do sol cintilou na prata do anel.

Um viva se ergueu no ar, leve e alegre, acima das águas irrequietas. Ged atracou o barco. Uma centena de mãos se estendeu para pegar a corda que ele jogou no ancoradouro. Ele pulou para o cais e se virou, oferecendo ajuda a Tenar.

– Venha! – exclamou, sorridente.

Tenar se levantou e obedeceu. Com ar grave, caminhou ao lado dele pelas ruas brancas de Havnor, segurando sua mão, como uma criança chegando em casa.

posfácio

É comum as pessoas não acreditarem em mim quando falo que, ao escrever *O feiticeiro de Terramar*, eu não tinha planos para depois. Mas é verdade. Sei que na primeira página do primeiro livro está dito que Ged será um mago famoso, com canções e epopeias compostas a seu respeito, um senhor dos dragões, arquimago de Terramar, e tudo isso parece prometer continuações. Mas só escrevi aquilo para os leitores saberem que se tratava de um mundo em que a magia era poderosa e em que havia dragões, o mundo da fantasia. É bom esclarecer esse tipo de coisa logo no começo. Também o escrevi para que os leitores (e eu) tivessem certeza de que aquele menino bem pouco promissor tinha futuro, sim.

Eu não fazia a menor ideia, naquele momento, do que eram um senhor dos dragões ou um arquimago. Os nomes soavam bem. Eu poderia descobrir o que significavam mais tarde, quando precisasse.

Naquele livro, meu trabalho era reunir o jovem Ged e sua sombra. Depois eu poderia deixá-lo, pronto para seguir sua brilhante carreira. É aí que param muitos livros sobre gente jovem, afinal. A maioria dos romances sobre histórias de amor não fala do casamento e a maioria dos romances sobre a experiência de crescer não fala dos adultos.

Assim, quando escrevi as palavras finais do livro – “... antes de ele navegar para o Covil dos Dragões ou trazer de volta o Anel de Erreth-Akbe das Tumbas de Atuan para Havnor, ou de finalmente voltar a Roke mais uma vez, como

arquimago de todas as ilhas do mundo” –, o que eu tinha em mente não era um gancho para uma continuação, mas apenas um fecho sonoro, reverberante, para uma história narrada.

No entanto...

Às vezes o autor escreve uma mensagem para si mesmo, a ser lida quando ele começar a compreendê-la.

Depois de *O feiticeiro*, escrevi um romance de ficção científica intitulado *A mão esquerda da escuridão*. Concluído este, pensei: “E agora?” Dei uma espiada na minha mente. Lá estavam Ged e seu mundo, Terramar, nítidos e vivos, prontos para continuar a ser explorados. E havia aquela frase interessante sobre trazer um anel das Tumbas de Atuan... Atuan era uma ilha de Kargad. Eu não havia pensado muito nos kargs. Um povo muito diferente do encontrado no Arquipélago. Bárbaros de tez branca, piratas, gente indigna de confiança. Mas, se você fosse um karg, seria quem? Em quem confiaria? Onde viveria? Como era Atuan?

Veio então o enorme e improvável impulso para o livro: uma viagem de carro ao sudeste do estado de Oregon, nossa primeira visita ao condado de Harney, uma terra elevada e solitária de montanhas e grandes planícies cobertas de sálvia, céus puros, longas distâncias e silêncio. Ao voltar de lá, após uma cansativa e poeirenta viagem de dois dias com nossos três filhos, eu soube que meu romance se passaria naquele deserto. No carro, quando não estávamos brincando, comecei a sonhar com minha história. Aquela terra me presenteara com ela. Eu lhe sou eternamente grata.

A razão de as pessoas não acreditarem que não planejei uma série desde o começo é que, hoje em dia, a fantasia sofre de trilogite epidêmica (ou de uma forma ainda mais grave da doença, o seriadismo incurável). Quando comecei a escrever *As Tumbas de Atuan*, eu o vi, tanto quanto me lembro, apenas como uma continuação.

E uma mudança de gênero. Ged desempenharia um papel nele, mas a pessoa com uma história a ser contada seria uma garota. Uma garota que morava longe das cidades do Arquipélago, numa terra desértica e remota. Uma garota que não poderia buscar o poder, como pudera o jovem Ged, nem se exercitar no uso dele, como fizera o feiticeiro, mas a quem o poder seria imposto. Uma garota cujo

nome não lhe fora dado por um professor bondoso, mas retirado por um carrasco de máscara.

Ao lhe ser oferecida a sabedoria, o menino Ged recusou por orgulho e voluntarismo. À menina Tenar, a quem foi dado o poder arbitrário de uma deusa, não ensinaram nada sobre levar sua vida como um ser humano.

Quando escrevi a história, em 1969, eu não conhecia nenhuma heroína de fantasias heroicas desde as apresentadas nas obras de Ariosto e Tasso, no Renascimento. Hoje em dia, elas são muitas, embora eu fique intrigada com algumas. As guerreiras das atuais epopeias de fantasia – esgrimistas implacáveis, sem nenhuma responsabilidade doméstica ou sexual, que saem galopando por aí, trucidando bandidos – me parecem menos mulheres do que meninos em corpo de mulher, com armaduras de homem.

Seja como for, quando escrevi o livro, precisei de mais imaginação do que tinha para criar um personagem feminino que pudesse aceitar um grande poder como seu direito legítimo. Na época, essa situação não me parecia plausível. Mas, como eu estava escrevendo sobre pessoas a quem, na maioria das sociedades, *não* se concedeu grande poder – as mulheres –, pareceu perfeitamente aceitável colocar minha heroína numa situação que a levasse a questionar a natureza e o valor do próprio poder.

A palavra *poder* tem dois sentidos diferentes: existe o *poder de* (força, dom, talento, arte, mestria num trabalho, autoridade do saber) e existe o *poder sobre* (governo, soberania, supremacia, poderio, domínio sobre escravos, autoridade sobre outras pessoas).

A Ged foram oferecidos os dois tipos de poder. A Tenar, apenas um.

A fantasia heroica nos chegou de um mundo arcaico. Eu ainda não havia pensado muito nesse arcaísmo. Minha história se passava na antiga hierarquia da sociedade, na estrutura piramidal de poder, provavelmente de origem militar, na qual as ordens são dadas de cima para baixo, com uma única figura no topo. É o mundo do *poder sobre* pessoas e coisas, no qual as mulheres sempre tiveram uma posição inferior.

Num mundo assim, eu podia pôr uma garota no coração da minha história, mas não podia lhe dar a liberdade masculina ou oportunidades iguais às de um homem. Ela não poderia ser heroína no sentido das histórias de heróis. Nem mesmo na fantasia? Não. Porque, para mim, fantasia não é pensamento mágico,

mas um modo de refletir, e refletir sobre a realidade. Afinal, mesmo numa democracia, na segunda década do século XXI, após quarenta anos de lutas feministas, a realidade é que vivemos numa estrutura de poder de cima para baixo, que foi moldada e ainda é dominada pelos homens. Nos idos de 1969, essa realidade parecia quase inabalável.

Por isso, dei a Tenar um *poder sobre* – soberania, até divindade –, mas se tratava de uma dádiva da qual poucos benefícios poderiam advir. Foi o lado escuro do mundo que ela se viu forçada a aprender, enquanto Ged teve que aprender sobre as trevas do próprio coração.

Em *O feiticeiro de Terramar*, há indícios de que os kargs não praticam a magia, que consideram maléfica, porém têm um contato mais estreito que o povo de Ged com os Antigos Poderes da Terra. No Arquipelago, a magia forte e ativa pertence quase inteiramente aos homens, sendo as feiticeiras não treinadas e objeto de desconfiança; os Antigos Poderes em geral são descritos como os misoginistas descrevem as mulheres: obscuros, sinistros, fracos e traiçoeiros.

Em *As Tumbas de Atuan*, os Antigos Poderes, os Inominados, aparecem como misteriosos e ameaçadores, mas inativos. Arha/Tenar é sua sacerdotisa, a maior de todas, a quem se espera que o próprio Rei-Deus obedeça. Mas qual é o reino dela? Uma prisão no deserto. Mulheres guardadas por eunucos. Antigas lápides, um templo semidilapidado, um trono vazio. Um temível labirinto subterrâneo em que se abandonam prisioneiros para que morram de fome e sede, o qual só ela pode percorrer e onde a luz nunca deve entrar. Ela governa um reino sinistro, vazio e inútil. Seu poder a aprisiona.

Não se trata da rósea tranquilização que muitos romances da época ofereciam aos adolescentes. Trata-se de uma imagem muito sombria do que uma garota pode esperar. A vida de Arha é enfadonha, inalterável, quase sem experiência de bondade, a não ser a de Manan, o eunuco. O terceiro capítulo talvez seja a passagem mais cruel e desesperançada de todos os livros sobre Terramar. Ao consentir na morte de “seus” prisioneiros, Arha tranca a porta do presídio para si mesma. Sua vida inteira será vivida numa armadilha.

Ela só é capaz de escapar quando Ged se torna seu prisioneiro. Pela primeira vez, ela exerce o *poder de* – sua liberdade de escolha. Opta por deixá-lo viver.

Dá a si mesma a oportunidade de ver que, se puder libertá-lo, poderá libertar a si mesma.

Algumas pessoas leram a história como uma confirmação da ideia de que a mulher precisa de um homem para fazer seja lá o que for (umas menearam a cabeça em aprovação, outras rosnaram e sibilaram). Com certeza Arha/Tenar satisfaria mais as idealistas feministas se fizesse tudo sozinha. Mas a verdade, tal como a vi e como a estabeleci no romance, é que ela não podia. Minha imaginação se recusou a me fornecer um cenário em que ela pudesse fazê-lo, porque meu coração me disse, de maneira incontestável, que nenhum dos dois gêneros poderia ir longe sem o outro. Assim, na minha história, nem a mulher nem o homem podem se libertar sem a ajuda um do outro. Não daquela armadilha. Os dois têm que se pedir ajuda e aprender a confiar e a contar um com o outro. É uma enorme lição, um novo saber para essas duas almas fortes, voluntariosas e solitárias.

Ao reler o livro, mais de quarenta anos depois de havê-lo escrito, fico pensando em muitos dos seus elementos. Foi o primeiro livro que escrevi com uma mulher como protagonista. Tenar e os acontecimentos da história vieram do meu mais profundo âmago, tão profundo que as imagens subterrâneas e labirínticas, assim como certa qualidade vulcânica, estão longe de nos deixar intrigados. Mas a escuridão, a crueldade, o espírito vingativo... Afinal, eu poderia simplesmente ter deixado os dois se libertarem – por que destruí todo o Lugar das Tumbas com um terremoto? Foi uma espécie de imenso suicídio, com os Inominados aniquilando seu templo num vasto espasmo de ódio. Talvez tenha sido toda a ideia primitiva e execrável do feminino como obscuro, cego, fraco e mau que vi se sacudir em pedaços, implodindo, desmoronando em escombros num solo desértico. E fiquei exultante ao vê-la ruir. Ainda fico.

Anos depois, quando pude dar continuidade à história de Tenar e recomeçar a pensar nos Antigos Poderes da Terra, na natureza da magia e na história de Terramar, Tenar e eu pudemos ver todas essas questões por um prisma diferente, sob um céu maior e mais bondoso.

Ursula K. Le Guin

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO VOLUME DO CICLO TERRAMAR

Capítulo 1

a s o r v e i r a - b r a v a

No pátio da fonte, o sol de março brilhava através de folhas jovens de freixo e olmo, e a água jorrava e caía através de luz e sombras. Ao redor daquele pátio ao ar livre havia quatro altos muros de pedra. Atrás deles existiam salas e pátios, passagens, corredores, torres e, por fim, os pesados muros externos da Grande Casa de Roke, capazes de suportar qualquer ataque em tempos de guerra, terremoto ou o próprio mar, construídos não apenas de pedra, mas de magia incontestável. Porque Roke é a ilha dos Sábios, onde a Arte da Magia é ensinada; a Grande Casa é a escola e o centro da feitiçaria; e o cerne da Casa é aquele pequeno pátio bem no interior, onde a fonte jorra e as árvores permanecem de pé faça chuva, sol ou luz das estrelas.

A árvore mais próxima à fonte, uma sorveira-brava bem crescida, se encurvara e rachara o pavimento de mármore com suas raízes. Veias de um musgo verde-claro preencheram as rachaduras, espalhando-se a partir da pequena área de grama em torno da fonte. Um garoto estava sentado ali na baixa corcova de mármore e musgo e seu olhar seguia a queda do jato principal. Era quase um homem, mas ainda um menino, esguio e ricamente vestido. Seu rosto parecia fundido em bronze dourado, de tão finamente moldado e imóvel.

Atrás dele, talvez a 5 metros, sob as árvores na outra extremidade do pequeno gramado central, um homem estava de pé, ou parecia estar. Era difícil

ter certeza em meio às variações tremeluzentes de sombras e luz cálida. Sem dúvida ele estava lá, um homem de branco, parado. Enquanto o menino observava a fonte, o homem observava o menino. Não havia som ou movimento, apenas o jogo das folhas e o jogo da água e sua canção contínua.

O homem avançou. Um vento agitou a sorveira-brava, fazendo farfalhar suas folhas recém-abertas. O garoto saltou de pé, ágil e assustado. Encarou o homem e fez uma reverência para ele.

– Meu lorde arquimago.

O homem parou à sua frente, uma figura baixa, ereta e vigorosa, em um manto encapuzado de lã branca. Seu rosto era escuro, com nariz de falcão e antigas cicatrizes na face esquerda, os olhos brilhantes e ferozes. No entanto, ele falou gentilmente, antecipando-se às desculpas do menino:

– É um lugar agradável para se sentar, o pátio da Fonte. Você viajou de muito longe e não descansou. Volte a sentar-se.

Ele se ajoelhou sobre a borda branca da fonte e estendeu a mão para o anel de gotas brilhantes que vertiam da bacia mais alta, deixando a água correr por entre os dedos. O menino tornou a se acomodar sobre os azulejos recurvados e, por longos instantes, nada disse.

– Você é o filho do príncipe de Enlad e das Enlades – começou o arquimago –, herdeiro do principado de Morred. Não há herança mais antiga em toda Terramar, e nenhuma mais bela. Eu vi os pomares de Enlad na primavera e os telhados dourados de Berila... Como você se chama?

– Eu me chamo Arren.

– Isso seria uma palavra no dialeto de sua terra. Como é em nossa língua comum?

– Espada.

O arquimago assentiu. Houve silêncio de novo e então o menino falou, não com ousadia, mas sem timidez:

– Pensei que o arquimago conhecesse todas as línguas.

O homem balançou a cabeça, observando a fonte.

– E todos os nomes... – acrescentou Arren.

– Todos os nomes? Apenas Segoy, que disse a Primeira Palavra e ergueu as ilhas das profundezas do oceano, sabia todos os nomes. Com certeza – o olhar brilhante e feroz voltou-se para o garoto –, se eu precisasse saber seu verdadeiro

nome, eu saberia. Mas não há necessidade. De Arren vou chamá-lo, e eu sou Gavião. Diga-me, como foi sua viagem até aqui?

– Muito longa.

– Os ventos sopraram mal?

– Os ventos sopraram bem, mas a notícia que trago é ruim, lorde Gavião.

– Diga-a, então – pediu o arquimago com gravidade, mas como quem cede à impaciência de uma criança.

Enquanto Arren falava, ele olhou de novo para a cortina cristalina de água que jorrava da bacia superior para a inferior, não como se não escutasse, mas como se ouvisse mais do que as palavras do menino.

– O senhor sabe, milorde, que o príncipe, meu pai, é um bruxo, da linhagem de Morred, que passou um ano aqui em Roke em sua juventude. Ele tem algum poder e também conhecimento, embora raramente use suas artes, porque fica preocupado com as decisões e ordenações de seu reino, a governança das cidades e as questões de comércio. As frotas da nossa ilha singram para o oeste, indo até mesmo para o Domínio do Oeste, negociando safiras, couro de boi e estanho. No início deste inverno, um capitão de navio retornou à nossa cidade de Berila com uma história que chegou aos ouvidos de meu pai, de modo que ele mandou chamar o homem para que pudesse ouvir da sua própria boca.

O rapaz falava rapidamente, com segurança. Fora educado por civis corteses e não tinha o constrangimento dos jovens.

– O capitão contou que na ilha de Narveduen, a cerca de 800 quilômetros a oeste de nós pelas linhas navegáveis, não havia mais magia. Feitiços não tinham poder lá e as palavras mágicas estavam esquecidas. Meu pai perguntou se todos os feiticeiros e bruxas haviam deixado aquela ilha, e ele respondeu: “Não, havia por lá alguns que tinham sido feiticeiros, só que não lançavam mais feitiços, nem mesmo um encanto para consertar a chaleira ou achar uma agulha perdida.” Meu pai indagou: “O povo de Narveduen não estava preocupado?” E o capitão disse: “Não, eles pareciam indiferentes.” E, de fato, mesmo com doenças e uma colheita de outono pobre, ninguém se importava. Ele continuou... eu estava lá quando ele falou com o príncipe... “Eles eram como homens doentes que escutaram que morreriam dentro de um ano e dizem a si mesmos que isso não é verdade, que viverão para sempre. Eles perambulam sem olhar para o mundo.” Quando outros comerciantes retornaram, repetiram que Narveduen havia se

tornado uma terra pobre e tinha perdido as artes mágicas. Mas tudo isso eram meras histórias do Domínio, que são sempre estranhos, e apenas meu pai lhes deu ouvidos.

Arren se deteve, então prosseguiu:

– No ano-novo, no Festival dos Cordeiros que celebramos em Enlad, quando as esposas dos pastores chegam à cidade trazendo os primeiros filhotes dos rebanhos, meu pai chamou o feiticeiro Root para enunciar os feitiços de crescimento. Porém, Root voltou para nosso salão angustiado, pousou seu bastão no chão e confessou: “Milorde, não estou conseguindo.” Meu pai o questionou, mas ele dizia apenas: “Esqueci as palavras e os padrões.” Então meu pai foi até o mercado e enunciou os feitiços e o festival foi concluído. Mas eu o vi chegar ao palácio naquela noite, parecendo soturno e cansado. “Eu disse as palavras, mas não sei se elas tinham significado.” E realmente há problemas entre os rebanhos nesta primavera, ovelhas morrendo no parto, muitos cordeiros nascendo mortos e alguns são... deformados. – A voz fluida e ávida do menino morreu. Ele estremeceu ao proferir a última palavra e engoliu em seco. – Eu vi alguns deles. – Houve uma pausa. – Meu pai acredita que essa questão e a história de Narveduen mostram algum mal em ação em nossa parte do mundo. Ele deseja o conselho dos sábios.

– Seu envio até aqui prova que o desejo dele é urgente – comentou o arquimago. – Você é seu único filho, e a viagem de Enlad até Roke não é curta. Há mais para contar?

– Só algumas histórias das velhas das montanhas.

– O que dizem as velhas?

– Que todas as leituras da sorte que as bruxas fazem na fumaça e nas poças d’água revelam algum azar e que suas poções de amor falham. Porém, são pessoas sem magia verdadeira.

– Leituras da sorte e poções de amor não são evidências muito importantes, mas vale a pena escutar as mulheres mais velhas. Bem, sua mensagem será discutida pelos mestres de Roke. Contudo, eu não sei, Arren, que conselho poderiam dar ao seu pai. Enlad não é a primeira terra de onde tais notícias vêm.

A jornada de Arren desde o norte, passando pela grande ilha de Havnor e descendo pelo mar Interior até Roke, era a sua primeira viagem. Só nas últimas semanas ele vira regiões que não eram parte de sua terra natal, tomara

consciência da distância e diversidade e reconheceu que havia um mundo enorme além das agradáveis colinas de Enlad, com muitas pessoas. Ainda não estava acostumado a pensar de forma abrangente, por isso demorou um pouco para entender.

– De onde mais? – perguntou, um pouco abismado, pois nutria esperanças de levar para casa uma cura rápida para Enlad.

– No Domínio do Sul, primeiro. Recentemente, até mesmo no sul do Arquipélago, em Wathort. Não se pratica mais magia em Wathort, dizem os homens. É difícil saber ao certo. Aquela terra há muito tem sido rebelde, executando atos de pirataria, e dar ouvidos a um comerciante do Sul é dar ouvidos a um mentiroso, como se costuma falar. No entanto, a história é sempre a mesma: as fontes da magia têm secado.

– Mas aqui em Roke...

– Aqui em Roke não sentimos nada disso. Aqui somos protegidos da tempestade, da mudança e de qualquer acontecimento ruim. Protegidos bem demais, talvez. Príncipe, o que você fará agora?

– Voltarei a Enlad quando puder levar ao meu pai uma noção clara da natureza desse mal e de seu remédio.

Uma vez mais o arquimago o encarou, e dessa vez, mesmo com toda a sua formação, Arren desviou o olhar. Não sabia por quê, pois nada de rude havia naqueles olhos escuros. Eram imparciais, calmos, compassivos.

Todos em Enlad respeitavam seu pai. Homem algum jamais olhara o jovem daquele jeito, não como Arren, príncipe de Enlad, filho do príncipe reinante, mas como Arren apenas. Não gostava de pensar que temia o olhar do arquimago, só que não conseguia sustentá-lo. Parecia alargar o mundo uma vez mais à sua volta, e agora não era apenas Enlad que afundava na insignificância, mas ele próprio, pois, aos olhos do arquimago, o garoto era uma figura pequena, muito pequena, num vasto cenário de terras rodeadas pelo mar sobre as quais pairava a escuridão.

Ficou sentado cutucando o musgo vívido que crescia nas fendas das lajes de mármore, e logo disse, escutando a própria voz – que ganhara gravidade apenas nos últimos dois anos – soar fina e rouca:

– E farei conforme o senhor ordenar.

– Seu dever é para com seu pai, não comigo.

Seus olhos ainda estavam sobre Arren. O menino ergueu o olhar. Ao realizar seu ato de submissão, ele esquecera de si mesmo, e agora via o arquimago: o maior feiticeiro de toda Terramar, o homem que selara o Poço Negro de Fundaur, resgatara o Anel de Erreth-Akbe das Tumbas de Atuan e construíra a profunda muralha marinha de Nepp; o marinheiro que conhecia os mares de Astowell até Selidor; o único senhor dos dragões vivo. Lá estava ele ajoelhado ao lado de uma fonte, um homem baixo e não mais jovem, de voz tranquila, com olhos profundos como a noite.

Arren, que ainda estava sentado, ajoelhou-se formalmente às pressas.

– Milorde – disse, balbuciando –, deixe-me servi-lo!

Sua autoconfiança se fora, seu rosto estava ruborizado, sua voz tremia.

Em sua cintura ele carregava uma espada, em uma bainha de couro novo com ornamentos em vermelho e dourado. Mas a espada em si era lisa, com um cabo em forma de cruz feito de bronze prateado já desgastado. Pegou-a ainda embainhada e, de forma atabalhoada, ofereceu o cabo ao arquimago, como um vassalo faz ao seu príncipe.

Gavião não estendeu a mão para tocar o cabo. Olhou para a espada, depois para Arren.

– Isso é seu, não meu. E você não é servo de homem algum.

– Mas meu pai disse que eu poderia ficar em Roke até descobrir o que é esse mal e talvez aprender alguma arte. Eu não tenho habilidades, não acho que tenha poder, mas havia magos entre meus antepassados. Se eu pudesse, de alguma forma, aprender a ser útil para o senhor...

– Antes de seus antepassados serem magos, eles foram reis.

Ele se levantou e foi até Arren com passos silenciosos e vigorosos. Pegando a mão do menino, fez com que ele ficasse de pé.

– Agradeço sua oferta de serviço. Embora eu não a aceite agora, ainda posso vir a fazê-lo, quando tivermos nos aconselhado sobre essas questões. A oferta de um espírito generoso não é algo que se recuse levianamente. Tampouco a espada do filho de Morred deve ser facilmente posta de lado!... Agora vá. O rapaz que o trouxe aqui cuidará para que você coma, banhe-se e descanse. Vá.

Gavião empurrou Arren levemente entre as escápulas, uma liberdade que ninguém jamais tomara antes e que teria ofendido o jovem príncipe se viesse de

qualquer outra pessoa. Entretanto, o garoto sentiu o toque do arquimago com um frêmito de glória.

Era um menino ativo, mas nunca se entregara por inteiro a nada. Porém, agora suas profundezas foram despertadas.

Esquecendo-se das despedidas corteses, ele se apressou até o portão do pátio, desajeitado, radiante, obediente. E Ged, o arquimago, observou-o partir.

Sobre a autora

Ursula K. Le Guin nasceu em outubro de 1929 em Berkeley, na Califórnia, e é filha do antropólogo Alfred Kroeber e da escritora Theodora Kroeber. Estudou na Radcliffe College e na Universidade de Columbia e se casou, em Paris, com o jovem historiador Charles Le Guin.

A autora tem uma vasta obra, que inclui poesia, contos e romances, publicada e traduzida no mundo todo. Foi vencedora dos mais renomados prêmios da literatura fantástica: Hugo, Nebula, Locus, Asimov, Lewis Carroll, Shelf, World Fantasy, entre outros. Por *O feiticeiro de Terramar*, recebeu ainda o prêmio Horn Book, do jornal *The Boston Globe*.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[A Devorada](#)

[Capítulo 2](#)

[O muro ao redor do lugar](#)

[Capítulo 3](#)

[Os prisioneiros](#)

[Capítulo 4](#)

[Sonhos e histórias](#)

[Capítulo 5](#)

[Luz sob a colina](#)

[Capítulo 6](#)

[A armadilha para o homem](#)

[Capítulo 7](#)

[O Grande Tesouro](#)

[Capítulo 8](#)

[Nomes](#)

[Capítulo 9](#)

[O Anel de Erreth-Akbe](#)

[Capítulo 10](#)

[A fúria das trevas](#)

[Capítulo 11](#)

[As montanhas ocidentais](#)

[Capítulo 12](#)

[Viagem](#)

[Posfácio](#)

[Leia um trecho do próximo volume do Ciclo Terramar](#)

[Capítulo 1](#)

[A sorveira-brava](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)